

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO
ÁREA: MOVIMENTO HUMANO, CULTURA E EDUCAÇÃO

ANDERSON DA SILVEIRA FARIAS

**PROCESSO DE AMADURECIMENTO DE USO DO VAR NO FUTEBOL
BRASILEIRO: UMA ANÁLISE CONFIGURACIONAL DA EQUIPE DE
ARBITRAGEM**

Porto Alegre

2021

ANDERSON DA SILVEIRA FARIAS

**PROCESSO DE AMADURECIMENTO DE USO DO VAR NO FUTEBOL
BRASILEIRO: UMA ANÁLISE CONFIGURACIONAL DA EQUIPE DE
ARBITRAGEM**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências do Movimento Humano, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Orientador: Dr. Mauro Myskiw

Porto Alegre

2021

CIP - Catalogação na Publicação

FARIAS, Anderson da Silveira
Processo de amadurecimento de uso do VAR no futebol brasileiro: uma análise configuracional da equipe de arbitragem / Anderson da Silveira FARIAS. -- 2021.
96 f.
Orientador: Mauro Myskiw.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Configuração. 2. Futebol. 3. Profissional. 4. Arbitragem. 5. Árbitro Assistente de Vídeo. I. Myskiw, Mauro, orient. II. Título.

ANDERSON DA SILVEIRA FARIAS

**PROCESSO DE AMADURECIMENTO DE USO DO VAR NO FUTEBOL
BRASILEIRO: UMA ANÁLISE CONFIGURACIONAL DA EQUIPE DE
ARBITRAGEM**

SEÇÃO DE DEFESA

Conceito: _____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Flávio Py Mariante Neto
ULBRA

Profa. Dra. Janice Zarpellon Mazo
PPGCMH/UFRGS

Prof. Dr. André Luiz dos Santos Silva
ESEFID/UFRGS

Orientador: Prof. Dr. Mauro Myskiw
PPGCMH/UFRGS

Porto Alegre, 31 de maio de 2021.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradecer ao meu Orientador Dr. Mauro Myskiw, que não mediu esforços em me ajudar, principalmente em um momento difícil de minha vida, obrigado por ser está referência de excelência em todo o meu processo de aprendizagem.

Ao meu irmão Dr. Everton da Silveira Farias, meu maior incentivador, a pessoa que mais admiro e sempre foi um exemplo na minha vida, tu és e sempre será meu herói. A minha Irmã Aline da Silveira Farias, alguém que sempre acreditou no meu potencial e nunca deixou de me incentivar. Ao meu afilhado Ícaro Farias Barnasque, o lindão do dindo que nos encanta com suas historias, com seu amor e carinho. Ao meu sobrinho Ethan Volkveis Farias, o nanico do tio, que me acompanha por telefone, nos gramados do Brasil inteiro. A minha cunhada Gabriela Volkveis Farias pelo seu carinho e incentivo de sempre. VA Adriana Britto de Souza, minha esposa, obrigado por entender as horas de ausência e por todo o incentivo para conseguirmos concluir este sonho tão desejado. Alice de Souza Caumo, minha enteada, obrigado por estarmos juntos nestes momentos de dificuldades e felicidades. A minha filhota Clara Lopes Farias, meu presente divino, me acompanhou em todos os momentos, até aula assistiu comigo, minha parceirinha para tudo, obrigado por ser esta filha maravilhosa e deixar eu cuidar de você. Ao meu pai Loureno Dias Farias que foi um grande incentivador, para que eu me dedicasse aos estudos, nunca nos deixou faltar nada. A minha mãe Regina da Silveira Farias, quem nunca mediu esforços para que estudássemos e que infelizmente nos deixou um pouquinho antes da conclusão deste processo, momento muito difícil, mas vencemos mãe, obrigado.

Agradeço aos professores da banca examinadora, Profa. Dra. Janice Zarpellon Mazo, Prof. Dr. Flávio Py Mariante Neto e Prof. Dr. André Luiz dos Santos Silva, pelas contribuições na construção e aprimoramento deste trabalho e por terem aceitado participar deste momento especial.

Aos colegas do Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF/UFRGS), pelas contribuições e pela ajuda do meu crescimento intelectual, em especial a Raquel da Silveira e Marco Paulo Stigger, coordenadores do grupo e Mauro Ignácio e Walter Boehl colegas de muitas aulas e construções.

Agradeço a colaboração de todos os colegas e amigos árbitros que não mediram esforços para auxiliar na elaboração deste trabalho sempre que foi necessário. Também agradeço fortemente a Federação Gaúcha de Futebol (FGF), Comissão Estadual de

Arbitragem (CEAF/RS) da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) em nome de seu presidente Leonardo Gaciba o do Chefe do projeto VAR Sergio Corrêa.

RESUMO

Tomando como temática o atual debate sobre o Árbitro Assistente de Vídeo (VAR) na arbitragem do futebol, o objetivo deste trabalho foi compreender como membros da equipe de arbitragem do futebol profissional brasileiro (Série A, Masculino) têm vivenciado o processo de introdução do VAR e qual a sua direção em termos de equilíbrio de tensões na configuração numa perspectiva de seu amadurecimento. Esse objetivo foi abordado por uma pesquisa qualitativa, tendo em vista a referência da sociologia configuracional presente na obra de Norbert Elias. Participaram do estudo 12 árbitros de futebol, membros de equipes de arbitragem do Campeonato Brasileiro, Série A, Masculino, e 05 membros das equipes diretivas da Confederação Brasileira de Futebol. Para a realização da investigação foram utilizados dois procedimentos de produção de dados: entrevistas semiestruturadas e levantamento de documentos. As análises e interpretações realizadas possibilitaram compreender que a atuação um árbitro assistente de vídeo está inserida em modificações das configurações do futebol profissional e da própria equipe de arbitragem. Além disso, os resultados demonstram que a busca de equilíbrio de tensões relacionadas ao uso do VAR na configuração do jogo de futebol tem relações com as diferenciações de funções, o estabelecimento e a manutenção de uma linha de intervenção e uma sobreposição das experiências do trabalho da arbitragem em campo e na cabine do VAR.

Palavras-chave: Configuração; Futebol; Profissional; Arbitragem; Árbitro Assistente de Vídeo.

ABSTRACT

Taking as the theme the current debate about the Video Assistant Referee (VAR) in soccer refereeing, the objective of this work was to understand how members of the refereeing team of Brazilian professional soccer act in the Brazilian Soccer Championship of Serie A in the men's category promoted by Brazilian Football Confederation (CBF) has experienced the process of introducing the VAR and what is its direction in terms of balancing tensions in the configuration in a perspective of its maturation. This objective was approached by a qualitative research, considering the configurational sociology reference present in the work of Norbert Elias. Twelve soccer referees, members of refereeing teams that work in the Brazilian Championship and 05 members of the management teams of the Brazilian Football Confederation participated in the study. To performance the investigation, two data production procedures were used: semi-structured interviews and document survey. The analyzes and interpretations carried out made it possible to understand that the role of a video assistant referee is inserted in changes in the configurations of professional football and of the referee teams themselves. In addition, the results demonstrate that the search for a balance of tensions related to the use of the VAR in the configuration of the soccer game is related to the differentiation of functions, the establishment and maintenance of a line of intervention and an overlapping of the field work experiences of refereeing and in the VAR referee room.

Keywords: Configuration, Soccer, Professional; Refereeing; Video Assistant Referee.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Descrição dos árbitros entrevistados.....	35
Quadro 2 - Descrição dos dirigentes de arbitragem entrevistados.....	35
Quadro 3 – Membros da equipe do VAR, acesso às informações e responsabilidades.....	45
Quadro 4 – Descrição da configuração da arbitragem em partidas com protocolos VAR	48
Quadro 5 – Descrição da configuração da arbitragem em partidas com protocolos VAR	49

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** – Fluxograma 1 de correções de erro claro e óbvio que foi praticado ou de incidente/infração séria não foi percebido..... 51
- Figura 2** – Fluxograma 2 – processo de revisão da decisão. 51

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice 1 – Roteiro das entrevistas com árbitros e dirigentes	93
Apêndice 2 - Carta de apresentação e solicitação de autorização.....	94
Apêndice 3 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	95

LISTA DE ABREVIATURAS

AVAR1	Assistente 1 do Árbitro Assistente de Vídeo
AVAR2	Assistente 2 do Árbitro Assistente de Vídeo
AVAR3	Assistente 3 do Árbitro Assistente de Vídeo
CA-CBF	Comissão de Arbitragem da Confederação Brasileira de Futebol
CBF	Confederação Brasileira de Arbitragem
CEAF-RS	Estadual de Árbitros de Futebol do Rio Grande do Sul
FGF	Federação Gaúcha de Futebol
FIFA	Federação Internacional de Futebol
IFBA	International Football Association Board
RA	Assistente de Revisão (Review Assistant)
RENAF	Relação Nacional de Árbitros de Futebol
RO	Operador Replay (Replay Operator)
RRA	Área de Revisão do Árbitro
VAR	Árbitro Assistente de Vídeo (Video Assistant Referee)
VOR	Sala de Operação de Vídeo (Video Operation Room) – VOR

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	TEORIA CONFIGURACIONAL DE NORBERT ELIAS	21
2.1	SOCIOLOGIA CONFIGURACIONAL E INTERDEPENDÊNCIAS	21
2.2	RELAÇÕES PODER	22
2.3	<i>HABITUS</i> E ETIQUETAS	25
3	O ESPORTE E O AMADURECIMENTO DAS REGRAS	28
3.1	ESPORTE E PROCESSO CIVILIZATÓRIO	28
3.2	A BUSCA DA TENSÃO-EXCITAÇÃO E A EMERGÊNCIA DAS REGRAS	29
3.3	O AMADURECIMENTO DO DESPORTO E SUAS REGRAS.....	31
4	METODOLOGIA.....	34
4.1	PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	34
4.2	AS FONTES EMPÍRICAS DO ESTUDO	34
4.3	PROCEDIMENTOS DE PRODUÇÃO DE DADOS	36
4.4	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO	37
5	O PROTOCOLO VAR NA CONFIGURAÇÃO DA ARBITRAGEM	39
5.1	A TRAJETÓRIA DE ÁRBITROS ATÉ O VAR.....	39
5.2	O PROTOCOLO DO VAR NA CONFIGURAÇÃO DA ARBITRAGEM	44
5.3	DA CAPACITAÇÃO AO APRIMORAMENTO E A DOMINAÇÃO LEGÍTIMA DOS ÁRBITROS.....	53
5.4	O FUTURO DO VAR NOS INVESTIMENTOS EM TECNOLOGIAS E AUTONOMIA	62
6	O AMADURECIMENTO DO USO DO PROTOCOLO VAR.....	65
6.1	O VAR NA CONFIGURAÇÃO DO JOGO DE FUTEBOL PROFISSIONAL	65
6.2	O VAR NA CONFIGURAÇÃO DA EQUIPE DE ARBITRAGEM.....	72
6.2.1	<i>O VAR entre os árbitros do campo e os árbitros da VOR.....</i>	<i>72</i>
6.2.2	<i>O VAR entre estabelecimento, aceitação e manutenção de uma linha de intervenção</i>	<i>78</i>
6.2.3	<i>O VAR entre trabalhar ‘pensando na cabine’ e ‘no campo’</i>	<i>82</i>
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86

8 REFERÊNCIAS	89
APÊNDICES	92

1 INTRODUÇÃO

Esta investigação surge de indagações que se apresentam no contexto de minhas experiências como árbitro de futebol, nos circuitos profissionais brasileiros (Séries A, B, C, D e categorias de base). Desde 2007 iniciei como membro do quadro de arbitragem da Comissão Estadual de Árbitros de Futebol do Rio Grande do Sul (CEAF-RS) da Federação Gaúcha de Futebol (FGF). A partir desse momento, passei a trabalhar em diversas categorias, como juvenil, júnior, amador, terceira divisão, segunda divisão até estrear, em 2013, na primeira divisão, no Campeonato Gaúcho de Futebol ('o Gaúchão').

Em 2017 ingressei como membro da Relação Nacional de Árbitros de Futebol (RENAF) da Confederação Brasileira de Arbitragem (CBF), trabalhando como árbitro principal. Pela CBF, atuei em 15 jogos nesse ano, nessa função. Já em 2018, também passei a fazer parte de um sexteto de arbitragem¹, quando ocupei a função de árbitro adicional², trabalhando em 23 jogos do Campeonato Brasileiro (conhecido como 'Brasileirão'). No final desse ano totalizei a participação em 42 jogos. Em 2019, com a implementação do *Video Assistant Referee* ou Árbitro Assistente de Vídeo (VAR), na ausência do árbitro adicional/sextetos na Série A do Campeonato Brasileiro, atuei com mais frequência como árbitro principal noutras competições da CBF e da FGF, totalizando 52 jogos pela CBF, nesse ano.

Já na temporada 2020 os jogos chegaram a iniciar, mas com a pandemia de COVID-19, todos os campeonatos foram suspensos. Com os jogos parados, a FGF e a CBF, com o intuito de manter o nível de excelência dos membros das equipes de arbitragem realizaram ações de formação e de aperfeiçoamento, dos quais participei. Nesse ano, as partidas foram sendo retomadas gradativamente mediante a implementação de protocolos sanitários e em atenção às diretrizes governamentais. Pela FGF trabalhei como árbitro central em 5 jogos e como árbitro reserva em 3 partidas. Já pela CBF trabalhei como árbitro reserva em algumas partidas do 'Brasileirão' Masculino Série A, quando pude estar mais próximo da

¹ Sexteto Equipe fixa, composta, por seis membros, normalmente da mesma Federação, sendo um árbitro central, dois árbitros assistentes, dois árbitros adicionais e um árbitro reserva, designados para uma partida do Campeonato Brasileiro, Série A, Masculino.

² Árbitro adicional é responsável por auxiliar o árbitro central, principalmente nas infrações dentro da área penal, tem como funções informar lances como: se a bola entrou na meta ou não (gol ou não gol), faltas dentro ou fora da área penal, se a bola saiu ou não pela linha de meta (linha de fundo) e ainda auxiliar em outras situações no campo de jogo. Utiliza um sistema de rádio comunicador e uma bandeira eletrônica para se comunicar com sua equipe de trabalho. Fica posicionado sobre a linha de meta, ao lado esquerdo da goleira, podendo movimentar-se entre a linha da área penal e o poste esquerdo da meta.

implementação do protocolo VAR, mesmo que não tivesse atuado ‘na cabine’. Na temporada de 2020 atuei num total de 61 jogos.

Em janeiro de 2021 fui selecionado para realizar o curso de VAR, que capacita e habilita os árbitros de campo para a atuação na *Video Operation Room* ou Sala de Operação de Vídeo (VOR). Inicialmente realizei aulas teóricas *online* e, depois, participei de atividades práticas realizadas em Águas de Lindoia, São Paulo. Através de jogos e de simulações de situações de jogos, experimentei pela primeira vez o protocolo VAR como árbitro principal, em campo, e como árbitro assistente de vídeo (VAR), na VOR. Finalizado o processo de formação fui homologado como árbitro assistente de vídeo pela *Fédération Internationale de Football Association* ou Federação Internacional de Futebol (FIFA).

No campeonato Gaúcho de 2021 atuei pela primeira vez como Assistente 1 do Árbitro Assistente de Vídeo (AVAR1), no GRENAL 430. Me deparei com situações reais, tomando decisões no mínimo tempo e com a maior certeza possível, uma pressão psicológica intensa, essa amplificada pela responsabilidade de estar em um jogo desta magnitude. Na sequência, atuei novamente como AVAR1 em dois jogos de semifinal do Campeonato Gaúcho (Caxias X Grêmio e Internacional X Juventude).

A introdução do VAR na Série A do Campeonato Brasileiro de Futebol Masculino e, mais recentemente na Série A do Campeonato Gaúcho de Futebol Masculino, não apenas modificaram as oportunidades de trabalho dos membros do quadro de árbitros (como no meu caso), mas também trouxeram uma série de questionamentos sobre a arbitragem. Do ponto de vista técnico, o VAR se refere a presença de árbitros assistentes de futebol, cuja finalidade é analisar as decisões tomadas pelo árbitro principal e suplementar suas decisões, fazendo isso com a utilização de imagens de vídeo e de rádios para comunicação. Sua introdução foi incorporada em 2018 nos procedimentos da FIFA, a partir da decisão da *International Football Association Board* (IFBA), entidade que tutela e delibera alterações nas regras do futebol associado, que aprovou, no seu 132º Encontro Anual, o sistema VAR. Seu objetivo envolve minimizar os erros ou incidentes não percebidos de arbitragem, esses considerados graves e óbvios que tivessem impacto direto no rumo/resultados do confronto.

Neste momento introdutório importa dizer que a presença desse sistema/protocolo mudou o trabalho da arbitragem e, apesar de minha atuação recente, eu pude experimentar isso. Esta pesquisa se dedicou exatamente sobre esse tema: a compreensão dos processos de mudanças no trabalho da equipe de arbitragem de futebol, fazendo isso na perspectiva de uma análise configuracional, tendo como base a obra de Norbert Elias e o que o autor define como busca de um equilíbrio de tensões na configuração futebolística profissional para que ela se

sustente enquanto tal. Essa análise me pareceu importante porque comecei a perceber, na experiência de arbitragem, que a introdução do VAR passou a ser uma demanda para reduzir tensões (aumentar a eficiência, diminuir erros dos árbitros), mas ao mesmo tempo, passou a ser uma fonte de tensões.

Por exemplo, atuando numa partida de futebol ‘do Gauchão’ de 2019, válida pelas quartas de finais, jogo de volta, o me deparei com um lance ‘difícil’: Aos quatro minutos do segundo tempo, quando um jogador do time atacante lançou a bola para dentro da área adversária e, quando a bola estava em sua trajetória, dois jogadores, um de cada time, foram em direção dela; nesse instante o jogador da equipe defensora, com os braços, empurra pelas costas seu adversário dentro da área penal. A minha posição e a visão lateral me fizeram não ter dúvidas: apitei imediatamente ‘o pênalti’. Naquele momento não houve reclamações. Contudo, ao final da partida, alguns jogadores do time derrotado e desclassificado foram em direção à equipe de arbitragem para protestar, especialmente em relação ao pênalti marcado contra sua equipe. Isso ampliou a tensão naquela configuração.

Após o fim da partida, juntamente com a equipe de arbitragem, tive acesso às imagens gravadas da partida. Devido a presença de poucas câmeras e ângulos, o lance não foi filmado com clareza. Pela posição das lentes foi possível observar os jogadores de costas, um atrás do outro, sem ser avaliar a intensidade do empurrão. Imagens semelhantes foram publicadas pela mídia esportiva, especificamente o portal GloboEsporte.com³, com a seguinte descrição:

[o lance é mostrado pela primeira vez] É pênalti! É pênalti para o São Luiz! Amarelo para o Márcio! Vibração do torcedor do São Luiz! E como começa o segundo tempo, começa eletrizante, começa com pênalti! [o lance é novamente apresentado] Vamos ver o lance, vamos ver o lance! Por trás! [mostra um novo ângulo] Tem que ver se na hora do lançamento já não estava impedido o Tiago Alagoano. Foi empurrado! O árbitro em cima do lance marcou [o lance é apresentado pela terceira vez, com congelamentos] Fala Marcos [comentarista de arbitragem]. Pela repetição ali, a impressão que dá é que ele empurrou mesmo. Quando ele se preparou para dominar a bola foi empurrado pelas costas.

Comparando aquilo que percebi como árbitro e aquilo que foi descrito e destacado pelos comentaristas do veículo de comunicação, saí com a compreensão de que a decisão fora acertada e que o uso do VAR poderia ajudar a diminuir as tensões presentes no final do jogo, em torno daquela minha decisão que impactou diretamente no resultado da partida e, portanto, na vida de muitas pessoas. Afinal, como configuração, o futebol profissional compreende uma ampla cadeia de interdependências, com muitos interesses envolvidos, de diferentes fontes (jornalistas, técnicos, jogadores, torcedores e dirigentes). Nesse sentido, em algumas

³ Vídeo disponível em <https://globoesporte.globo.com/rs/futebol/campeonato-gaucha/jogo/27-03-2019/sao-luiz-sao-jose-rs.ghtml>

situações, uma decisão do árbitro não se relaciona apenas com o resultado de uma partida, pois está vinculado a garantia e continuidade de empregos, salários, contratos, patrocinadores, etc., isto é, uma complexa e ampla cadeia de interdependências.

A presença do VAR tem a expectativa de produzir um equilíbrio nessas tensões, mas não se trata de uma tarefa simples, em especial na escolha daquilo que será checado e, se for o caso, revisado, e dos usos das informações nas decisões dentro do campo, pelo árbitro principal, como destaca um coordenador de comissão de arbitragem e ex-árbitro brasileiro considerado de destaque:

Costumo dizer que o árbitro de vídeo precisa saber separar elefantes de formigas. Durante noventa minutos, vamos nos deparar com uma grande quantidade de formigas. Mas precisamos avisar o árbitro central quando houver um elefante. Uma jogada em que há evidência do erro (Wilson Luiz Ceneme, em entrevista concedida ao BLOG DO PVC, 2018⁴).

Um dos desafios da presença do árbitro assistente de vídeo na configuração do jogo e da própria equipe de arbitragem é saber a amplitude da intervenção, o que segundo o coordenador/ex-árbitro mencionado acima, não pode envolver as ‘formigas’, pois apenas aqueles problemas considerados mais significativos é que devem ser revisados, caso contrário ocorreriam perdas significativas na dinâmica da partida. Nas 3 vivências como árbitro assistente de vídeo que descrevi acima pude experimentar as tensões disso, na busca de um equilíbrio, o que foi investigado e analisado, no presente estudo, na relação com as leituras e estudos de obras de Norbert Elias e sua sociologia configuracional. Foi na relação com essa sociologia que comecei a desenvolver alguns questionamentos.

Conforme Elias (2008) as cadeias de interdependências estão ligadas entre si e qualquer movimento de umas delas acarreta mudanças de *habitus* e alterando suas cadeias. Relacionando isso ao campo de pesquisa que investiguei, passei a me questionar sobre se a implementação do sistema VAR acarretou novas mudanças dentro da configuração que faz parte de uma partida de futebol? Mais especificamente se a equipe de arbitragem tem um aumento no seu número de procedimentos e se isso modifica também sua configuração de hierarquia, havendo um reposicionamento do árbitro central e seu poder de decisão? Se esse novo protocolo de arbitragem, o VAR, que entra para alertar o árbitro de um possível erro cometido, tem relação com a modificação de um *habitus* de arbitragem, diante de novas tensões, situações que colocam os ‘homens de preto’ em diferentes condições perante todos

⁴ Wilson Luiz Seneme foi um árbitro do quadro FIFA. Apitou as finais do Campeonato Brasileiro e da Copa Sul-Americana em 2011. Atua como presidente da comissão de árbitros da Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL). Disponível em: <https://pvc.blogosfera.uol.com.br/2018/10/31/conmebol-diz-que-gol-do-river-foi-checado-pelo-var/>

aqueles agentes interligados naquele jogo? Se há um processo de modificação desse *habitus* de arbitragem, qual a direção que isso tem ocorrido?

Diante desse conjunto de interrogações, formulei a seguinte questão norteadora do estudo: como membros da equipe de arbitragem do futebol profissional brasileiro (Série A, Masculino) têm vivenciado o processo de introdução do VAR e qual a sua direção em termos de equilíbrio de tensões na configuração numa perspectiva de seu amadurecimento? E, tomando como referência essa interrogação, o objetivo deste trabalho foi compreender como membros da equipe de arbitragem do futebol profissional brasileiro (Série A, Masculino) têm vivenciado o processo de introdução do VAR e qual a sua direção em termos de equilíbrio de tensões na configuração numa perspectiva de seu amadurecimento.

O atendimento desse objetivo geral passará pelos seguintes objetivos específicos:

1. Descrever a forma como tem sido construído e introduzido os protocolos do VAR na Série A do Campeonato Brasileiro de Futebol (Masculino), tendo como referência a perspectiva de membros da equipe de arbitragem;
2. Conhecer os esforços de formação para o trabalho da equipe do VAR e em relação a este, considerando as vivências de membros da equipe de arbitragem em tais espaços de formação;
3. Identificar, a partir da narrativa de membros da equipe de arbitragem, as principais mudanças no trabalho diante da implementação do VAR, nas práticas dentro e fora do campo, antes e depois das partidas;
4. Conhecer as principais tensões decorrentes da implementação do VAR na arbitragem e a busca do equilíbrio dessas tensões, isso na perspectiva dos árbitros; e
5. Identificar direções do processo de amadurecimento de uso do VAR a configuração do futebol profissional brasileiro, Série A, Masculino.

A construção da dissertação em torno desses objetivos foi realizada e organizada em capítulos que representam meu processo de estudos e desenvolvimento das descrições e análises. No próximo capítulo (2) apresento noções da teoria configuracional de obras de Norbert Elias, passando, na sequência (capítulo 3), para a descrição da produção desse autor juntamente com Eric Dunning, a respeito do fenômeno esportivo, em especial da questão da seriedade e do amadurecimento do jogo e das suas regras. Essas definições foram decisivas para que eu pudesse definir e construir uma proposta metodológica de investigação, o que apresentado no capítulo 4.

Os dois capítulos seguintes (5 e 6) trazem a descrição e as análises do estudo. Inicialmente abordam a introdução do protocolo VAR na arbitragem brasileira, abordando questões como configurações pelas quais os árbitros passam até chegar a terem contato com o protocolo; trajetórias de constituição do protocolo, suas características principais, envolvendo os esforços de capacitação e de aperfeiçoamento, assim como prospecções sobre seu futuro. Na sequência me dedico a descrever e analisar o uso do VAR nas configurações dos jogos de futebol e das equipes de arbitragem de futebol, tendo em vista a busca de um equilíbrio de tensões e direções no processo de amadurecimento.

2 TEORIA CONFIGURACIONAL DE NORBERT ELIAS

Apresento, neste capítulo, alguns dos principais conceitos da sociologia desenvolvidos na teoria de Norbert Elias, como cadeia de interdependência, relações do poder, configurações, *habitus*, etiqueta, que foram de fundamental importância para a construção do trabalho, contribuindo para o estudo sociológico do esporte.

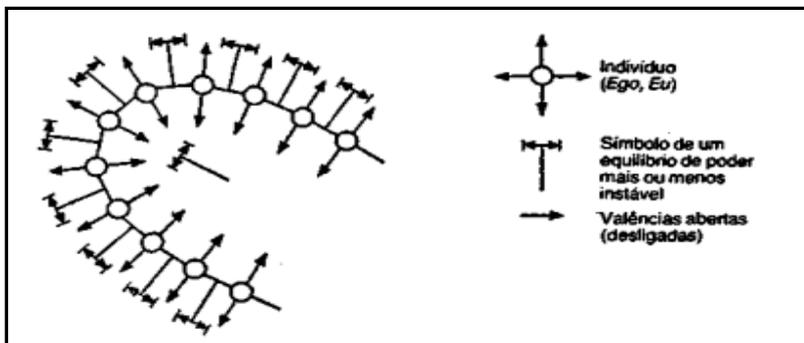
2.1 Sociologia configuracional e interdependências

De acordo com Elias (2008) a sociologia trata dos problemas da sociedade, sendo que esta é formada por nós e pelos outros. Para ele, ao estudarmos e pensarmos, acabamos percebendo que somos membros, desta forma pensarmos na sociedade contemporânea é encarar os seres humanos não como indivíduos dentro de uma sociedade. Em contraponto a essa concepção de sociologia, o autor faz a seguinte ponderação:

Olhando mais de perto o chamado “meio ambiente” da criança, vemos que ele consiste primariamente noutros seres humanos, pai, mãe, irmãos e irmãs. Aquilo que conceptualizamos como sendo a “família”, não seria de todo uma família se não houvesse filhos. (ELIAS, 2008, p.13)

A partir dessa ponderação, Elias (2008) passa a questionar os conceitos como família ou escola, pois eles se referem essencialmente a grupos de seres humanos interdependentes, aquilo que o autor denomina de configurações específicas que as pessoas formam umas com as outras, tal como está ilustrado na figura 1 abaixo.

Figura 1 – Representação de indivíduos interdependentes (“família”, “estado”, “grupo”, “sociedade”)



Fonte: Elias (2002, p. 15)

Esse diagrama, nas palavras de Elias (2008, p. 15), ajuda a transpor

[...] a frágil barreira de reificação de conceitos que distorce a nossa própria vida em sociedade, dificultando até mesmo sua compreensão. Tal reificação é um encorajamento constante à ideia de que a sociedade é constituída por estruturas que nos são exteriores - os indivíduos - e que os indivíduos são simultaneamente rodeados pela sociedade e separados dela por uma barreira invisível. Como veremos, estas concepções tradicionais serão substituídas por uma visão mais realista das pessoas que, através das suas disposições e inclinações básicas são orientadas umas para as outras e unidas umas às outras das mais diversas maneiras. Estas pessoas constituem teias de interdependência ou configurações de muitos tipos, tais como famílias, escolas, cidades, estratos sociais ou estados.

Para Elias (2008), as expressões minha aldeia, minha universidade, meu país, minha classe, são constituídas de uma rede de indivíduos interdependentes, sendo que nós sempre pertencemos a esses indivíduos. Nesse sentido, é significativo entender o constrangimento que estas estruturas sociais exercem sobre aqueles indivíduos que as formam.

Assim, para Elias (2008), uma das tarefas fundamentais da sociologia é adquirir uma base e confrontar o conhecimento dos processos humanos e sociais, em busca de uma tarefa semelhante à emancipação, também nesta esfera as pessoas verificam que estão sujeitas a forças que as compelem. O primeiro passo, segundo autor, é compreender as forças sociais e de fato as forças exercidas pelas pessoas sobre as outras pessoas e sobre elas próprias, isso como um processo de longo prazo.

A teoria elisiana como prática sociológica, portanto, envolve reconhecer a si próprio no meio de outros seres humanos e reconhecer a sociedade como figuração social. Um primeiro aspecto fundamental dessa teoria é a não separação do indivíduo e sociedade, pois os indivíduos se relacionam de forma interdependente e que são tributários e dependentes uns dos outros. O segundo aspecto é a necessidade de base empírica sólida, que apresente as cadeias de interdependência.

A não separação entre indivíduo e sociedade, Elias (1994) trata ambos os conceitos como aspectos inter-relacionados da trama social, devemos considerar, os dois conceitos como processos, para que este processo social seja entendido também como movimento social, ao qual os indivíduos se interpenetram, que só é possível definir em todos os momentos da vida, seja coletiva ou particular o ser humano como individuo social.

2.2 Relações poder

Para Elias (2001a) existem diversas questões que podem ser estudadas nas configurações presentes e do passado, mas, para o autor, as mais importantes são as relações

de poder. Na lógica da sociologia configuracional, existem uma série de relações de poderes nas redes de interdependências, e, segundo o autor,

Sem definição e sem explicação das relações de poder no seio de um grupo, os grupos de macrosociologia ou de microsociologia permanecem incompletos, vagos e finalmente estéreis. As transformações das relações de poder e sua explicação pedem uma atenção toda especial. (ELIAS, 2001a, p. 154).

O poder se manifesta de várias formas uma delas, é a que um grupo considerado superior assume o papel de dominante perante outro grupo. Um ótimo exemplo de relações de poder na obra elisiana está presente no trabalho intitulado “Estabelecidos e *Outsiders*”, realizado juntamente com John Scotson (ELIAS; SCOTSON, 2000). Nessa obra os autores abordam as relações de poderes, numa configuração, que possibilitam a um grupo se dizer melhor do que outro e a um reconhecimento social disso. Para os autores, essa

[...] é a auto-imagem normal dos grupos que, em termos do seu diferencial de poder, são seguramente superiores a outros grupos interdependentes. Quer se trate de quadros sociais, como os senhores feudais em relação aos vilões, os “brancos” em relação aos “negros”, os gentios em relação aos judeus, os protestantes em relação aos católicos e vice-versa, os homens em relação às mulheres. (ELIAS; SCOTSON, 2000, p.19).

Elias e Scotson (2000), através do estudo realizado em Winston Pavan, mostram que um povoado de classes trabalhadoras, mais antigo, não se relaciona com outros povoados de trabalhadores que eram mais novos naquela região, isto tudo por se acharem poderosos, até mesmo por acharem ser superiores aos demais, assim como serem pessoas melhores que as de outros povoados. Essa compreensão se relaciona com o fato dessas pessoas compartilharem das mesmas formas de pensarem e das suas atividades do cotidiano, achando que sua cultura é superior as dos outros grupos, sendo assim fazendo com que sejam um grupo coeso e fazendo com que os outros grupos se sintam inferiores por não ter esta coesão entre os membros de seu próprio grupo.

Nas palavras dos autores,

[...] nessa pequena comunidade, deparava-se com o que parece ser uma constante universal em qualquer figuração de estabelecidos outsiders: o grupo estabelecido atribuía a seus membros características humanas superiores; excluía todos os membros do outro grupo do contato social não profissional com seus próprios membros; e o tabu em torno desses contatos era mantido através de meios de controle social como a fofoca elogiosa [*praise gossip*], no caso dos que o observavam, e a ameaça de fofocas depreciativas [*blame gossip*] contra os suspeitos de transgressão. (ELIAS; SCOTSON, 2000, p.20).

Para Elias e Scotson (2000) isso ocorria mesmo que a configuração destes povoados basicamente tivesse as mesmas características, como renda, ascendência étnica cor e raça,

grau de escolaridade, nacionalidade ou até mesmo a configuração de suas residências. A única diferença era que o povoado mais antigo estava na sua segunda ou terceira geração, tratando com menosprezo e com inferioridade os grupos mais novos. A antiguidade desse grupo dava o subsídio para criar o grau de coesão grupal mais intenso, induzindo quem acompanha a consciência de pertencer ao grupo superior, sendo que, neste caso, o grau de coesão interna e o controle comunitário desempenhava um papel decisivo na relação de força entre um grupo e outro.

Assim, segundo os autores, as relações de poder para definir os melhores (estabelecidos) dos outros (*outsiders*)

Baseava-se no alto grau de coesão de famílias que se conheciam havia duas ou três gerações, em contraste com os recém-chegados, que eram estranhos não apenas para os antigos residentes como também entre si. Era graças a seu maior potencial de coesão, assim como à ativação deste pelo controle social, que os antigos residentes conseguiam reservar para as pessoas de seu tipo os cargos importantes das organizações locais, como o conselho, a escola ou o clube, e deles excluir firmemente os moradores da outra área, aos quais, como grupo, faltava coesão. Assim, a exclusão e a estigmatização dos *outsiders* pelo grupo estabelecido eram armas poderosas para que este último preservasse sua identidade e afirmasse sua superioridade, mantendo os outros firmemente em seu lugar. (NORBERT; SCOTSON, 2000, p.22).

Sobre a figuração estabelecidos-*outsiders*, um grupo com os índices de coesão maior que os outros grupos contribui para seu excedente de poder. Sendo assim, essa maior coesão permite que este grupo acabe reservando posições sociais com potencial de poder mais elevado, para os membros do seu grupo, assim como acaba excluindo destas posições membros de outros grupos reforçando cada vez mais o poder de seu próprio grupo. Além disso,

[...] o grupo estabelecido tende a atribuir ao conjunto do grupo *outsider* as características “ruins” de sua porção “pior” - de sua minoria anômica. Em contraste, a auto-imagem do grupo estabelecido tende a se modelar em seu setor exemplar, mais “nômico” ou normativo - na minoria de seus “melhores” membros. Essa distorção *pars pro toto*, em direções opostas, faculta ao grupo estabelecido provar suas afirmações a si mesmo e aos outros; há sempre algum fato para provar que o próprio grupo é “bom” e que o outro é “ruim”. (ELIAS; SCOTSON, 2000 p. 22 e 23).

Nesta configuração alguns fatos citados pelo autor Elias e Scotson (2000) merecem uma atenção, quando, um certo, grupo consegue lançar um certo estigma sobre o outro, fazendo com que os moradores da parte mais nova fossem tomados como inferiores ao da parte mais antiga de moradores. Aqueles ainda acabavam de certa forma fixando em outros grupos o rótulo de inferioridade humana fazendo a formação da função figuracional específica entre estes dois grupos.

Em Winston Parva, como em outros lugares, viam-se membros de um grupo estigmatizando os de outro, não por suas qualidades individuais como pessoas, mas por eles pertencerem a um grupo coletivamente considerado diferente e inferior ao próprio grupo. Portanto, perde-se a chave do problema que costuma ser discutido em categorias como a de “preconceito social” quando ela é exclusivamente buscada na estrutura de personalidade dos indivíduos. Ela só pode ser encontrada ao se considerar a figuração formada pelos dois (ou mais) grupos implicados ou, em outras palavras, a natureza de sua interdependência. (ELIAS; SCOTSON, 2000 p.23).

Um equilíbrio instável de poder, assim como tensões, são partes fundamentais dessa figuração segundo Elias e Scotson (2000). Para estigmatizar com eficácia um outro grupo de *outsider*, o grupo de superior tem de estar bem estabelecido, com posições de poder, fazendo sempre com que os grupos dos excluídos estejam longe destas posições. Uma das estratégias é sempre e afixar o valor humano inferior a outro grupo, tudo isso para disputar o poder e manter para seu grupo a sua superioridade social, isto faz com que o grupo mais poderoso atinja a autoimagem enfraquecendo e desarmando o grupo dos menos poderoso.

Consequentemente, a capacidade de estigmatizar diminui ou até se inverte, quando um grupo deixa de estar em condições de manter seu monopólio das principais fontes de poder existentes numa sociedade e de excluir da participação nessas fontes outros grupos interdependentes - os antigos *outsiders*. Tão logo diminuem as disparidades de força ou, em outras palavras, a desigualdade do equilíbrio de poder, os antigos grupos *outsiders*, por sua vez, tendem a retaliar. (ELIAS ; SCOTSON, 2000, p.24).

2.3 *Habitus* e Etiquetas

De modo relacionado às relações de poder, outros dois conceitos importantes para compreender a teoria configuracional elisiana são *habitus* e etiquetas. Para trazer uma compreensão desses dois conceitos, lanço mão de alguns aspectos constantes na obra “Sociedade de Corte” (ELIAS, 2001b).

Elias (2001b), ao estudar a Corte Real do *Ancien Régime*, percebeu que formas sócias são um grande campo para investigações sociológicas. O Estado de regime absolutista, onde os príncipes reinavam e excluía amplamente as assembleias, faz parte deste campo de investigação do autor sobre o acúmulo de suas duas funções: a de instância máxima de estruturação da grande família real; e a de órgão central da administração do Estado como um todo, ou seja, a função de governo.

Na Sociedade de Corte, príncipes, ajudantes e governantes, conforme Elias (2001b), não tinham relações e tarefas pessoais ou profissionais e ainda não eram especializadas ou diferenciadas como viriam a ser posteriormente nos Estados nacionais industriais. Nos

Estados nacionais, para Elias (2001b), a crescente separação entre homens e mulheres mais poderosos, conforme seus interesses pessoais ou mesmo interesses oficiais a cada dia é mais evidente. Fatos esses ligados aos órgãos de controle público, na forma parlamentarista, da imprensa, da justiça ou dos partidos políticos concorrentes. Mas nas sociedades de Estado dinásticas, com suas elites e cortes, a unidade em torno dos interesses pessoais e oficiais não era muito evidente.

Conforme Elias (2001b) a centralização do poder em uma única posição social, a do monarca que sobrepunha todas as outras posições, não era somente uma evolução das sociedades europeias. Assim como nos reinos da antiguidade, na China, na Índia e na França, a corte dos monarcas e a sociedade de gente da corte constituía uma formação de elite poderosa e cheia de prestígio. Tal centralização de poder estava vinculada ao fato da crescente monopolização das duas fontes decisivas de poder para aqueles indivíduos singulares em posição central: os impostos e o poderio militar.

Esses indivíduos singulares, segundo Elias (2001b), tinham um papel em destaque, pois eram especialmente significativos pelas suas realizações perante o Estado ou até mesmo para outro grupo, normalmente eram pessoas com grande poder, em alguma posição social privilegiada, tal como imperadores, reis, príncipes, duques e muitos outros membros das casas reais. Eles concentravam o poder em suas posições, mediante o grande poder de manobras que detinham e, assim, acabavam facilmente se sobressaindo sobre as grandes massas dos homens. Grandes líderes de exércitos, que obtiveram grandes conquistas ou até mesmo derrotas, assim como ministros de Estado e outros auxiliares, que tiveram um papel destacável no governo com grandes articulações ou com a criação de instituições, também merecem serem destacados na história como indivíduos singulares (ELIAS 2001b).

Um dos aspectos centrais nas manobras e articulações era justamente aquilo que se denomina de etiquetas. Segundo Elias (2001b), existe a necessidade de os nobres formarem uma elite, cujo desaparecimento equivaleria a sua destruição. Tudo depende das necessidades de dominação do rei, com um desejo de segregação por partes destes grupos de elite. Sabendo que este é o ponto fraco, o rei sempre vai utilizar deste artifício para manter os nobres submissos, ainda utilizando a necessidade de autoafirmação por parte destes grupos fortalece a dominação do rei encaixando-se os elos de uma corrente que envolve a nobreza.

Dessa forma, para Elias (2001b), a interdependência e as correntes entre os nobres têm um grande alcance, que atinge até mesmo o rei, que é considerado como parte desta nobreza ou o primeiro entre os nobres, sendo que o próprio rei se coloca como parte e como o chefe da

nobreza, mas sempre se colocando à frente dela. Desta forma, para o rei, a etiqueta não é somente um instrumento de distanciamento, mas também um instrumento de dominação.

Uma etiqueta, para Elias (2001b), não se trata de mera cerimônia ou procedimento, mas um instrumento de dominação dos súditos. Para o povo realmente acreditar no poder não basta o rei ter o poder de direito, pois o poder deve aparecer de fato explicitamente da figura de seu possuidor, sendo preciso ver para crer, e quanto mais o soberano se mantiver distante, maior será o respeito que o povo lhe confere. Está aí o papel de grande relevância das etiquetas, aquelas que produzem concretamente as distâncias e as posições sociais incorporadas na forma do que o autor denomina de *habitus* (uma segunda natureza).

Para entendermos um instrumento de poder, segundo Elias (2001b), é importante considerar a estrutura do espaço onde ele é exercido. No caso da obra Sociedade de Corte, foi preciso investigar a Corte como estrutura de dominação, sabendo que ela também prescreve vias ou meios de dominação específicos, e que se pode exercer o controle nela ou a partir dela. Todavia, a Corte constitui em uma parte de domínio do rei, sendo que esta estrutura é a mais ampla, embora ela não represente a totalidade é por meio dela que o rei governa.

Para Elias (2001b) todos os indivíduos estão submetidos a pressão vinda de baixo, dos lados e de cima, somente o rei não experimenta uma pressão vinda de cima, ele se encontra em uma situação única dentro da corte. Contudo, a pressão dos ocupantes dos níveis mais baixos não é insignificante, até mesmo seria insustentável se todos os grupos sociais da corte agissem na mesma direção e contra o rei. O rei na Corte, segundo Norbert (2001b), tem a tarefa muito específica em seu governo, que é a de vigiar continuamente para que as tendências divergentes dos cortesãos sempre operem a seu favor.

O rei, dessa forma, dividia e governava, mas não se limitava a dividir somente e sim ponderava exatamente as relações de força entre os membros da corte e arquitetava um balanceamento cuidadoso de equilíbrio de tensões. Isso se concretizava a partir da pressão e da reação à pressão, que se produzia na Corte, demonstrando que o rei sempre protege aqueles que lhes devem tudo e não são nada sem ele, fortalecendo sempre este elo de ligação.

O rei utilizava as numerosas festas, passeios e excursões como um meio de recompensar e castigar aqueles a quem convidava ou não. Como percebia que não dispunha de graças suficientes para conceder a ponto de causar uma impressão favorável permanente, substituiu as recompensas reais por imaginárias, pela incitação de ciúmes, por pequenos agrados cotidianos, por seu favorecimento. Nesse aspecto, ninguém era mais inventivo do que ele. (ELIAS, 2001b, p.134 e 135).

3 O ESPORTE E O AMADURECIMENTO DAS REGRAS

Neste capítulo procuro trazer uma compreensão da emergência do esporte como uma configuração social, na linha do que vim apresentando no capítulo anterior sobre a perspectiva sociológica presente na obra de Norbert Elias. Agora, tendo o esporte e o amadurecimento das regras como questão para destacar, continuo fazendo a partir da obra de Norbert Elias.

3.1 Esporte e processo civilizatório

Foi na Inglaterra, segundo Elias (1992), que, há alguns séculos, atividades de divertimento e de passatempos passaram a utilizar os termos *sport* e *disport*.

Em a *Survey of London*, escrita no século XVI, temos conhecimento do espectáculo realizado por cidadãos, para a diversão dos jovens príncipe Ricardo, ou sobre o divertimento e passatempos que se costumavam realizar anualmente, primeiro na festa de Natal... Havai na casa dos reis...um “senhor da desordem”, ou “mestre de joviais”. desporto. (ELIAS 1992, p. 223)

A transição dos passatempos a desportos, a desportivização, se é que posso utilizar esta expressão como abreviatura de transformação dos passatempos em desportos, ocorrido na sociedade inglesa, e a exportação em escala quase global, é outro exemplo de um avanço de civilização. (ELIAS 1992 P.42 e P.43).

O termo desporto no decurso do tempo, conforme Elias (1992), acabou sendo padronizado como um termo para formas específicas de recreação, que o papel principal era desempenhar o esforço físico, estas formas específicas de um tipo de recreação que se desenvolveu primeiramente na Inglaterra e depois se espalhou para o mundo todo. Em resumo a desportivização, para esse autor, tem um carácter de um impulso civilizador comparável, na sua orientação global, à curialização dos guerreiros, onde tem um papel significativo as minuciosas regras de etiqueta.

A tendência muito divulgada de explicar quase tudo aquilo que ocorreu no século XIX como o resultado da Revolução Industrial faz com que as explicações sejam pouco cautelosas. Isso porque, segundo Elias (1992), as pessoas acabaram se adaptando ao processo que fundamenta a expressão na submissão tanto dos sentimentos como de suas ações a um horário regulador minuciosamente diferenciado como na responsabilidade, a que era dificilmente de escapar, em termos de dinheiro. Falando de uma maneira geral a transformação que forçou os seus membros de uma lenta e crescente regularidade e sensibilidade. Diante disso, é possível afirmar que as sociedades europeias sofreram este impacto desde o século XV em diante, um sinal de que os países continentais necessitavam

cada vez mais de atividades de recreação mais ordenadas, de maior regulamentação e menor violência física na sociedade em geral. Por isso, foi a rápida aceitação deste tipo de passatempos e desporto no seu cotidiano.

Por outras palavras, sob a forma de desporto, os confrontos de jogos envolvendo esforços musculares atingiram um nível de ordem e de autodisciplina nunca alcançados até ai. Além disso, sob a forma de desporto as competições integraram um conjunto de regras que asseguravam o equilíbrio entre a possível obtenção de uma elevada tensão na luta e uma razoável proteção contra os ferimentos físicos. (ELIAS, 1992, p. 224)

3.2 A busca da tensão-excitação e a emergência das regras

Já a respeito dos campos de Londres, seria fácil se alguém encontrasse em alguma crônica do século XII, segundo Elias (1992), o relato, de que jovens se reuniam para jogar bola. Sobre isso, certamente iria se presumir que eles já estavam jogando o mesmo jogo que, sob o nome de futebol, passou a ser um dos maiores jogos da Inglaterra e propagado pelo mundo todo. Mas, alerta o autor, não podemos tratar de uma forma idêntica, uma atividade de lazer que temos em nosso próprio tempo, com a mesma atividade de lazer de um passado bastante distante, como por exemplo, o jogo de bola do século XII com o futebol do passado século XIX e século XX. Esse tratamento idêntico iria impedir que se colocasse no centro das investigações as seguintes perguntas: de que maneira e por que é que jogar bola com uma grande bola de couro se desenvolveu para esta forma particular? Ele também impede que se pergunte, como e por que é que se sustentam as regras e convenções particulares que determinam e desenvolvem a conduta dos jogadores quando estes estão na partida e sem as quais o jogo não seria o futebol que conhecemos? Ou por que as tais regras, sem as quais não se poderia possibilitar a estrutura, a manter e controlar o jogo, desenvolveram formas particulares de organização?

A respeito de todas estas questões, o treino, o estudo e a observação a que aplicamos agora o termo “sociológico” dirigem a atenção para problemas e, por consequência, para a demonstração, a qual nem sempre é considerada como possuindo a relevância fundamental dentro da tradição dominante do escrever história. A história dos sociólogos não é história dos historiadores. Prestar atenção às regras e normas que governam o comportamento humano, num tempo. E às organizações no interior das quais essas regras são mantidas e a sua observância controlada passou a ser um trabalho bastante comum das investigações sociológicas. (ELIAS, 1992 p.227)

Segundo Elias (1992), as regras e normas esportivas como elas se tornam naquilo que elas são num dado momento, é um problema que não é explorado, com frequência de maneira sistemática. Existem indivíduos que utilizam parte do seu tempo de lazer na

participação de confrontos não violentos, que para reduzir danos físicos ao mínimo, são formados por regras, sendo assim obrigando seus participantes a manter um certo comportamento e assim denominados estas atividades como desporto. Há um amplo conjunto de pessoas que praticam algum tipo de desporto que, por sua vez, institui a seus participantes regramentos e fazem com que eles tenham comportamentos adequados.

Para Elias (1992) ainda procuramos entender que espécie de sociedade é esta onde as pessoas, em número cada vez maior, sentem prazer em praticar provas físicas e confronto de tensões entre indivíduos ou equipes, e na excitação criada por estas competições, sendo que os as pessoas estão envolvidas como atores ou espectadores, fato este que leva cada vez mais, atividades lúdicas a se tornarem desporto. Isso tudo, por causa do turbilhão de emoções que essas atividades envolvem seus participantes, se torna necessário que se tenha que buscar regras para organizarem e manter um certo nível de comportamento de seus participantes.

Se compararmos os jogos populares realizados com bola nos finais da Idade Média, ou até nos inícios dos tempos modernos, como o futebol e o raguebi, os dois ramos do futebol inglês que emergiram no século XIX, pode notar-se que existe um aumento da sensibilidade em relação a violência. A mesma mudança de orientação pode ser observada no caso do desenvolvimento do boxe. As formas mais antigas de pugilato, uma maneira popular de resolver conflitos entre os homens, não eram inteiramente desprovidos de regras. Porém, o uso dos punhos desprotegidos era acompanhado, frequentemente, pela utilização das pernas como uma arma. O padrão popular de luta desarmada envolvendo os punhos, ainda que não estivesse totalmente desprovido de regras, era bastante flexível. A luta com os nos dos dedos desprotegidos, como muitos outros combates corporais, assumiu as características de um desporto em Inglaterra, onde foi, pela primeira vez, sujeito a um rigoroso conjunto de regras que, entre outras coisas, eliminava por completo, o uso das pernas como armas. (ELIAS, 1992, p. 42).

Em alguns desportos, para Elias (1992), são visíveis as mudanças, como o aumento da sensibilidade no boxe, por exemplo, acompanhado da introdução de luvas e, logo após, o acolchoamento delas, assim como a criação de categorias de jogadores de boxe, garantindo um nível de igualdade e oportunidade, entre seus participantes. Mas, de fato, essa forma de luta popular somente se tornou um desporto com as formas mais estritas das regras, com o aumento da proteção dos lutadores em face do aumento do autocontrole e da maior sensibilidade e intolerância à violência explícita.

Neste contexto, o que merece alguma discussão é a questão de saber por que razões é que a civilização dos jogos de competição e a restrição da violência efetuada sobre os outros, alcançadas através de regras sociais que exigem uma certa grandeza de autocontrole, se desenvolveram, em primeiro lugar, em Inglaterra. A aceitação relativamente rápida dos modelos do desporto inglês pelos outros países parece indicar que aí existia também a necessidade de competições que envolvessem esforços físicos reclamando uma grande capacidade de sublimação, uma firme

regulamentação e menor violência, e, contudo, mantendo-se agradáveis. (ELIAS, 1992, p.45).

Segundo Elias (1992) os confrontos esportivos realizam a satisfação de espectadores. Dessa forma, não estava confinado somente ao participante isolado, e também o esforço principal não era somente feito por seres humanos, pois podia ser realizado por animais, por procuração. Exemplo disso é a esportivização da caça à raposa, durante o século XVIII, entre as classes de proprietário de terras inglesas. O autor demonstra na caça à raposa, que os seres humanos não levavam a raposa para a mesa, não comiam mesmo depois de ter caçado, demonstrando uma certa desvalorização a morte do animal. Caçar se tornou realmente um prazer quando se assegurava um tempo longo de antecipação, sendo este o clímax da atividade, esta era a vitória sobre a raposa.

Tal como no caso do futebol, sem um período de antecedência do prazer bastante extenso e excitante, o clímax da vitória perde alguma coisa da sua sedução. Ainda que pouco notada, esta enorme ênfase colocada na agradável tensão-excitação da fase que antecede o prazer, isto é, a tentativa de prolongar o ponto essencial do prazer da vitória no confronto simulado do desporto, era sintomática de uma mudança de grande alcance na estrutura da personalidade dos seres humanos. Por sua vez, isto estava fortemente relacionado com mudanças específicas verificadas na estrutura da sociedade em geral. (ELIAS, 1992, p. 48)

3.3 O amadurecimento do desporto e suas regras

Espaços lúdicos, para Elias (1992), são lugares onde se tornam momentos nos quais as pessoas extravasam emoções reprimidas na vida séria, onde estes indivíduos podem gritar, muita das vezes, xingar e discutir com seus adversários de torcida, quando podem ameaçar os mesmos e até mesmo criar um clima de provocação e de guerra. Mas tudo isto com limites e regras. Todos os participantes têm a consciência que ali é um local onde podem extravasar, mas não se pode perder as estribeiras, partir para a violência ou algo semelhante a desordem, ao mesmo tempo que esses torcedores sabem que estão em seu momento de êxtase, sabem também que não pode se ultrapassar os limites exigidos. É uma configuração de um descontrolo controlado.

A construção social do equilíbrio de tensões que caracteriza essa experiência de descontrolo controlado envolve processos, muitos deles, de longa duração. Isto significa, para Elias (1992), o amadurecimento do desporto e, em participar, das regras do jogo ao qual as pessoas estão participando. Não por acaso o regramento vem, ao longo do tempo, se transformando. Com o passar do tempo expectadores e atletas vêm se adaptando às novas

mudanças das regras e dos códigos de ética de determinados desportos, sabendo tanto os espectadores e atletas que deve respeitar e se adaptar a esses novos conceitos do desporto.

Em vista do amadurecimento – que corresponde a novos padrões de autocontrole emocional – esportes em que eram comuns atos de violência física, segundo Elias (1992), com o passar do tempo, esta violência foram perdendo espaço, isso porque as adaptações das regras vêm modificando e diminuindo a violência, o que não significa a ausência de contatos físicos.

Como afirmamos, um desporto, seja ele qual for, é uma actividade organizada, centrada num confronto entre, pelo menos, duas partes. Exige esforços físicos de certo tipo e é disputado de acordo com regras conhecidas, incluindo, onde se revelar apropriado, regras que definem os limites autorizados de força física. O grupo de participantes é organizado de tal maneira que em cada momento ocorre um padrão específico de dinâmica de grupo – um padrão que é flexível, umas vezes mais, outras vezes menos, e, por isso, variável e, de preferência, não inteiramente previsível no seu curso e nos seus resultados. A configuração das pessoas em semelhante confronto encontra-se de tal modo planejada que não só facilita as tensões como, também as restringe. Na forma amadurecida, integra um complexo de polaridades interdependentes, num estado de equilíbrio de tensão estável, e permite – na melhor das hipóteses – moderar as variáveis que oferecem a todos os contendores oportunidades para levar a melhor, até que um deles consiga desfazer o equilíbrio vencendo o jogo. Uma das características de um jogo-desporto no seu estado amadurecido é o fato de o período de tensão não ser demasiado breve, nem demasiado longo. Como os bons vinhos, a maioria dos desportos necessita de muito tempo para evoluir até esta forma, para crescer até à maturidade e encontrar a forma óptima. É raro – embora tenha acontecido – inventar-se um jogo-desporto satisfatório. Em geral, passam por um período de ensaio e erro antes de atingirem uma forma que garantisse suficiente tensão por tempo satisfatório sem favorecer tendências no sentido do empate. (ELIAS, 1992, p. 232)

O processo social de chegar à maturidade das regras e do esporte envolve, portanto, a construção de uma tensão necessária-suficiente, a busca de um equilíbrio. Essa construção depende, segundo Elias (1992, p. 233), de disposições que garantam aos concorrentes e demais atores da configuração, oportunidades equânimes para participarem. O desequilíbrio dessas oportunidades leva a problemas na manutenção da própria configuração. Quando se trata de uma partida que tem uma cadeia de interdependência bastante ampla e complexa, tal equilíbrio de tensões não é algo simples de se produzir. Segundo o Elias (1992, p. 234),

Nos estádios anteriores de desenvolvimento dos jogos-desporto, quando grupos locais, relativamente pequenos, de jogadores ou os seus protectores faziam as suas próprias regras, era de certa maneira fácil a alteração das mesmas para servir as necessidades dos jogadores e do seu público. Mas, quando organizações nacionais se tornaram donatárias das leis, a polaridade entre a tendência dos jogadores para seguirem as regras e para as iludir ou explorar ao máximo tinha sua contrapartida, a um outro nível, na polaridade entre dois grupos diferentes, por um lado, entre aqueles que fazem as regras na cúpula de uma organização nacional e, por outro, os próprios jogadores.

Quando um esporte em particular atinge a maturidade significa que ele galgou um grau de autonomia em relação à estrutura social na qual ele é praticado, ainda que essa autonomia seja limitada. O grande desafio de um esporte, nesse sentido, é produzir um grau de amadurecimento – o que perpassa pelas adaptações das regras – que permita que ele seja reconhecível enquanto tal (como configuração) em diferentes grupos sociais.

4 METODOLOGIA

Esta seção trata das decisões metodológicas para o desenvolvimento da pesquisa, buscando atingir o objetivo do estudo, isto é, compreender como membros da equipe de arbitragem do futebol profissional brasileiro (Série A, Masculino) têm vivenciado o processo de introdução do VAR e qual a sua direção em termos de equilíbrio de tensões na configuração numa perspectiva de seu amadurecimento.

4.1 Pressupostos teórico-metodológicos

O objetivo foi abordado por uma pesquisa qualitativa, tendo em vista a referência da sociologia configuracional presente na obra de Norbert Elias. O futebol profissional e, nele a arbitragem e a introdução do VAR, foram tomados como uma configuração social. Assim, na tradição da sociologia configuracional, o estudo teve como referência importante as forças sociais exercidas pelas pessoas sobre outras pessoas, assim como das/entre instituições, numa perspectiva de cadeias de interdependências e relações de poder, tal como descritos nos capítulos anteriores.

Não separei indivíduo de sociedade ou árbitros e universo do futebol, mas procurei desenvolver uma compreensão a partir da noção de interdependência, de configurações e figurações nas quais os indivíduos (árbitros e dirigentes da arbitragem, por exemplo), produzem e são, simultaneamente, produtos das relações, sem deixar de entender que a construção disso se dá na forma de processos que se desenvolvem em determinadas direções, na busca de um equilíbrio de tensões. É no interior dessa lógica que busquei aprofundar a produção de conhecimentos sobre o amadurecimento da configuração futebolística em vista da introdução do VAR, com enfoque sobre as mudanças no trabalho da equipe de arbitragem.

4.2 As fontes empíricas do estudo

A realização do estudo envolveu dois tipos de produção empírica: 1) a realização de entrevistas semiestruturadas com membros de equipes e comissões de arbitragem da CBF, especificamente aqueles com experiência no Campeonato Brasileiro de Futebol, Série A, Masculino; e 2) o levantamento de documentos institucionais, vinculados à FIFA e à CBF.

Participaram como interlocutores da pesquisa 12 árbitros (árbitros e árbitros assistentes), todos com experiência no uso do protocolo VAR, seja como árbitros em campo

ou na VOR, ou ambas. Uma descrição desses interlocutores está colocada no quadro 1, retratando sua entrada na configuração profissional da arbitragem, pelo ingresso no sistema de Seleção Nacional de Árbitros de Futebol (SENAF), sua posição atual no quadro de arbitragem, a Federação na qual estão vinculados atualmente e a data da realização da entrevista.

Quadro 1 - Descrição dos árbitros entrevistados

NOME	INGRESSO SENAF*	CATEGORIA/CARGO CBF	FEDERAÇÃO	DATA DA ENTREVISTA
Anderson Daronco	01/05/2008	Árbitro FIFA	Gaúcha	07/04/2020
Bruno Boschilia	01/01/2008	Assistente FIFA	Paranaense	26/03/2020
Bruno Raphael Pires	01/10/2012	Assistente FIFA	Goiana	14/05/2020
Daiane Muniz	16/04/2014	Assistente FIFA	Sul Matogrossense	22/05/2020
Daniel Nobre Bins				
Fabricio Vilarinho da Silva	01/01/2005	Assistente FIFA	Goiana	21/05/2020
Flavio Rodrigues de Sousa	01/01/2010	Árbitro FIFA	Paulista	25/03/2020
Neuza Ines Back	20/04/2009	Assistente FIFA	Paulista	15/05/2020
Pericles Bassols Pegado Cortez	15/04/2005	Master	Pernambucana	20/05/2020
Rafael da Silva Alves	01/05/2011	Assistente FIFA	Gaúcha	23/03/2020
Raphael Claus	01/05/2010	Árbitro FIFA	Paulista	09/07/2020
Rodrigo Guarizo Ferreira do Amaral	01/01/2003	Árbitro FIFA	Paulista	23/05/2020
Wilton Pereira Sampaio	23/05/2003	Árbitro FIFA	Goiana	09/08/2020

Fonte: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/arbitragem/relacao-arbitros>

Além dos árbitros com experiência em partidas com VAR no Campeonato Brasileiro de Futebol, Série A, Masculino, foram entrevistados 05 dirigentes vinculados à CBF, especificamente aqueles que têm participado de maneira decisiva em comissões e desenvolvimento de processos de implementação e de uso do VAR nas configurações dos jogos. No quadro 2 abaixo consta a descrição desses interlocutores, suas funções

Quadro 2 - Descrição dos dirigentes de arbitragem entrevistados

NOME	CARGO/FUNÇÃO NA CBF	DATA DA ENTREVISTA
Emerson Augusto de Carvalho	Observador ou assessor do VAR	20/05/2020
José Franco Filho	Observador ou assessor do VAR	26/03/2020
Leonardo Gaciba da Silva	Presidente da Comissão de Arbitragem da CBF	16/05/2020
Manoel Serapião Filho	Ouvidor da CBF Instrutor de VAR para o Brasil	27/03/2020
Sergio Corrêa da Silva	Chefe do Departamento de Arbitragem da CBF Líder do Projeto Árbitro Assistente de Vídeo Instrutor de VAR para o Brasil	16/05/2020

Fonte: Manual de Implementação do VAR em competições oficiais (CBF, 2021A). Disponível em: https://conteudo.cbf.com.br/cdn/201910/20191028183438_823.pdf

Além do fato de que a escolha dos interlocutores esteve baseada no envolvimento com as decisões sobre o protocolo VAR e no uso da tecnologia/protocolos em partidas da competição, isso também ocorreu em vista da minha proximidade e acesso em relação a cada um deles. Outros árbitros/dirigentes foram contactados, mas os que responderam a solicitação e se disponibilizaram para a entrevista foram esses 17 interlocutores, todos com envolvimento e engajamento na implementação e uso do VAR.

A produção empírica relacionada aos documentos esteve baseada, fundamentalmente, no levantamento de informações disponíveis nos *websites* institucionais da CBF e da FIFA, contemplando o manual de implementação do VAR em jogos oficiais, o código de regras oficiais do futebol associado, o acesso a informações sobre os árbitros e a notícias/informes publicados que tivessem relações com as questões do estudo. A busca e seleção desses documentos foi realizada em face das demandas da pesquisa, dos objetivos geral e específicos, mas também a partir das informações e questões que emergiram das entrevistas.

4.3 Procedimentos de produção de dados

Como mencionado acima, os árbitros e dirigentes descritos nos quadros 1 e 2 participaram da pesquisa através de entrevista semiestruturada. Essas entrevistas, de acordo com Triviños (1987), valorizam a presença do investigador e oferecem diferentes perspectivas para que o interlocutor tenha a liberdade e espontaneidade para apresentar suas informações, será realizada com os membros de equipes de arbitragem descritos anteriormente. Elas partiram de questionamentos básicos que interessa a pesquisa, estes apoiados em teorias, mas oferecendo um amplo campo de outras interrogações que podem surgir durante a conversa. Para o desenvolvimento das entrevistas nesse sentido, elaborarei um roteiro com questões que contemplem as demandas constantes nos objetivos específicos (Apêndice 1).

Antes de iniciar os processos de realização das entrevistas, foi solicitada, através de carta formal (apêndice 2), a autorização para a realização da pesquisa ao Presidente da Comissão de Arbitragem da Confederação Brasileira de Futebol (CA-CBF), dirigente/órgão máximo e responsável institucional pela implementação e uso do protocolo, assim como pela formação, capacitação e aperfeiçoamento dos membros das equipes de arbitragem. Essa autorização foi concedida, através de mensagem de e-mail, no dia 14 de fevereiro de 2020, com a instrução do Presidente da CA-CBF para que outros dirigentes da entidade, esses também responsáveis pelo Projeto VAR, colaborassem com a pesquisa.

Concedida a autorização, o próximo passo foi a realização das entrevistas que, inicialmente estavam previstas para ocorrerem através de encontros presenciais. Contudo, com os desafios e protocolos do enfrentamento da pandemia de COVID-19 iniciados em março de 2020, justamente no mês de começo de realização das entrevistas, me foi necessário revisar a estratégia. Entre março e agosto de 2020, organizei e realizei as entrevistas através do aplicativo *WhatsApp*®. Depois de ter feito o contato com os interlocutores, de ter apresentação do trabalho, explicado as condições de participação do estudo, inclusive com o estabelecimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (apêndice 3), diante do aceite, organizei as entrevistas utilizando mensagens de áudio com os interlocutores. A estratégia envolveu o envio das questões na forma de áudio e o recebimento das respostas também dessa forma. Isso ocorreu com 14 dos entrevistados, pois 3 deles preferiram enviar as respostas na forma de textos.

Previendo a dificuldade em garantir o sigilo da identidade dos interlocutores, no momento de negociação para a realização das entrevistas, foi deixado claro que as informações fornecidas fariam parte de uma dissertação de mestrado que ficaria disponível em repositório da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como também poderiam compor artigos publicados em periódicos, livro ou capítulos de livros. Após salientar isso, foi deixado claro que não haveria sigilo das fontes, o que ficou registrado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os entrevistados participantes do estudo concordaram com essa situação.

As respostas recebidas no formato de áudio foram transcritas e, somadas àquelas enviadas na forma de texto, resultaram em 86 páginas de informações empíricas. Além desse montante, realizei um levantamento de documentos. Como mencionado acima, os documentos utilizados foram o manual de implementação do VAR em jogos oficiais, o código de regras oficiais do futebol associado, as informações sobre os árbitros disponíveis no *website* da CBF e as/os notícias/informes publicados também no *website* institucional que tivessem relações com as questões do estudo.

4.4 Procedimentos de análise e interpretação

As informações produzidas a partir das entrevistas e do levantamento de documentos foram analisadas e interpretadas com base naquilo que possibilitaram a compreensão de conceitos da sociologia configuracional de Norbert Elias. Com isso, cabe destacar que as análises e interpretações se preocuparam em apontar compreensões mobilizando os

seguintes conceitos: as cadeias de interdependências da configuração da arbitragem; as relações de poder na produção de um equilíbrio de tensões (amadurecimento das regras/jogo frente a introdução do VAR); as mudanças e os sentidos/direções delas no que se refere à incorporação de novas/os etiquetas/*habitus* no trabalho de arbitragem de futebol profissional.

Do ponto de vista do procedimento de análise, inicialmente realizei uma leitura flutuante das informações transcritas e dos documentos selecionados, com o propósito de desenvolver uma primeira organização da análise. A partir disso, decidi que as descrições dos resultados e das análises seriam feitas em dois capítulos, o primeiro dedicado a construção e implementação do VAR na configuração da arbitragem e o segundo voltado para a o uso e o amadurecimento do protocolo. A partir dessa decisão, cada capítulo foi sendo construído no sentido de sistematizar os conteúdos das entrevistas e documentos em torno de seções que procuraram descrever e analisar a constituição/implementação e o uso/amadurecimento do VAR na arbitragem do futebol profissional.

5 O PROTOCOLO VAR NA CONFIGURAÇÃO DA ARBITRAGEM

Neste capítulo são apresentadas descrições e análises sobre como os árbitros acessam as configurações da arbitragem de futebol e, dentro dela, numa de suas manifestações (a ‘top’), como se dá o contato com o protocolo VAR. A partir disso, passo a descrever elementos sobre a trajetória e desenvolvimento do próprio protocolo e as relações com a reconfiguração da equipe de arbitragem, quando a ferramenta está presente. Por último, trato dos esforços e processos de treinamento das pessoas para o trabalho na arbitragem com o VAR, desde os primeiros passos de habilitação dos árbitros até os momentos mais atuais de aperfeiçoamento daqueles que já têm experiência. As descrições e análises mobilizam as noções de configuração, de cadeias de interdependência e relações de poder, a partir da obra de Norbert Elias.

5.1 A trajetória de árbitros até o VAR

Antes de tratar do protocolo do VAR é importante ressaltar que há uma trajetória precedente, isto é, que os árbitros, na configuração atual, não acessaram a arbitragem diretamente pela VOR. Considerando os relatos dos entrevistados, pude compreender que há uma espécie de trajetória de desenvolvimento de carreira dentro da arbitragem brasileira do futebol profissional. Com base no conteúdo das entrevistas passo a descrever alguns momentos recorrentes e que podem ser entendidos como configurações de formação e de atuação, até chegar na relação com o protocolo do VAR.

A primeira configuração que está presente nas manifestações dos interlocutores da pesquisa é a aproximação com a arbitragem a partir da vivência como jogador de futebol (com interesses profissionais ou não), de familiares ou de amigos árbitros, da formação em cursos de Educação Física e da experiência de arbitragem em partidas de futebol amador. Essa configuração – que não pode ser descrita como homogênea, pois está baseada no conteúdo de um conjunto específico de entrevistas –, no caso da presente investigação, tornou possível o entendimento de que se trata de uma porta de entrada. A respeito dela apresento alguns excertos dos conteúdos.

[...] com relação a minha carreira, eu fui jogador de futebol. Vim de uma família de ex-jogadores, meu pai, meu irmão. Segui essa carreira também até o meu primeiro ano de profissional, aí eu optei em parar de jogar e estudar, fazer educação física que era um sonho que eu tinha. Acabei também fazendo o curso de árbitro por influência do Vinicius Furlan, grande amigo meu, jogamos na base juntos. Acabou

desenvolvendo, o meio que a gente gosta. eu vivi sempre no meio do futebol e poder desenvolver um trabalho dentro dele é importante, foi importante para mim. (RAPHAEL CLAUS, 2020)

[...] eu começo a me interessar por arbitragem, mais ou menos nos meados dos anos 1990, quando eu entrei na Faculdade, um pouco antes até de entrar na Faculdade, mas ali junto com a minha entrada. Eu jogava num time de pelada, de várzea de Jacarepaguá. Nos reuníamos todo final de semana e eu comecei a observar o trabalho dos árbitros e vi ali uma oportunidade de entrar no futebol que eu não havia conseguido como jogador. Não tinha tentado muito, mas o pouco que eu tentei foi frustrante e eu achei que dava para eu ir pelo caminho da arbitragem e foi assim. (PERICLES BASSOLS, 2020)

Com relação à minha trajetória na arbitragem, eu comecei muito por influência familiar do meu pai. Meu pai foi árbitro de futebol e o primo dele também. Meu pai Luiz Boschilia e o primo dele Dulcídio Wanderley Boschilia que foi árbitro de grande expressão nacional. Meu pai não teve toda essa expressão e ele trabalhou aqui no Estado [...] (BRUNO BOSCHILIA, 2020)

[...] claro que antes disso lá no início também houve muitas situações de futebol amador, de jogos de categorias de base muitas dificuldades, mas também muitas alegrias. São situações que vão nos transformando no árbitro que somo hoje (ANDERSON DARONCO, 2020).

Eu comecei há oito anos, numa cidade do interior aqui do meu atual Estado. Trabalhava em jogos veteranos no início, sempre como assistente. No começo não tinha ideia da seriedade que sempre foi esse trabalho. Com o passar do tempo eu fui tendo certo entendimento de como era a jornada de um árbitro de futebol e principalmente das possibilidades que eu poderia criar. (DAIANE MUNIZ, 2020).

A partir dessa primeira configuração ou mesmo na relação com ela (ocorrendo sobreposições ou sobrementos), os árbitros são forjados nas configurações das Federações Estaduais de Futebol, sendo essas as portas de entrada para o futebol reconhecido como profissional, quando se começa a vislumbrar, com mais clareza, a possibilidade de uma carreira a ser desenvolvida. O conteúdo das entrevistas (alguns trechos estão disponíveis abaixo) apontam que isso ocorre sobretudo a partir da participação e aprovação em cursos/turmas de arbitragem, da realização de estágios em categorias de base e em categorias inferiores, até chegar na categoria principal da Federação.

[...] eu comecei na arbitragem em 2004 trabalhando no amador. Em 2005 eu fui fazer o teste da Federação. Em 2007 eu concluí o curso de arbitragem. (NEUZA BACK, 2020)

Fiz o curso em Maringá em 2001 e 2002 e a partir de 2013 eu comecei a trabalhar na Federação Paranaense, em jogos oficiais da Federação, categorias de base, jogos amadores. Nossa trajetória da arbitragem começa das categorias inferiores, não é [...] (BRUNO BOSCHILIA, 2020)

[...] eu sou da turma 1998/99 da Federação Paulista de Futebol. Lá tem um trabalho que é feito até hoje: um ano e meio de Escola e depois tem o estágio no sub 11, sub 13, sub 15, sub 17, sub 20. Gradativamente vai subindo, acredito que como no Rio Grande do Sul. Sou formado na turma 1999 e tive uma ascensão meteórica, posso dizer assim que em 2001 já estava estreando na Série A1 [categoria principal] do futebol paulista. (EMERSON CARVALHO, 2020)

E aí começou meus jogos da base. Eu nunca tinha apitado nem amador, nada assim. Meu primeiro jogo foi pela Federação Paulista em 2002. Me formei em 2002 e fui apitar meu primeiro jogo em 2003 como árbitro central. Em 2010 fui apitar a Primeira divisão em São Paulo, 8 anos depois de ter feito o curso. (RAFAEL CLAUS, 2020).

Eu comecei nos jogos das divisões de base da Federação Gaúcha. Posteriormente eu comecei a trabalhar na principal divisão do Estado [...] (RAFAEL ALVES, 2020).

[...] realizei o curso da Federação Gaúcha em 1999 e tive a oportunidade de apitar meu primeiro jogo profissional no ano de 2004. A partir daí, em de 2006 estava fazendo, 2007, perdão, a minha estreia na Série A do Campeonato Gaúcho (ANDERSON DARONCO, 2020)

A participação nas primeiras divisões das Federações Estaduais abre possibilidades, no sentido de habilitar para participar de processos seletivos, para o acesso noutras configurações da arbitragem, essas mais desejadas no que diz respeito ao desenvolvimento da carreira. Me refiro à configuração do chamado quadro da CBF (árbitros habilitados para a atuação nas competições nacionais) e da FIFA (árbitros habilitados para atuação em competições internacionais), onde a entrada é frequentemente descrita pelos árbitros como importante conquista. Na argumentação apresentada pelo árbitro Anderson Daronco, sua trajetória foi desenvolvida “[...] buscando sempre um topo da pirâmide e que seria ser árbitro da FIFA”.

Ou seja, se é possível entender a trajetória dos árbitros em distintas configurações, como as três que vim descrevendo até aqui, também é possível compreender que essas configurações contemplam uma dinâmica hierárquica e seletiva, na medida em que o fluxo de uma para a outra implica momentos constantes de crivo, na perspectiva de uma pirâmide e a necessidade de provar que pode fazer parte delas para permanecer. Além disso, chegar ao topo da pirâmide (fazer parte da configuração do quadro da CBF e da FIFA) é referido pelos interlocutores da pesquisa como uma oportunidade decisiva em relação a dedicar-se exclusivamente à arbitragem do futebol profissional, deixando outras ocupações profissionais de lado. Não por acaso, a noção de oportunidade é bastante mencionada, associada, frequentemente a participações em importantes competições nacionais e internacionais.

No ano seguinte eu tive a oportunidade de ingressar o quadro de árbitros da CBF em nível nacional, isto é, três anos depois, em 2011, eu estava fazendo a minha estreia em nível nacional no Campeonato Brasileiro de Série A [...]. Quatro anos após, em 2015, tive a oportunidade de ingressar no quadro de árbitros da FIFA. (ANDERSON DARONCO, 2020).

[...] entrei para a CBF em 2008. Minha estreia na Série A do Brasileiro foi em 2009. Me tornei aspirante à FIFA em 2012. Em 2014 me tornei FIFA. Tenho praticamente 80 jogos da Série A do Brasileiro e, em eventos internacionais, o destaque é para as Olimpíadas que eu participei aqui no Brasil, em 2016, e depois eu fui também para o Mundial adulto feminino, no ano de 2019, na França. (NEUSA BACK, 2020)

[...] eu entrei na CBF e em 2010. Desde o início e agora com 39 anos eu fui indicado ao quadro da FIFA. Foi muito tempo na CBF, lutando bastante, tempos difíceis no início, porque é uma transição que quando você entra na CBF começa a impactar muito mais no seu trabalho, e você fica naquele impasse, o que você vai seguir. Mas eu acabei optando pela arbitragem, pois eu senti que eu poderia chegar. E só agora, em 2019 para 2020, que creditou o meu nome para ingressar no quadro da FIFA e a partir de agora eu sou árbitro da FIFA, tentando agora permanecer nesse cargo o máximo de tempo que eu puder. (FLÁVIO RODRIGUES DE SOUZA, 2020).

Outra questão que a presença e permanência na configuração da arbitragem do quadro da CBF e da FIFA possibilitou, e que interessou centralmente nesta pesquisa, foi o trabalho com o protocolo do VAR. Fundamentalmente (não exclusivamente) foram os árbitros do quadro CBF/FIFA que passaram a trabalhar em jogos nos quais o protocolo do VAR passou a ser implementado, ficando o entendimento de que o processo de inserção da tecnologia e do treinamento para o trabalho tem seguido a lógica da pirâmide, de cima para baixo. Desse modo, os árbitros do topo, conforme se observa nos trechos das entrevistas abaixo, passaram a se relacionar com o protocolo do VAR e tiveram que se adaptar como esse novo elemento na configuração.

A vivência nos cursos VAR foi muito interessante, pois me lembro bem do meu início que foi no ano de 2017, quando fiz meu primeiro Seminário pela FIFA, na Itália com essa nova ferramenta. Em seguida fui indicado pela FIFA para participar, no mesmo ano, da Copa do Mundo Sub-20 na Coreia do Sul. Foi uma grande oportunidade de adquirir experiências para trabalhar em diversas competições até realizar o grande sonho que foi participar da Copa do Mundo da Rússia. Nesse mesmo ano, 2017, fui um dos primeiros árbitros a exercer essa função em um Campeonato Estadual que foi o Pernambucano, no jogo entre Salgueiro x Sport. (WILTON SAMPAIO, 2020)

Você está dentro de uma cabine, é outro tipo de pressão, um outro tipo de prática, outro tipo de conhecimento e obviamente nem todos vão se adaptar, nem todos gostam. Então eu acredito que para 2020 vai aprimorando, a Comissão já tem observado, já tem treinado, vai ter os especialistas nessa função de VAR. (BRUNO BOSCHILIA, 2020)

Com o tempo, com a experiência também e a idade chegando próximo aos 45, que é o limite de um árbitro CBF normal, eu fui apresentado ao VAR. Fiz os estudos, me adaptei, fiz tudo que tinha que ser feito, os protocolos, e tive a oportunidade de trabalhar em vários jogos, muitos. Até hoje, acho, no Brasil, o que tem mais jogos de VAR sou eu. Trabalhei na Copa do Brasil, primeiro jogo da final, trabalhei em 32 jogos como VAR no Brasileiro do ano passado, e também fiz no começo desse ano a final da Super Copa, Flamengo e Atlético Paranaense. (RODRIGO GUARIZO, 2020)

Nas próximas seções deste capítulo vou me dedicar a aprofundar a análise sobre essas adaptações. O objetivo, neste momento, foi o de enfatizar que, na trajetória profissional dos árbitros, quando eles estão presentes numa determinada configuração (no topo), eles passam a se relacionar com um novo elemento: o protocolo do VAR. Mas, antes de avançar, em que

pese a noção de trajetória e de desenvolvimento de carreira de árbitros, é importante destacar outras oportunidades abertas sobretudo pela participação/permanência na configuração do quadro da CBF/FIFA. Vários entrevistados mencionaram que, muito embora não sejam mais árbitros, trabalham como membros em Comissões de Arbitragens (nas Federações e na Confederação), como comentaristas em programas de televisão e um deles (Sérgio Correia) mencionou suas atividades em diretorias de Sindicato e de Associação de Árbitros.

[...] em 2010 eu encerro a minha carreira dentro dos campos. Passo a trabalhar como comentarista de arbitragem na Rádio Gaúcha durante 4 meses. Posteriormente acabo indo para o [canal] Sportv. Fico lá durante 6 meses e depois passo para Rede Globo de televisão onde fiquei 8 anos, trabalhando como comentarista de arbitragem também. Em 2019, em maio de 2019 eu assumo a Comissão de Arbitragem Nacional da CBF como presidente. (LEONARDO GACIBA, 2020)

[...] em 2019, início de 2019, eu deixei a arbitragem para virar comentarista de arbitragem no canal da TNT Sport Interativo, antigo Sport Interativo. (PERICLES BASSOLS, 2020)

E fiquei até dezembro do ano passado, e aí encerrei minhas atividades, hoje eu sou membro da Comissão de Arbitragem da Federação Paulista exercendo o quadro de vice-presidente. (EMERSON DE CARVALHO, 2020)

[...] a partir de 2005 passei a integrar a Comissão de Arbitragem da CBF, onde trabalho até hoje, atualmente exercendo o cargo de Ouvidor de Arbitragem da CBF. (MANOEL SERAPIÃO, 2020)

Na vida sindical integrei várias diretorias do Sindicato dos Árbitros, disputei e perdi o pleito de 1993, abri mão da candidatura de 1996 e fui eleito em 2002 e reeleito em 2006 para a presidência da entidade estadual [...]. Participei da fundação da Associação Nacional de Árbitros de Futebol em 1997, sendo vice-presidente da diretoria provisória e depois eleito sucessivamente na função de secretário-geral, até 2003 quando deixei as funções, porém colaborando quando solicitado. [...] Em 2004, por nossa sugestão, a Federação Paulista de Futebol adotou a formação dos tribunais desportivos, com as entidades dos árbitros (2), jogadores (1), clubes (2) e federação (2), quando tive a honra de ter sido indicado pelos clubes a integrar a Comissão Estadual de Arbitragem entre 2004 e 2005. Também atuei na Escola de Árbitros que me formei na função de secretário-geral, colaborando na formação das turmas de 2006 e 2007.

Esses conteúdos criam possibilidades para o entendimento de que o topo da pirâmide (a configuração do quadro da CBF/FIFA), sobretudo, cria outras oportunidades de trabalho relacionadas à arbitragem, para além das atividades no campo do jogo e, mais recentemente, na cabine do VAR. E, tal como descreve o manual do VAR, ao definir quem pode ser um Árbitro Assistente de Vídeo, há uma indicação de que “deve ter experiência na arbitragem no nível top” (CBF, 2021a, p. 73), podendo ser árbitros atuantes ou recém aposentados.

5.2 O protocolo do VAR na configuração da arbitragem

Essa seção anterior menciona como um determinado grupo – a configuração do topo da arbitragem –, numa determinada direção, passa a se adaptar a um elemento novo: o protocolo VAR. Antes de avançar nas análises sobre a interiorização, pelos árbitros, me pareceu significativo descrever alguns elementos fundamentais dessa novidade na configuração da arbitragem. Para tanto, tomo como referência conteúdos disponíveis no *website* da Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA), no *website* da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e principalmente no Manual de implementação do VAR em competições oficiais, versão 8, recentemente publicado (CBF, 2021a).

Em 2017 a FIFA, após insistentes pedidos de várias entidades ligadas ao futebol (federações, clubes, jogadores e técnicos), decidiu por mudanças para minimizar o impacto dos erros de arbitragens nos resultados dos jogos. Nesse ano, foi aprovada em uma votação na *International Football Association Board* (IFAB) a utilização do VAR, com sua primeira utilização em larga escala na Copa do Mundo FIFA da Rússia, em 2018. Isso foi considerado um marco na configuração das Copas, pois uma nova tecnologia foi utilizada para auxiliar os árbitros e assistentes a tomarem suas decisões.

Segundo informações publicadas no *website* da FIFA em relação ao uso da tecnologia na Copa do Mundo de 2018, na Rússia, o VAR ajudaria o árbitro a tomar decisões relacionadas a quatro situações cruciais para a partida (FIFA, 2019):

1. Gol/não gol;
2. Pênalti/não foi pênalti;
3. Cartão vermelho direto (não o segundo cartão amarelo);
4. Identificação equivocada (quando o árbitro adverte ou expulsa o jogador errado da equipe infratora).

Para essa competição, os árbitros receberam instruções claras sobre quando aceitar informações do VAR e quando revisar as imagens de vídeo no campo de jogo antes de tomar a ação/decisão apropriada. As instruções foram (FIFA, 2019)⁵:

Revisão em campo (para interpretação)

Metas

falta cometida pelo jogador atacante
interferência de impedimento

Decisões de penalidade

falta antes da penalidade

⁵ Tradução livre

falta por atacar o jogador

Todos os incidentes diretos de cartão vermelho

Apenas conselhos de VAR (para incidentes factuais)

Metas

posição de impedimento que antecede o gol

bola fora de jogo antes do gol

Decisões de penalidade

falta cometida dentro ou fora da área de grande penalidade

bola fora de jogo que antecede a penalidade

posição de impedimento que antecede a penalidade

Todos os casos de identidade equivocada

Na Copa da Rússia, a equipe foi composta pelo Assistente Principal de Vídeo (VAR) e seus três assistentes (chamados AVAR 1, AVAR 2 e AVAR 3), além dos quatro árbitros da FIFA da categoria mais alta (árbitro principal, árbitros assistentes, quarto árbitro e árbitro assistente reserva). No website da FIFA as atividades do VAR e dos AVARs são descritas tal como apresento no quadro 3 abaixo, considerando os distintos membros, o acesso às diferentes informações e responsabilidades diante delas.

Quadro 3 – Membros da equipe do VAR, acesso às informações e responsabilidades

MEMBROS DA EQUIPE DO VAR	ACESSO E RESPONSABILIDADE
Árbitro Assistente de Vídeo (AVAR)	O árbitro assistente de vídeo principal vê as imagens da câmera principal, no monitor superior, e verifica ou verifica os incidentes em um monitor dividido em quadrante. Ele é responsável por dirigir a equipe VAR e se comunicar com o árbitro em campo.
Assistente 1 do Árbitro Assistente de Vídeo (AVAR1)	O AVAR 1 foca na câmera principal e mantém o assistente de vídeo assistente informado sobre o jogo ao vivo, se um incidente estiver sendo verificado ou revisado.
Assistente 2 do Árbitro Assistente de Vídeo (AVAR2)	O AVAR 2 está localizado na estação para situações de impedimento. Antecipe e verifique qualquer situação de impedimento para acelerar o processo de verificação e revisão.
Assistente 3 do Árbitro Assistente de Vídeo (AVAR3)	O AVAR 3 se concentra nas imagens da televisão, ajuda o assistente de vídeo na avaliação de incidentes e garante uma boa comunicação entre o assistente de vídeo principal e o AVAR 2 localizado na estação para situações de impedimento.

Fonte: FIFA (2019)

O Comitê de Árbitros da FIFA, para a Copa da Rússia, selecionou treze árbitros para atuar exclusivamente como VAR durante essa competição, sendo que os critérios de seleção foram baseados principalmente em sua experiência como árbitros em vídeo nas competições de suas Federações e Confederações Nacionais, além de sua participação em vários cursos e competições preparatórias da própria FIFA. Esses árbitros, na cabine de trabalho, tiveram acesso a 33 câmeras, das quais oito permitiam gravação superlenta e quatro ultralenta. Além disso, podiam ver as duas câmeras projetadas para determinar o impedimento, estas

disponíveis exclusivamente para a equipe VAR. Para a fase de eliminatória, foram instaladas duas câmeras adicionais que permitem gravação ultralenta. (FIFA, 2019)

No Brasil, a primeira vez que o VAR foi utilizado numa competição profissional foi nos jogos finais do Campeonato Pernambucano de 2017 (em 07 e 28 de maio), entre Sport e Salgueiro, contando com atuação da CBF, especificamente do Projeto do Árbitro de Vídeo, e apoio institucional da Federação Pernambucana de Futebol (FPF). Em ambas as partidas, na cabine de operação ocupou a função de VAR o árbitro Péricles Bassols (CBF/PE), um dos entrevistados da presente pesquisa. As matérias que relatam essa estreia do VAR no Brasil já destacam que, naqueles dois jogos, foi seguido o protocolo da FIFA/IFBA. (CBF, 2017a, 2017b)

Esse jogo, no entanto, era resultado de um Projeto que já tinha pelo menos 8 anos. Sérgio Corrêa da Silva, atual chefe do Departamento de Arbitragem da CBF, atual líder do Projeto de Árbitro de Assistente de Vídeo da Confederação, junto com sua entrevista, compartilhou notícias e descreveu fatos indicando que tal projeto, cujas linhas mestras foram elaboradas por Manoel Serapião Filho (também entrevistado nesta pesquisa), teve início no ano de 2009. Segundo os dados apresentados por Sérgio Corrêa Filho:

No ano de 2009, o projeto do Manoel Serapião foi enviado ao presidente Ricardo Teixeira para análise e envio à FIFA, mas nunca tivemos uma resposta.

Os anos passaram e, em 2015, o presidente Marco Polo Del Nero nos indagou sobre a possibilidade de elevar a qualidade da arbitragem brasileira e tiramos novamente o projeto do Manoel Serapião Filho e apresentamos para análise. O presidente Marco Polo disse: “Vocês são os técnicos e sabem o que é melhor para o futebol brasileiro. Prepare o expediente que encaminharei para FIFA.” O documento seguiu em 14 de setembro de 2015 [...]. A entidade internacional respondeu em dois dias depois (vide anexo 2), com referências elogiosas ao projeto apresentado e informando que o tema já vinha sendo estudado há 22 meses pela FIFA.

A CBF foi convidada e participamos do I Workshop sobre o assunto, ocorrido na cidade de Londres, entre 21 e 23 de fevereiro de 2016, oportunidade que foi apresentada a primeira versão do protocolo que seria colocado em deliberação na assembleia geral da IFAB, em 5 de março de 2016, em Cardiff – Irlanda. Foi aprovado um cronograma para implantação da tecnologia na arbitragem, entre março de 2016 a agosto de 2017.

Menos de 60 dias depois, com apoio da TV Globo, a CBF realizou dois testes *off-line* com sucesso, nas partidas finais do Carioca, entre Botafogo x Vasco da Gama, ocorridas nos dias 01 e 08 de maio de 2016. [...] Em junho, a CBF assinou um contrato com a FIFA e o IFAB para cumprimento de todas as etapas. Entre as exigências foi solicitada a indicação de dois representantes para o projeto de tecnologia na arbitragem e, respectivamente, o presidente nos indica como líder e a Manoel Serapião Filho, como principal instrutor VAR para o Brasil. (SÉRGIO CORRÊA FILHO, 2020)

Conforme informações em seu *website* (CBF, 2019), a Confederação cedeu diversos árbitros do seu quadro para as principais competições internacionais no ano de 2018 e 2019. Demonstrando excelente nível, quatro deles foram chamados para a Copa do Mundo FIFA

Rússia 2018 (o árbitro Sandro Meira Ricci, os assistentes Emerson Augusto de Carvalho e Marcelo Van Gasse, além de Wilton Pereira Sampaio, árbitro do quadro CBF que foi ao Mundial como Árbitro Assistente de Vídeo). Já na Copa do Mundo Feminina Sub-20 FIFA França 2018 e na Copa do Mundo Feminina França 2019, foram chamadas a árbitra Edina Alves Batista e as assistentes Neuza Back e Tatiane Sacilotti.

Essa experiência internacional serviu como base de aprendizagem para que o VAR se tornasse uma realidade na principal competição profissional da modalidade: o Campeonato Brasileiro de Futebol Masculino, Série A (CBF, 2019). Apesar de ter sido iniciada a implementação no futebol profissional em 2017, até a implementação definitiva, em 2019, no Campeonato Brasileiro de Futebol Masculino – Série A – ocorreram apenas 21 jogos com VAR no Brasil, 14 deles na Copa do Brasil e 07 em Campeonatos Estaduais (Pernambucano, Carioca, Cararinense e Gaúcho). De acordo com o entrevistado Sérgio Corrêa Filho (2020), “em 2018, a Copa do Brasil foi realizada com uso de tecnologia em 14 (quatorze) partidas, mas para chegar até elas, investimento maciço da CBF, homologação dos estádios, normativas e procedimentos e tudo supervisionado e aprovado pela IFAB”.

Em 2019, após aprovação no Conselho Técnico da Série A, que se tem a implementação definitiva da implementação do Protocolo VAR no ‘Brasileirão’. O custeio da tecnologia e infraestrutura ficariam a cargo da CBF e as despesas de pessoal dos profissionais com as equipes (ROBSTEIN; RODRIGUES, ZARKO, 2021). A primeira partida do Campeonato Brasileiro de Futebol Masculino - Série A - a contar com o VAR foi realizada em 27 de abril de 2019, em jogo entre São Paulo x Botafogo, no Estádio Morumbi.

Trouxe essa trajetória institucional dos Projetos de VAR da FIFA e da CBF para destacar que são configurações que se desenvolvem em temporalidades semelhantes, até que a CBF, em 2016, assine um contrato com a FIFA/IFAB para o cumprimento do protocolo da entidade internacional, conforme informado acima pelo atual líder do Projeto, Sérgio Corrêa Silva. De 2016 a 2021 foram muitos os experimentos considerados para o desenvolvimento de um protocolo que, ao mesmo tempo, siga as orientações da FIFA/IFAB e atenda as particularidades das competições brasileiras. O protocolo VAR atual está na 8ª edição e é sobre ele que passo a descrever alguns dados para caracterizá-lo como parte/novidade na configuração da arbitragem brasileira.

Embora associado ao uso da tecnologia na arbitragem do futebol, o VAR pode ser mais corretamente compreendido como um protocolo que, quando presente nas partidas, envolve a presença de tecnologias (captação, transmissão, manuseio e tratamentos independentes de imagens; formas exclusivas de comunicação entre pessoas), mas que agrega

outros membros na equipe de arbitragem, conforme descrito no quadro 4 (destaque para aqueles do fundo cinza).

Quadro 4 – Descrição da configuração da arbitragem em partidas com protocolos VAR

Referência da atuação	Categorias e descrições
No campo do jogo	Árbitro
	Árbitros Assistentes
	4º Árbitro
	Árbitro assistente reserva (se designado)
Na Área de Revisão do Árbitro (RRA) – local ‘visível’ fora do campo de jogo onde o árbitro poderá revisar as imagens.	Assistente de revisão (<i>Review Assistant</i>) – RA – a pessoa que auxilia o árbitro na área de revisão do árbitro (RAA).
Na Sala de Operação de Vídeo (<i>Video Operation Room</i>) – VOR – a sala/área onde o VAR, AVAR, RO etc., assistem a partida e têm acesso aos <i>replays</i> .	Árbitro Assistente de Vídeo (<i>Video Assistant Referee</i>) – VAR - Um ex ou atual árbitro nomeado para auxiliar o árbitro em corrigir um erro claro num incidente de mudança de rumo ou incidente grave não visto através de comunicação da informação ao árbitro do <i>replay</i> de imagens.
	VAR Assistente – (<i>Assistant VAR</i>) – AVAR – um árbitro ou ex-árbitro nomeado especialmente para auxiliar o VAR; para ver a ‘ação ao vivo’ enquanto o VAR está realizando uma ‘checagem’ ou uma ‘revisão’; para guardar anotações dos incidentes, etc.; e para comunicar o resultado de uma revisão às emissoras.
	Operador Replay (<i>Replay Operator</i>) – RO – a pessoa com conhecimento técnico que auxiliará o VAR na sala de operações de <i>replay</i> .
	Supervisor ou Observador do VAR – a tarefa é observar o processo de VAR, a fim de avaliar o trabalho do VAR e do(s) AVAR(s) e para emitir comentários para treinamentos. O Observador não poderá estar envolvido em qualquer tomada de decisões, com a exceção de impedir uma infração do protocolo.
	Gerente de Operações de VAR – a tarefa é auxiliar com a tecnologia e com as áreas de comunicação do processo de VAR. Tem um papel decisivo no caso de quaisquer problemas tecnológicos/redundância, não podendo se envolver em qualquer tomada de decisões.

Fonte: elaborado com base nas informações do Manual de implementação em competições oficiais, versão 8 (CBF, 2021A)

O protocolo VAR não tem o objetivo e pretensão de revisar todas as decisões dos árbitros em campo, pois isso significaria mudanças substantivas no jogo e na cadeia de interdependências. Diferente disso, ele foi e tem sido desenvolvido para corrigir um erro claro óbvio num incidente de mudança de rumo ou incidente sério não visto ou perdido. A obviedade e a seriedade são ênfases no sentido de que a interpretação deve considerar que os comentários, reações, ou discussões foram notáveis e imediatas, procurando evitar iniciar o protocolo por ações consideradas em zonas cinzas (de interpretação do árbitro em campo). De acordo com o presidente da Comissão de Arbitragem da CBF, o “[...] árbitro de vídeo, [...] é

um assistente de luxo para que uma partida de futebol não tenha nenhum tipo de interferência da arbitragem em suas decisões capitais” (CBF, 2021A, p. 3).

Considerando um conjunto de análises anteriores, na perspectiva de interferir o mínimo possível na partida e de evitar uma interferência da arbitragem no resultado do jogo, foi definido que o protocolo VAR pode ser iniciado apenas em 04 categorias de decisões/incidentes (ver quadro 5). Essas categorias, segundo o manual do VAR, são precisamente aquelas que contemplam decisões com grande potencial de mudar o rumo da partida.

Quadro 5 – Descrição da configuração da arbitragem em partidas com protocolos VAR

Categorias	Descrição
Gol	- Impedimento: posição e infração; - Infração da equipe atacante nas jogadas que levam ao gol; - Bola fora de jogo antes do gol.
Decisões de Pênalti	- Tiro penal concedido incorretamente; - Infração punível com tiro penal não sancionada; - Tiro livre concedido à equipe atacante e há dúvida se ocorrida dentro ou fora da área penal; - Infração pela equipe atacante nas jogadas que levam ao gol; - Bola fora de jogo antes do incidente penal.
Incidentes para Cartão Vermelho	As revisões se limitam a infrações de expulsão “direta” e não de Cartão Amarelo (CA), ainda que seja a 2ª que provoca CV: - O árbitro suspeita que uma infração punível com expulsão não foi vista ou não foi vista claramente pelos membros da arbitragem; - O VAR observa uma infração punível com expulsão não detectada; - O árbitro julga que um jogador cometeu uma infração que poderia ser punível com expulsão por negar uma clara oportunidade de marcar gol (DOGSO). Todavia, se, ao fazer a revisão, o árbitro decidir que não se tratou de DOGSO, mas de ataque promissor, pode, incidentemente, aplicar um CA.
Identificação Errada	Se o árbitro advertir ou expulsar um jogador errado (inclusive da equipe errada), ou se não tiver certeza qual jogador deve ser punido, o VAR informará ao árbitro, para que o jogador correto receba a punição disciplinar correspondente.

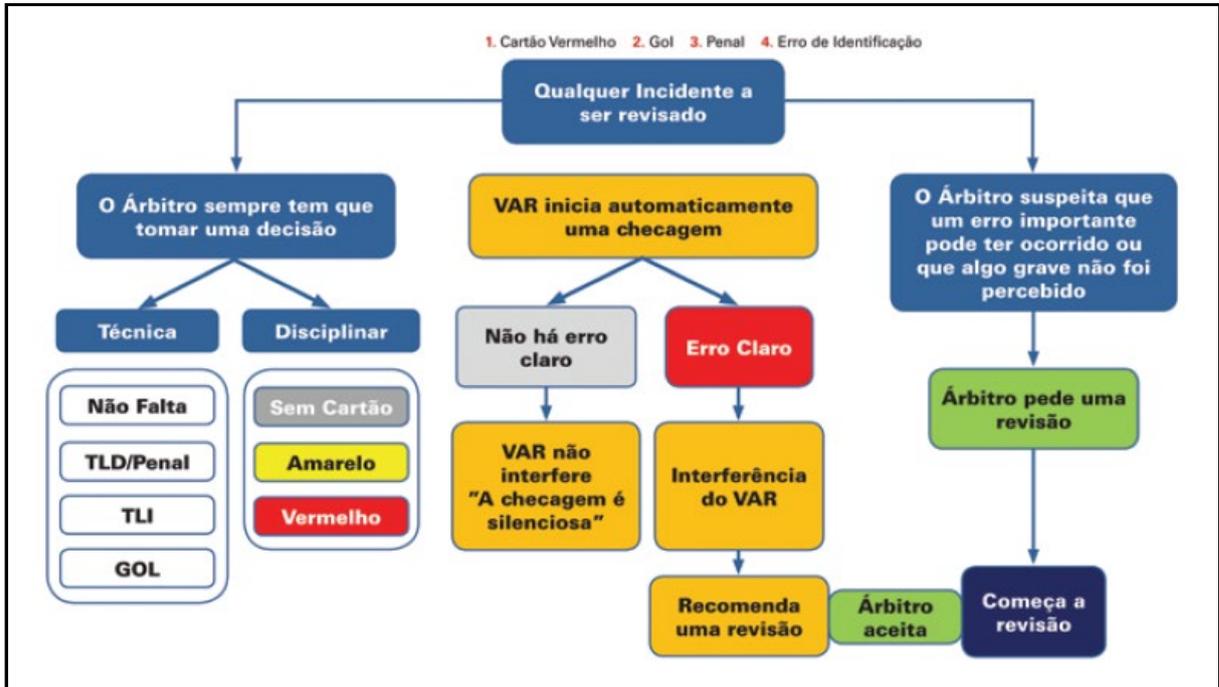
Fonte: elaborado com base nas informações do Manual de implementação em competições oficiais, versão 8 (CBF, 2021A)

Considerando essas 04 categorias, o protocolo envolve um conjunto de ações encadeadas num processo repleto de descrições e orientações sobre o que fazer, o que não fazer, como interpretar e não interpretar, que ocupam 70 páginas do manual específico (CBF, 2021A). Nos itens abaixo sintetizo alguns dos principais elementos desse protocolo e seu encadeamento, o que pode ser visualizado nas figuras 1 e 2 (na sequência).

- o VAR assistirá a partida nas telas disponíveis na VOR, tendo acesso e controle independente de *replay* de todos os *feeds* da transmissão;

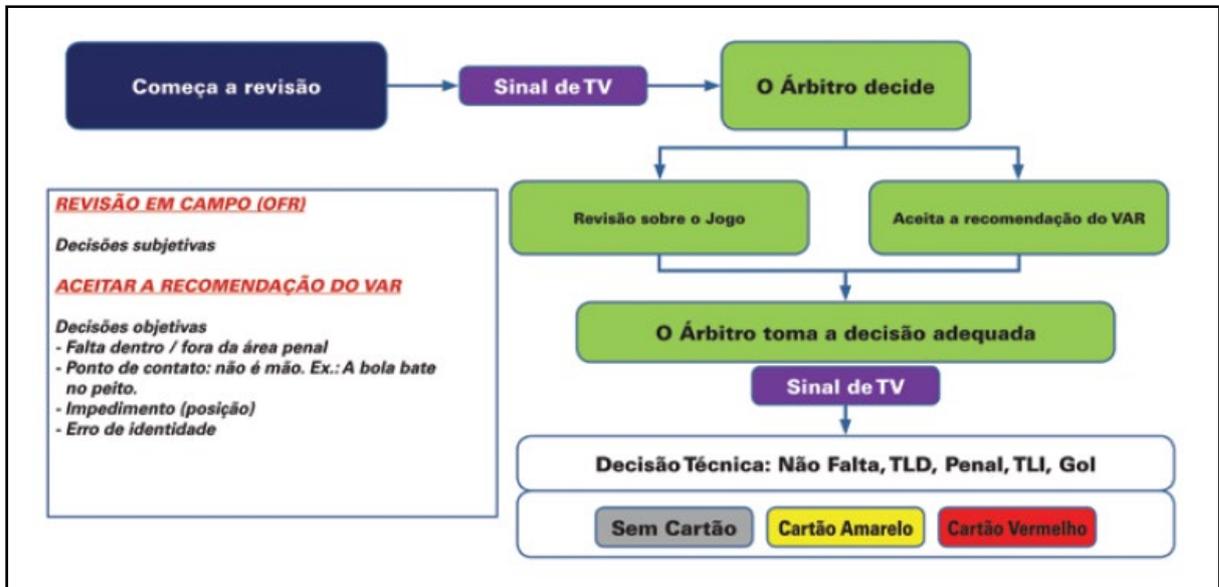
- deve checar cada situação/decisão automaticamente, procurando observar se um erro claro e óbvio foi praticado ou se um incidente/infração séria não foi percebida;
- se uma revisão não for necessária a comunicação com o árbitro também não será necessária, resultando numa “checagem silenciosa”;
- se a checagem do VAR indicar um erro/incidente a situação deverá ser revisada, sendo o árbitro informado imediatamente;
- se o próprio árbitro suspeitar de um erro grave ou de algo sério não visto, pode pedir para o VAR uma revisão;
- se o árbitro decidir por uma revisão quando o jogo ainda estiver em andamento, a partida deverá ser paralisada assim que estiver em uma zona/situação neutra (quando nenhuma das equipes tiver boa chance de ataque);
- o árbitro deverá indicar claramente que o processo de revisão está sendo iniciado fazendo o sinal do contorno de uma tela de TV (uma decisão não pode ser alterada sem que esse sinal seja feito pelo árbitro);
- o reinício da partida deverá ser adiado até o final da revisão, cabendo aos árbitros impedirem uma equipe/infrator de tentar reiniciar a partida para evitar uma revisão;
- uma vez iniciada a revisão, o árbitro terá a opção de: decidir só com base na informação recebida do VAR; ou revisar as imagens antes de tomar a decisão final (revisão em campo ou *On-Field Review* – OFR – quando o árbitro decide ver imagens em *replay* no RRA);
- no final do processo de revisão, o árbitro deve indicar claramente o seu resultado, seja mantendo, alterando ou anulando a decisão e garantirá o reinício correto da partida.

Figura 1 – Fluxograma 1 de correções de erro claro e óbvio que foi praticado ou de incidente/infração séria não foi percebido.



Fonte: Manual de implementação do VAR em competições oficiais, versão 8 (CBF, 2021A, p. 7)

Figura 2 – Fluxograma 2 – processo de revisão da decisão.



Fonte: Manual de implementação do VAR em competições oficiais, versão 8 (CBF, 2021A, p. 7)

Apesar de envolver mais pessoas e processos na arbitragem, tendo em vista a “filosofia da ‘mínima interferência – máximo benefício” (CBF, 2021A, p. 30), uma das questões centrais do protocolo é não destituir a autoridade do árbitro principal como referência única (durante a partida) da interpretação no uso das regras do jogo. A decisão

final deve ser do árbitro, cabendo a ele se municiar de informações adicionais com o VAR, seguindo, para tanto, o protocolo definido, pelo tempo que for necessário.

Além das definições sobre o que compreende protocolo em termos de tecnologias, processos e pessoas/funções, nas entrevistas realizadas foram apresentadas informações sobre aspectos de seu desenvolvimento e adaptação, ou seja, de que não se trata de uma questão fechada, mas um processo em construção, porém sob a tutela (por força de contrato, inclusive) da FIFA/IFBA. Alguns conteúdos das entrevistas apontam nessa direção.

Lógico que alguns temas sempre geram e vão gerar discussões, pois entram no campo das interpretações individuais. Discussões essas que são úteis para o crescimento do protocolo. Quanto mais prática, mais questões surgem e, com isso, conseguimos explorar ao máximo todos os itens previstos em protocolo. (BRUNO RAPHAEL PIRES, 2020)

Eu tenho uma opinião um pouco pessoal minha com relação ao *delay*, quando você, enquanto assistente, principalmente, deveria levantar a bandeira. Eu entendo que, em situações claras, no meu entendimento, o impedimento de 2 metros, mesmo que seja na iminência de um gol, ou enfim, num ataque, seria uma situação em que o assistente deveria levantar a bandeira. Porque, nós podemos, lá na frente, ter um pedal, ter um vermelho. Então eu entendo que um assistente que trabalha na Série A do Brasileiro, que é onde nós temos o uso do VAR, ele precisa ter a precisão de um impedimento de 2 metros. Então eu entendo que, nesse caso nós poderíamos ter assim um pouco menos de *delay* em jogadas que sejam claras para mim a partir de 1 metro e meio pra 2 metros. Já não é jogada para deixar seguir mesmo que seja na iminência de um gol, enfim. (NEUZA INES BACK, 2020)

Então eu acho que vão ter muito mais mudanças, prevejo muito mais mudanças para frente. Creio que vamos acabar caindo na questão do ‘desafio’, que vamos cair também numa intervenção. Por exemplo, a cobrança de escanteio, porque do escanteio sai um gol direto, em algum momento isso vai ser, vai poder ser dito pelo VAR para a equipe de campo. E por aí vai, algumas coisas têm que melhorar na minha opinião para o VAR ficar 100% justo. [...] Eu posso te dar um exemplo. O primeiro gol da França na Copa do Mundo sai de uma falta inexistente, então assim como o escanteio que eu acho que precisa entrar no protocolo do VAR, porque dali causa um gol direto. Eu acho que faltas que forem cobradas e derem em gol, depois da saída do gol elas teriam que ser revisadas. Assim como futebol americano onde todo *touchdown* é revisado, as faltas também deveriam ser revisadas ou depois que eu sei que causaria mais transtorno, ou antes, se elas forem cobradas para dentro da área. Então o que antevejo, ou que eu gostaria que acontecesse, é que o árbitro se dirigisse ao jogador e perguntasse a ele: “Você vai cobrar essa falta direta no gol, ou para algum cabeceio? Vou!”, então o VAR revisa. Eu sei que isso altera a dinâmica, que é meio estranho, mas é assim que eu vejo. Ou então criar uma linha no campo que diga: depois dessa linha em direção ao gol, toda falta é revisada porque daqui pode se cobrar direto para área e ou direto para o gol, e toda falta para trás dessa linha não precisa. Uma linha pontilhada, mais ou menos ali na casa dos 22 metros, 25 metros da linha de fundo. Criaríamos uma linha intermediária, literalmente intermediária entre o meio campo e a linha de fundo para que, a partir dessa linha, todas as faltas fossem revisadas, porque isso pode decidir um jogo como decidiu o primeiro gol a Copa do Mundo entre França e Croácia. Então são visões que eu tenho do futuro que eu não sei se vão se concretizar, mas como eu gostaria de ver a ferramenta. (PERICLES BASSOLS, 2020)

Então eu acho que vai ser esse o ponto da evolução e se o público, se o público absorver e se a [inaudível] pode entender. Por exemplo, há um escanteio claríssimo e o árbitro marca um tiro de meta, ou um tiro de meta claríssimo e o árbitro marca

um escanteio e sai um gol. Talvez evolua para entrar nesse tipo de lance também. Então pode ser que haja uma abertura maior para o árbitro de vídeo, embora eu entenda que isso não seja adequado, mas vislumbro essa possibilidade, que deveria ser para erros claros, porque afinal de contas, se você marca um escanteio que não houve, um gol não vai sair diretamente de um escanteio. Vai ser cobrado o escanteio e a equipe tem o direito de se defender e o gol não seria diretamente relacionado com o equívoco da marcação do tiro de canto em vez do tiro de meta. Arremesso lateral, por exemplo. A equipe A, você conceder para equipe B e sair o gol logo em seguida, então nessas situações pequenas, que para mim não interferem e são raras e não interferem no desenvolvimento do jogo e não são causa direta para o erro da arbitragem, mas é possível que lá na frente isso também entre no limite do protocolo. (MANOEL SERAPIÃO FILHO, 2020)

Bom, acho que como tudo que é novo a construção dos protocolos também vem se, se adaptando e se modificando com o passar dos momentos. O projeto começou logicamente com os protocolos básicos que a FIFA distribuiu para o mundo todo e foram colocados e eles vêm sendo adaptados sistematicamente, periodicamente às realidades do futebol brasileiro. No caso e, como tudo que é novo, e que está sendo implementado pela primeira vez, vem, num primeiro momento surgindo, gerando dúvidas e receios que foi se aprendendo com o passar dos jogos e com as dificuldades que foram se encontrando, e cada vez mais se solidificando os protocolos. No início com uma série de dúvidas, depois já, por exemplo, no ano passado, essa última versão das atualizações do protocolo, mais esclarecedoras [...]. (JOSÉ FRANCO FILHO, 2020)

Apesar dessa relação hierárquica, tendo a FIFA/IFBA como tutoras do protocolo VAR, os trechos indicados acima, extraídos de entrevistas de dois árbitros (Burono Raphael e Pericles Bassols), de uma árbitra assistente (Neuza Ines Back), da pessoa recorrentemente mencionada como criadora do Projeto VAR no Brasil, atualmente instrutor VAR (Marcelo Serapião Filho) e de um atual analista de arbitragem e observador de VAR (José Franco Filho), indicam que ele está em movimento, que está sendo pensado por árbitros e dirigentes que compõem as configurações de arbitragem de futebol.

5.3 Da capacitação ao aprimoramento e a dominação legítima dos árbitros

Uma vez descrito informações da trajetória e de elementos do protocolo VAR na perspectiva abordar a sua introdução na configuração da arbitragem brasileira, passo para um ponto da análise no qual me dedico a tratar do esforço da Comissão da Arbitragem da CBF em treinar os árbitros para o trabalho e destes em internalizar o protocolo nas suas atividades. Nesse sentido, a primeira questão a ser considerada é que se torna muito simplista afirmar que o VAR é a introdução da tecnologia na arbitragem brasileira, sendo mais prudente designar o VAR como um protocolo que envolve, claro, tecnologias de imagem e de comunicação, mas sobretudo um encadeamento de processos (conforme figuras 1 e 2 acima) e o envolvimento de novos agentes (VAR, AVARs, RA, RO, Observador, Gerente de Operações).

Em que pese o esforço de treinamento e internalização envolver diferentes atores, vou tratar mais especificamente de como isso foi ocorrendo em relação aos árbitros e árbitros assistentes de campo e aos árbitros assistentes de vídeos. Por parte da CBF, as informações produzidas para a presente pesquisa indicam que essa instituição tem criado espaços e trajetórias de formação do seu quadro de árbitros, analistas, inspetores, observadores de arbitragem, específicos sobre o protocolo VAR.

Num desses esforços da CBF, a IFAB realizou uma visita técnica do VAR para as Federações Estaduais. Esse evento de três dias, ocorrido no Rio de Janeiro, de 19 a 21 de novembro de 2018, contou com autoridades da FIFA e da Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL). Conforme a notícia institucional publicada a respeito (CBF, 2018), o encontro teve como objetivo apresentar protocolos e estruturas para serem utilizados nas partidas, configurando um importante momento para a troca de informações entre membros das Federações e organizadores. Sua organização envolveu diversas palestras e mesas de conversas, quando os membros puderam interagir com o público, explicando e explanando suas experiências de cada procedimento do VAR e de que forma como o protocolo pode auxiliar e minimizar os erros de arbitragem, assim como as exigências para a aplicação da ferramenta e sobre a capacitação dos árbitros.

Além dessa matéria citada acima (CBF, 2018a), outras duas notícias institucionais abordaram a mesma questão (CBF, 2018b, 2018c), a respeito das quais apresento alguns trechos, com o propósito de destacar os conteúdos que demonstram o esforço da IFBA/FIFA/CBF, como também das próprias Federações Estaduais na formação:

O presidente da Comissão de Arbitragem da CBF, Marcos Marinho, destacou a parceria da CBF com as Federações para um maior conhecimento de tudo o que envolve a implementação do Árbitro de Vídeo. – Nossa ideia é dar conhecimento aos representantes das Federações interessadas em implementar o Árbitro de Vídeo. Mostrar como é o processo, as dificuldades, necessidade dos treinamentos, tudo o que é necessário para aplicar o VAR. (CBF, 2018a)

Representando a Conmebol, Wilson Seneme [ex-árbitro de expressão nacional e internacional] mostrou satisfação por compartilhar a experiência da entidade com a ferramenta do VAR nas últimas duas temporadas em competições importantes do futebol sul-americano.

– A iniciativa da CBF em organizar um evento como este combina com o que a gente tem feito na Conmebol. É importante porque os estados e as federações começam também a ter ideia do que é o VAR. Vir aqui, passar esta experiência de como foi o desenvolvimento do projeto no ano de 2017, a implementação, o quanto é importante que a instituição abrace o VAR, que não é algo só de árbitro, é institucional, é muito interessante. E é bom lembrar sempre que este é um processo que deve caminhar passo a passo com o que trabalha o IFAB no seu protocolo – acrescentou Seneme. (CBF, 2018a)

A psicóloga da Comissão de Arbitragem da CBF, Marta Magalhães, abriu o dia apresentando o tema pilar mental. A profissional falou sobre influências do VAR na cabeça do árbitros e como este quesito deve ser trabalho. (CBF, 2018c)

As Federações de Alagoas, Bahia, Ceará, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Santa Catarina e São Paulo enviaram representantes ao evento. Interessados em levar a ferramenta para os seus respectivos campeonatos estaduais [...]. (CBF, 2018a)

Na sequência, Dirk Schlemmer, gerente do departamento de serviços de futebol da IFAB, assim como na última segunda (19), se aprofundou no protocolo necessário para a utilização do VAR. O profissional destacou ainda a importância deste contato entre o IFAB e as Federações estaduais.

- É muito interessante para nós (IFAB/FIFA) falar diretamente com as Federações para passar a elas toda a experiência que construímos nos últimos dois anos e apoiá-las a preparar este enorme projeto. Queremos tornar o projeto bem-sucedido para as Federações. Por esta razão nós nos dispomos a vir ao Brasil e passar os principais pontos sobre como organizar o projeto completo. As Federações devem conhecer tudo em detalhe já que, no fim, elas são responsáveis pela implementação, pela educação e pela execução de todos os pré-requisitos. Por isto a importância de providenciar o escopo completo da fase de implementação do VAR - destacou. (CBF, 2018b)

Os representantes das dez Federações estaduais presentes (Alagoas, Bahia, Ceará, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Santa Catarina e São Paulo) podiam pontuar sobre o tema e elucidar dúvidas com Dirk Schlemmer e Sebastian Runge, chefe do departamento de tecnologia e inovação do futebol da IFAB/FIFA. (CBF, 2018c)

Como denotam os trechos acima, os cuidados no processo de utilização do protocolo VAR têm exigido esforços, pois uma nova configuração de arbitragem tem de ser constituída, assim como uma nova metodologia de trabalho para as equipes de arbitragem. Não por acaso a versão do livro de regras de futebol publicado para 2019/2020, na sua parte introdutória, contempla ‘a palavra’ dos representantes institucionais da CBF destacando o uso do VAR e os esforços da entidade a respeito disso (CBF, 2019). Através dos trechos abaixo sublinho tais esforços:

Um dos grandes passos que já demos no setor, na direção da ética e da transparência, foi a implantação do famoso VAR (árbitro de Vídeo) na Copa do Brasil e na Serie-A do campeonato corrente, que exigiu grandes esforços administrativos e financeiros e que, até, fez nascer a salutar parceria financeira com os clubes que disputam a Serie-A. (Rogério Caboclo Presidente da CBF, CBF, 2019, p. 5).

Aos nossos árbitros, desejo pleno êxito nesta temporada que terá a marca do VAR (vídeo assistente referee) como a maior e imprescindível revolução do futebol mundial, à disposição de nossa arbitragem em todos os jogos de seu principal campeonato. (Leonardo Gaciba Presidente da Comissão de Arbitragem da CBF, CBF, 2019, p. 8)

O trabalho da ENAF [Escola Nacional de Arbitragem], como é do saber de todos, consiste, no particular, em instruir e orientar os árbitros e árbitros assistentes de ambos os gêneros, que compõem a SENAF-CBF, sobre todas as alterações realizadas nas regras, a fim de que todas as decisões em campo estejam sempre de acordo com as regras vigentes e em conformidade com seu espírito. Também é

dever da ENAF traçar diretrizes para a boa técnica de arbitragem, sempre seguindo as orientações da FIFA.

Afinal, o bom árbitro é o que domina as regras, sente o jogo, respeita seus princípios, sua dinâmica, atua com igualdade de critérios, precisão e discrição, serenidade e firmeza. Nossa meta, agora, com a implementação do Árbitro de Vídeo – projeto da CBF – será seguramente alcançada, pois os erros decorrentes da falibilidade humana e que possam impactar no resultado de uma partida serão evitados. (Giulliano Bozzano Diretor Presidente da Escola Nacional de Arbitragem da CBF, CBF 2019, p. 9)

Ao lado da edição deste livro, também nos coube a elevadíssima responsabilidade de “tocar” o projeto do Árbitro Assistente de Vídeo - AAV (VAR), que exigiu e continua impondo dedicação plena para alcance dos seus objetivos, a exemplo do treinamento dos árbitros e observadores, para que dominem o “Protocolo VAR” e os recursos tecnológicos. Os resultados positivos alcançados nos jogos da Copa do Brasil e da Série-A 2019, até agora, servem de alento para continuarmos na labuta. Nesse ponto – projeto AAV (VAR) –, ainda alimentamos a esperança de que nosso projeto, abraçado pela CBF e que serviu de espinha dorsal para o protocolo elaborado pela International de Football Association Board–IFAB, seja aplicado em sua plenitude – sem lances de interpretação –, de modo a que haja o mínimo possível de interferência na dinâmica do jogo e não possibilite controvérsia sobre as decisões do AAV (VAR), o que dispensaria, por conseguinte, o monitor de campo. (Sérgio Corrêa da Silva Chefe do Departamento de Arbitragem A e líder do Árbitro Assistente de Vídeo da CBF; Manoel Serapião Filho, Tradutor, Ouvidor de Arbitragem e Instrutor de Árbitro Assistente de Vídeo da CBF, CBF, 2019, p. 12).

Como é possível observar, já nas primeiras páginas do livro de regras, versão 2019/20, se assume que o protocolo VAR vem alterando a configuração das equipes de trabalho, sendo assim é constante o aperfeiçoamento. Os dados apresentados pelo líder atual do Projeto do VAR na CBF, o entrevistado Sérgio Corrêa Filho (2020), indicam algumas informações da magnitude desse investimento:

O protocolo VAR é extenso e o da formação é rigoroso. Exige-se uma carga horária, número de partidas curtas, cheias e situações simuladas para todos os que pretendam utilizar a tecnologia.

A CBF investiu em sete capacitações, 21 turmas (faltam três que foram adiadas por conta da pandemia do COVI-19); 470 partidas oficiais com VAR no Brasil e mais de 300 partidas treinos.

Neste investimento destacamos a nossa participação em todos os Workshops realizados no mundo (Inglaterra, Suíça, Alemanha, Holanda, EUA, Paraguai e Espanha).

[...]

Também tivemos Enrique Caceres, Oficial de Desenvolvimento da FIFA supervisionando nosso treinamento, com referências positivas.

Não é sem motivos a presença dos supervisores da FIFA nas ações da CBF e das Federações, pois a dimensão hierárquica de existência e de sustentação do protocolo VAR na configuração da arbitragem brasileira é de extrema relevância. Além de destacar que se trata de resultado de experiências bem-sucedidas em competições mundiais, de estudos em diversos países, de envolvimento de pessoas qualificadas, a institucionalidade internacional marcam as manifestações dos interlocutores da pesquisa.

O protocolo VAR nós estamos utilizando exatamente as orientações da *Internacional Board*, que é a responsável, grande responsável pela formatação. Esse protocolo foi feito com somatório de experiência de diversos países e já está na sua nona versão. Ele vem sofrendo alterações, aperfeiçoamentos, mas a Confederação Brasileira de Futebol utiliza exatamente o protocolo enviado pelo IFAB. (LEONARDO GACIBA, 2020)

Com relação à introdução dos protocolos, eu penso que a CBF corretamente segue as orientações da FIFA, que foram utilizadas na Copa do Mundo como exemplo. Foi um exemplo bem-sucedido apesar de pequenas correções que poderiam ter sido feitas, algumas polêmicas, mas isso é do futebol. (BRUNO BOSCHILIA, 2020)

O Protocolo é o mesmo aprovado e utilizado pela FIFA, construção essa feita em várias reuniões, com pessoas qualificadas de vários países e que estudam o futebol acima de tudo. Essa teoria nos foi passada em alguns cursos específicos e já foi bem assimilada pela maioria dos envolvidos. (BRUNO RAPHAEL PIRES, 2020)

A construção dos protocolos do VAR na Série A do nosso campeonato, para mim foi de maneira clara, transparente da CBF para com as Federações, assim como esse mesmo trabalho foi realizado pela IFAB aqui no Brasil. Um trabalho de monitoramento, de constância nas informações [...] há a necessidade dessas instituições que são responsáveis pela educação. São responsáveis pela preparação e pelo mínimo cumprimento do protocolo. (DAIANE MUNIZ, 2020)

Na configuração da arbitragem que opera com o protocolo VAR afirmar que sua construção está institucionalmente distante dos campos brasileiros, que envolve experiências e estudos internacionais, cria uma condição de proteção e segurança da CBF e da/na própria atuação dos árbitros brasileiros. Quando se afirma que “[...] no Campeonato Brasileiro, fizemos o protocolo praticamente igualzinho da FIFA que é o que eles pedem [...]” (RODRIGO GUARIZO, 2020), que “[...] está sendo feito com cuidado aqui no Brasil, principalmente com as orientações que vêm da FIFA, para implementar de acordo com o que tão pedindo [...]” (FLÁVIO RODRIGUES DE SOUZA, 2020) isso reforça a condição de que se trata de uma ferramenta a ser aplicada.

A dimensão da proteção e segurança das entidades e dos seus árbitros nacionais associando o protocolo VAR a uma ferramenta que ‘vem da FIFA/IFBA’ está no distanciamento e na delegação institucional e na extensão da cadeia de interdependências, como quem afirma que estamos apenas aplicando, acionando, executando, reproduzindo ou cumprindo. Como destaque nos trechos de entrevistas descritos abaixo, aplicar, acionar, reproduzir, executar, cumprir são verbos recorrentes no conteúdo das manifestações dos interlocutores do estudo, sobretudo na linha de que eles não podem, de modo algum, ‘quebrar o protocolo’, devendo seguir à risca.

É um protocolo que já tem, que já é de conhecimento e que é aplicado de maneira igualitária pela FIFA nos seus diferentes campeonatos e a CBF o aplica no seu campeonato nacional também [...]. Porque o VAR nada mais é do que uma

ferramenta para o futebol e não para arbitragem. A arbitragem apenas é executora dessa ferramenta [...]. (ANDERSON DARONCO, 2020)

Hoje eu me sinto bastante seguro e tranquilo para desenvolver um bom trabalho, tanto no campo como no vídeo, sabendo os protocolos estabelecidos para que eu também não o implemente no sentido de tomar uma decisão ou ter uma atitude que impossibilite a utilização do árbitro de vídeo. De fato, isso é de extrema importância para que obviamente o árbitro de vídeo ele possa ser utilizado e que não fira os protocolos no sentido de tomar uma decisão antes do momento ou alguma situação que possa evitar que o VAR não possa atuar. (RAFAEL ALVES, 2020)

A construção do protocolo na série A temos que seguir as regras que são referendadas pelas instituições superiores e, no Brasil, estamos fazendo da forma correta seguindo à risca. Temos que ter ciência de que o protocolo é para situações específicas onde podemos interferir. [...] No campo de jogo temos ciência de como essa ferramenta nos auxilia, pois sabemos que se acontecer alguma situação do protocolo, o VAR será acionado. (WILTON SAMPAIO, 2020)

A partir do reconhecimento de que cabe aos árbitros aplicarem o protocolo VAR como uma espécie de ferramenta estável que vai se (ou deve se) encaixar em determinadas situações, mas em outras não, devendo ser utilizada apenas naquelas nas quais se encaixa perfeitamente (nas 4 situações críticas), coube o desenvolvimento de protocolos de treinamento. Isso porque, a tranquilidade ou a menor tensão tem a ver tanto com a estabilidade do protocolo (contornos claros e processos bem delimitados), como com a internalização do momento e das formas do seu uso como ferramenta, o que demanda treinamento. E, segundo a árbitra Daiane Caroline Muniz dos Santos “[...] a CBF tem toda uma estrutura montada à mercê desse Projeto, o que, na minha opinião, transmite confiança para que os resultados sejam entregues, e bem entregues em campo, visando excelência em todas as rodadas”. (DAIANE MUNIZ, 2020)

De acordo com o conteúdo expresso pelos membros da equipe de arbitragem, quanto mais se incorpora, se domina o protocolo VAR, maior é a sensação de tranquilidade no trabalho com a ferramenta. Nas palavras do árbitro Raphael Claus (2020), “[...] você vai conhecendo o protocolo, por isso é importante o árbitro dominar sempre os conceitos, os protocolos, as regras do jogo. Quanto mais domínio você tem dessas situações, mais tranquilo você está dentro do campo (RAPHAEL CLAUS, 2020). Péricles Bassols, que atuou como VAR naquelas que são consideradas as duas primeiras partidas oficiais com essa ferramenta no Brasil, explica que no início sentiu falta de mais treinamentos, mas que era a situação naquele momento.

É, eu participei dessa introdução dos protocolos desde o início, porque como primeiro VAR, eu participei dos primeiros treinamentos para as primeiras experiências. Depois tive nos treinamentos para a Copa do Brasil. [...] A maneira como a introdução foi feita me pareceu a única possível diante do que o protocolo estabelece, mas eu gostaria de ter visto mais treinamento, mais horas de treino.

Apesar de todos os treinamentos que nós passamos, eu fiz alguns treinamentos para a Copa do Brasil, lá nas primeiras experiências com o VAR em Pernambuco, nós sentimos muita falta de mais treinamentos, esses treinamentos poderiam ter ajudado muito aos árbitros a terem um padrão de atuação e de resposta na cabine e no campo. (PERICLES BASSOLS, 2020)

Diante dessa demanda indicada pelo árbitro, de maior investimento em treinamento para padronização de atuação e resposta, segundo explicaram José Franco Filho e Rodrigo Guarizo, houve um intenso trabalho de doutrinação a partir de um início que foi mais rápido do que o esperado, contemplando mais sistematizações de estudos e produções de cartilhas

Então acredito que a gente começou mais rápido do que se imaginaria, ‘meio tocado’ por uma questão que precisava acontecer e que depois com aquela parada da Copa América, e o treinamento que houve o retorno e o desempenho foram bem melhor na segunda metade do campeonato. (JOSÉ FRANCO FILHO, 2020)

A preocupação maior era, para os árbitros, de como inserir, fazer essa introdução para que todos pensassem, agissem e tomassem suas decisões da mesma forma. Porque cada um tem uma ideia, cada um é criado num tipo de região, então cada um tem um tipo de educação, então realmente isso interfere um pouco mais. Mas o que fizeram né? Em cima de cartilhas, em cima de estudos, em cima de treinamentos, pôde-se entrar num denominador comum de uma forma que eles achavam melhor, e o que teria uma formalidade melhor. (RODRIGO GUARIZO, 2020)

Na lógica presente no conteúdo das entrevistas, o sucesso do protocolo VAR na configuração da arbitragem brasileira tem a ver com o sucesso do processo de doutrinação das pessoas que trabalham com essa ferramenta. Ou seja, o fato de existir a ferramenta não significa que ela seja utilizada de forma considerada adequada, o que demanda treinamento e, conforme percebe o árbitro Wilton Sampaio, os profissionais que trabalham na CBF e nas Federações têm investido nisso. Segundo ele, “[...] os profissionais que atuam nessa função têm participado constantemente de cursos e eventos para aprimoramento” (WILTON SAMPAIO, 2020), inclusive com a vivência/experiência de árbitros de campo na cabine (VOR), questão considerada decisiva, conforme expressa o conteúdo das entrevistas com o árbitro Anderson Daronco e com o Presidente da Comissão de Arbitragem da CBF, Leonardo Gaciba:

Essas vivências [treinamentos] elas nos ambientam ao uso da ferramenta, não somente em situação do árbitro estar na cabine, mas também estar no campo de jogo. Saber, entender quais são as necessidades de cada função e se colocar dentro de cada uma dessas funções. Saber quando se está no campo o que, qual é a informação que tem que partir do campo de jogo e qual é a informação que a cabine deseja, e, no contrário, também se faz necessário quando tu estás na cabine, saber qual é a informação que tem que mandar para o campo, que o campo está necessitando naquele momento, de acordo com a jogada. (ANDERSON DARONCO, 2020)

É um processo novo no qual nós começamos a nos preocupar tanto com treinamento de campo, como da sala, porque é importante também os árbitros de campo terem um treinamento de como agir, muda muito a maneira de agir dentro do campo de jogo, termos novos e comunicação. *Delay flag*, *delay* de apito são coisas novas, são novidades que a gente tem que trabalhar também com o campo de jogo [...]. (LEONARDO GACIBA, 2020)

A respeito disso, o instrutor de VAR, Marcelo Serapião Filho, explicou que “[...] que é exigida uma quantidade mínima de atuações tanto em ‘jogos valendo’, como em ‘jogos simulados’ com uma atuação no campo, com uma atuação na área de revisão, com uma atuação na área de vídeo [...] (MANOEL SERAPIÃO FILHO, 2020). Da mesma forma, o árbitro Rodrigo Guarizo afirmou que “[...] tem uma quantidade de horas que a FIFA determina para que faça o protocolo, do árbitro que está apto a trabalhar, não é só no campo de jogo como também na sala do VAR (RODRIGO GUARIZO, 2020).

Esses treinamentos recorrentemente descritos pelos interlocutores como capacitações para uso da ferramenta envolvem a articulação de uma série de estratégias, tais como cursos teóricos e práticos, *workshops*, uso de simuladores e de situações simuladas, retiros com árbitros (pré-temporadas). Mas, apesar de se reconhecer o valor dessas trajetórias, as formações práticas em ‘jogos valendo’ são bastante descritas, sobretudo as que colocam o peso da competição, associada a uma maior pressão. Isso denota que, na configuração da arbitragem, os cursos, ‘a teoria’, os simuladores, as simulações são considerados como necessários, como base, mas o essencial é representado como a quantidade de horas práticas em competições, sendo aquelas que realmente gabaritam as de maior peso. Apresento dois excertos de entrevistas que expressam essa representação.

Mas são sensações diferentes entre formação, que ainda é tudo muito subjetivo, você faz o treinamento ali, mas você não tem uma noção real e vai para cabine do VAR, que é uma sensação de muita responsabilidade, muita tensão no jogo, tem que ter muita atenção diante dessa tensão. E o campo de jogo que você entra seguro, mas também com o comprometimento de não ficar se escondendo atrás da ferramenta. (FLÁVIO RODRIGUES DE SOUZA, 2020)

Bom, com relação às vivências na formação no curso do VAR, eu felizmente tive a oportunidade de trabalhar desde o começo do VAR tanto na CONMEBOL como na CBF, eu participei da primeira partida com o VAR na CONMEBOL [...] (BRUNO BOSCHILIA, 2020)

[...] eu tive o privilégio de ter a formação de VAR dentro e fora de campo e praticado dentro da cabine quanto no campo de jogo. Com a FIFA diretamente, porque nós fomos participar do Mundial de Clubes e a preparação da Copa da Rússia. Então eu já vinha sido preparado anteriormente pela FIFA e pela IFAB em conjunto. Então eu tive esse privilégio e, depois, quando eu vim para trabalhar e fazer os treinamentos com a CBF ocorreu na mesma linha [...]. (EMERSON CARVALHO, 2020)

A existência de vários de árbitros que, nesses primeiros anos de implementação do protocolo VAR, experimentaram trajetórias de treinamentos e participaram de ‘jogos valendo’ com essa ferramenta, levou o árbitro Bruno Boschilia a sustentar que hoje já não se trata mais de cursos de capacitação, havendo turmas de aprimoramento. Segundo ele, “[...] hoje eu acredito que nós temos instrutores com muito mais prática, com muito mais experiência, então os próprios árbitros agora estão passando por uma turma de aprimoramento, já não é mais capacitação, é aprimoramento (BRUNO BOSCHILIA, 2020).

Na mesma linha, o analista e observador do VAR, José Franco Filho, assevera que houve uma mudança de *status*, não se tratando apenas de habilitar as pessoas a trabalhar com a ferramenta (que era uma surpresa), mas observar mais qualidade no seu uso. Sobre isso, ele relatou que:

[...] do primeiro curso que eu participei no início do ano passado antes do começo do Campeonato Brasileiro, onde tudo era uma novidade, uma surpresa, para o último que eu participei, esses dois últimos que eu participei agora na semana passada o grau de evolução dos árbitros e dos operadores dos técnicos, todos em relação ao protocolo e ao uso das ferramentas do VAR, é muito grande. (JOSÉ FRANCO FILHO, 2020)

O conteúdo das entrevistas realizadas com árbitros, na mesma linha do analista José Franco Filho, descreve que, apesar de ser uma experiência ainda recente, destacam um bom trabalho. Raphael Claus, por exemplo, afirmou que “[...] para nós que tínhamos uma carreira de 15, 16 anos já trabalhando como árbitro central sem ter o VAR e é implementado uma ferramenta nova é claro que gera um pouco de ansiedade, mas é o trabalho que foi feito foi muito bom [...]”. Isso significa que, muito embora a configuração da arbitragem tenha se modificado, há informações que apontam para uma trajetória de incorporação da ferramenta VAR tanto como protocolo como *habitus*.

O protocolo pode ser entendido como uma etiqueta, isto é, não apenas figurando como um conjunto de procedimentos, mas como um instrumento de imposição legítima de uma ordem institucional no presente caso (relacionada ao sistema FIFA-IFBA e à CBF e suas competições oficiais). Quanto mais incorporado o protocolo, mais reconhecimento na configuração da arbitragem e do futebol ‘top’ e, ao mesmo tempo, mais presentes os constrangimentos sobre as formas específicas de agir e reagir, da busca de um equilíbrio de tensão. Isso aparece de maneira frequente nas explanações dos entrevistados na forma do que eles denominam de preparação, capacidade e controle mental, a respeito do que assumem responsabilidade e compromisso, sobretudo a partir dos espaços de treinamento.

No VAR, no início senti uma pequena tensão entendo que a maior delas é você saber que está numa função de grande responsabilidade onde é primordial o trabalho de excelência. O desenvolvimento dessas tensões tem que ser desenvolvido com muita atenção onde o aspecto mental tem grande importância. Então as atividades cognitivas, análises de vídeo, técnicas de relaxamento e concentração são alguns exemplos que nos ajuda muito nessa função. (WILTON SAMPAIO, 2020)

E falando em novo, como tudo novo assusta, tudo que é novo assusta, nós temos claro, claro nós também passamos por alguns momentos de maiores tensão. Assim, é necessário um trabalho cognitivo para evoluir uma tomada de decisão. E agora esse trabalho tem mais uma ferramenta, mais alguém falando conosco o tempo todo em campo. Então, eu acredito que por conta disso a tensão e concentração deve ser muito bem inserida, em um trabalho duro de controle da respiração para que todos os requisitos sejam bem atribuídos, todos os outros requisitos sejam bem atribuídos. (DAIANE MUNIZ, 2020)

Além disso a preparação mental e individual de cada membro da equipe é muito importante para que estejamos ativos e preparados para colocar no campo de jogo tudo que foi preparado. (BRUNO RAPHAEL PIRES, 2020)

Esses excertos indicam que as tensões desse novo elemento na configuração da arbitragem imprimem também formas de treinamento específicas para o trabalho no VAR. Sobre isso, o árbitro Emerson de Carvalho se pronunciou afirmando que “Dentro da cabine do VAR a tensão é assim, a pessoa fica apreensiva se é o momento de interferir, a intervenção, o momento em que ela vai chamar o árbitro para a revisão e tomar essa decisão”. Esse árbitro e seu colega Flávio Rodrigues de Souza explicaram que há um “[...] desgaste tanto no físico quando no físico no campo [...]” (EMERSON DE CARVALHO, 2020), que “[...] normalmente termina o jogo cansado, muito cansado mentalmente, porque [trabalhar como VAR] requer muita atenção, toda jogada você tem que estar atento para o que aconteceu, porque acontece situações que o campo não percebe [...]” (FLÁVIO RODRIGUES DE SOUZA, 2020). Além disso, vale lembrar que há um conjunto de observadores que compõe a própria configuração da arbitragem.

5.4 O futuro do VAR nos investimentos em tecnologias e autonomia

Para encerrar este capítulo, depois de descrever e analisar elementos da constituição do protocolo, da sua entrada na configuração da arbitragem brasileira e dos esforços de treinamento desenvolvidos para a capacitação e aperfeiçoamento, apresento informações sobre os próximos passos do protocolo. De acordo com matéria publicada no *website* institucional, durante o Congresso Técnico do Campeonato Brasileiro - Série A, Masculino - de 2021, realizado no dia 24 de março desse ano, contando com a participação e aprovação de representantes dos 20 clubes, o Presidente da CBF, Rogério Caboclo, anuncia e detalha a criação do Centro de Excelência da Arbitragem Brasileira (CEAB), onde estará a sala de

árbitro de vídeo centralizada, chamada de “central única do VAR”. Foi descrita a construção de um prédio com estruturas específicas para o CEAB e a central única do VAR. Nesse encontro, o Presidente da Comissão de Arbitragem, Leonardo Gaciba, considerando as notícias promissoras, anuncia que “[...] a arbitragem na CBF deixou de ser custo. Virou investimento [...]”. (CBF, 2021Ab)

Essa novidade também foi apontada por um dos entrevistados desta investigação, o Diretor de Arbitragem da CBF, que mencionou o fato como sendo o futuro do VAR. Para ele, “[...] o futuro será a centralização do VAR, com sede no Rio de Janeiro. Os primeiros testes *offline* foram feitos em 2019, e o primeiro *online* ocorreu em 16 de fevereiro de 2020, na final da Supercopa, entre Flamengo x Atlético PR, realizado em Brasília – DF” (SÉRGIO CORRÊA, 2020). Também o árbitro assistente Bruno Boschilia, destacou que “[...] em breve a CBF deve contar com as cabines de treinamento próprias no Rio de Janeiro [...], então vai ter uma estrutura permanente para isso, e isso vai ser fundamental para uma evolução, um crescimento na arbitragem [...]” (BRUNO BOSCHILIA, 2020).

Também tratando do futuro do VAR, o árbitro Péricles Bassols e o Diretor do Departamento de Arbitragem da CBF apresentaram suas projeções acerca dos investimentos e dos avanços que vislumbram em termos de tecnologias de imagem e de comunicação, para os próximos anos:

[...] em breve a gente vai ter câmeras 3D, o árbitro vai poder com o *tablet* girar os ângulos e fazer um estilo ‘Matrix’ numa possível mão, e ver se a bola realmente tocou na mão se não tocou. Os ângulos, as câmeras vão se complementar criando um ambiente 3D, isso deve acontecer talvez nos próximos 5 anos. A tecnologia vai melhorar muito, a maneira de se comunicar vai melhorar muito, nós vamos ter menos erros por conta disso [...]. (PERICLES BASSOLS, 2020)

Nem falo da Série A, mas sim entendo que, com o tempo o VAR será algo tão corriqueiro que não haverá necessidade de grandes salas, muitos equipamentos, pessoas, etc. Não tenho dúvidas que bastará apenas um relógio para o árbitro receber a informação de uma central, inteligência artificial vem forte para isso, com a decisão correta. Até entendo que, em alguns anos, os assistentes deixarão suas funções, pois todas as linhas serão calibradas e as saídas serão prontamente definidas para o árbitro. O impedimento já tem *softwares* em estudos e testes indicando se o jogador está ou não impedido. Caso esteja, ele aparece vermelho para quem está na cabine hoje, porém com o tempo, tudo isto em um relógio ou óculos que o árbitro deverá usar para receber as informações em tempo real. (SÉRGIO CORRÊA, 2020)

A implementação de tecnologias como essas mencionadas pelo árbitro e pelo diretor, demanda um outro tipo de investimento: a geração de imagens. Atualmente o protocolo VAR conta com as imagens geradas pelas empresas de comunicação que realizam a transmissão,

mas, conforme o diretor pioneiro do projeto no Brasil, o avanço depende de investimentos em autonomia da CBF na geração para uso específico na/da ferramenta.

Então significa que nós não temos as câmeras posicionadas estrategicamente para o próprio VAR. Nós utilizamos o que está aí [imagens/câmeras das empresas de comunicação]. Lógico que com isso nós concluímos mais do que em noventa e cinco por cento dos casos, com acerto. Ou seja, as imagens são satisfatórias, mas melhor seria se as imagens fossem geradas pela própria CBF. Com o futuro eu espero que aconteça, e com câmeras estrategicamente posicionadas. A propósito de câmeras, atualmente nós vamos colocar câmeras alinhadas com a linha do gol. Isso facilitará definir com clareza se a bola entrou ou não entrou na meta e ajudar na tomada de outras decisões como impedimento, que é um processo que está evoluindo, e dando mais segurança e agilidade ao processo. (MANOEL SERAPIÃO FILHO, 2020)

[...]

Também creio que, com a autonomia das entidades gestoras no futebol, gerando suas próprias imagens, e com o pessoal treinado por ela própria, vinculado a ela própria, o processo evoluirá. Nós teremos mais transparência, porque teremos, digamos assim, do operador uma desvinculação completa com o seu Estado como acontece com os árbitros. Teríamos pessoas selecionados por nós próprios, então o processo seria mais transparente e mais seguro. (MANOEL SERAPIÃO FILHO, 2020)

Essa perspectiva de ganho de autonomia em relação aos veículos de comunicação ganha destaque na implementação do protocolo VAR, produzindo uma barreira sobre possíveis interferências das dinâmicas das empresas de comunicação na composição e uso de imagens. Essa seria uma alteração importante na cadeia de interdependência em direção ao controle dos processos e resultados.

6 O AMADURECIMENTO DO USO DO PROTOCOLO VAR

O capítulo anterior esteve dedicado, fundamentalmente, à construção e implementação do protocolo VAR como elemento novo na configuração da arbitragem. E, para avançar na produção do conhecimento, este segundo capítulo de resultados se foca o uso e, principalmente, no amadurecimento do uso, no sentido da busca de um equilíbrio de tensão na configuração pela presença da novidade. Assim, nesta seção, o leitor encontrará informações sobre como tem ocorrido o uso da ferramenta nas configurações dos jogos de futebol e das equipes de arbitragem, assim como de que forma e em qual direção tem se produzido um equilíbrio de tensões no sentido de amadurecimento desse uso.

6.1 O VAR na configuração do jogo de futebol profissional

Ao tratar do amadurecimento do uso do protocolo VAR, inicio desenvolvendo análises sobre o que estou chamando de configuração do jogo. Ou seja, passo a trazer uma análise acerca do uso da ferramenta não restrita à configuração da arbitragem (farei isso na segunda seção deste capítulo), mas sobre como tem se constituído um amadurecimento da própria configuração de partidas de futebol profissional. As explicações acerca disso, com base no conteúdo das entrevistas, envolvem um conjunto de argumentos: os limites e a falibilidade humana; os custos econômicos dos erros e do tempo; a manutenção da dinâmica do jogo; a aprovação por parte de membros da configuração; garantia, segurança e proteção; jogo limpo disciplinarmente; e massificação e nova cultura.

Não poderia deixar de iniciar esse exercício analítico sem destacar como os interlocutores relacionam a implementação e o uso da ferramenta em face dos limites do ‘equipamento humano’ para acompanhar as ações e transformações das partidas de futebol (e estou tratando do Campeonato Brasileiro de Futebol Série A), em especial da maior velocidade, capacidade física e dinâmica das jogadas e, em face disso, da maior recorrência de jogadas ajustadas, isto é, situações nas quais os detalhes é que definem se houve uma infração ou não das regras. O conteúdo analisado leva ao entendimento de que os árbitros em campo (com seus ouvidos e olhos humanos) não são mais capazes de detectar, com a precisão sempre necessária, muitos detalhes, o que, em alguns casos acabava com carreiras. Quatro trechos de entrevistas ajudam a exemplificar esse entendimento:

Então todos os clubes praticamente querem, tudo tem seu preço, mas é um caminho sem volta a tecnologia no futebol. E que bom né? Que bom que estão entendendo que os olhos humanos não conseguem detectar tudo, que somos falíveis, os árbitros, e a tecnologia veio para ajudar. (EMERSON DE CARVALHO, 2020)

[...] porque infelizmente com relação ao meu trabalho que é como assistente, acabam tendo jogadas muito finas, muito ajustadas e praticamente a ‘olho nu’ são impossíveis de se acertar e quando você tem uma ferramenta que corrige teus erros, no caso de anular um gol ou validar um gol, isso é muito legal e dá uma segurança maior. [...] e que muitas vezes o olho humano fica limitado em função de um posicionamento equivocado, em função de uma dificuldade para se posicionar em cima de uma dinâmica tão acelerada dos jogos nos dias de hoje. Até mesmo pelo fato de os jogadores terem boas condições físicas e terem exigências nesse aspecto que favorecem também a velocidade no campo de jogo. (NEUZA BACK, 2020)

O futebol mudou muito não é, e a cada tempo que passa muda ainda mais, a velocidade do jogo até pelo condicionamento físico dos jogadores, a forma tática. Então nós tempos, muitas vezes, um jogo mais rápido, com mais situações de gol e o VAR é uma ferramenta que, com certeza, vai perpetuar no futebol, porque traz justiça e isso não é só no futebol. Nós vemos muitos outros esportes que precisam do auxílio da TV, porque, muitas vezes, o olho humano não é capaz de detectar pequenos detalhes. (RAPHAEL CLAUS, 2020)

Quando um assistente dizia ‘pode ficar tranquilo’ que a bola não entrou completamente ou que estava ou não impedido, começava o martírio, pois muitas vezes a decisão que julgávamos corretas eram exibidos não como erros, mas, pior, como ‘roubo’, o que agravava a vida dos principais árbitros. Julgamentos e condenações rápidas, sem nenhuma oportunidade de comprovar o contrário, pois nem sempre os ângulos eram favoráveis. (SÉRGIO CORREIA, 2020)

Atrelada a essa falibilidade no contexto de um jogo de futebol profissional de nível *top* (como o ‘Brasileirão Série A’) está o argumento de que a incorporação do protocolo VAR deve evitar os erros de arbitragem⁶ que incidem diretamente no resultado da partida, sobretudo porque há um custo grande envolvido, um planejamento de longo prazo de clubes, de jogadores, de membros de comissões técnicas, isto é, trajetórias de enormes investimentos em diversas áreas. Um erro de arbitragem pode determinar prejuízos econômicos, muitas vezes incalculáveis, se considerada a cadeia de interdependências que constitui uma partida (a extensão de pessoas e instituições implicadas).

A presença do protocolo VAR coloca isso de maneira ainda mais central, pois com a existência dessa ferramenta no jogo, é ainda menos admissível a validação de uma ação considerada como erro. Ou seja, se por um lado, as questões econômicas levaram à implementação do VAR, por outro, a presença do protocolo reforça essas questões econômicas. Isso está presente no conteúdo das entrevistas dos interlocutores:

A principal tensão é [não] quebrar protocolos. Cada vez mais o árbitro se torna profissional. Um erro nesse patamar pode gerar prejuízos incalculáveis. Dessa

⁶ Quando trato do erro de arbitragem, aqui, me refiro tanto a uma decisão ou interpretação, como a algo sério (um incidente decisivo) que foi perdido ou passou despercebido.

forma, busco estudar e dominar todas as técnicas e pilares em busca da excelência esperada pelo sistema. (FABRÍCIO VILARINHO, 2020)

E aí, de tudo que envolve o futebol com relação à parte financeira, você fica correndo o risco de ter um equívoco humano e, não muitas vezes, por falta de ângulo ou de proximidade você tem uma ilusão de ótica no campo, e acaba tomando uma decisão equivocada e influencia muito em todos os seguimentos profissionais envolvidos no futebol. (RAPHAEL CLAUS, 2020)

Então é o que o futebol está buscando e os próprios investidores dentro dos clubes também procuram dessa forma, que seja uma forma mais justa. Então em cima dessas ideias e de outras, foi essa forma que a CBF achou melhor a introdução para que a gente colocasse isso em prática nos jogos. [...] o futebol ficou bem mais jogado, taticamente você, todo mundo percebe que com o VAR hoje você contava às vezes com a sorte que eles falam no mundo futebolístico ‘ah! vou jogar por uma bola’ [...] então, assim, hoje realmente o futebol está mostrando, os investidores estão sabendo disso, que realmente quem tiver o melhor plantel, quem tiver o melhor planejamento também que vai estar lá em cima. (RODRIGO GUARIZO, 2020)

É possível entender, com isso, que a implementação do protocolo VAR na arbitragem profissional tem relações com o custo econômico do erro, principalmente aqueles que colocam ‘na conta do árbitro’ a mudança nos rumos do resultado da partida. O mesmo raciocínio pode ser desenvolvido a respeito do custo do tempo se for levado em consideração o tempo de parada do jogo para as checagens e revisões das situações e decisões, uma vez que o tempo do jogo – na configuração – está atrelado ao tempo em grades de programas de entretenimento empresas de comunicação. Se evitar que um erro ou incidente irregular não percebido é um fenômeno econômico, demorar muito para chegar e revisar também tem implicações financeiras.

Na configuração do jogo com protocolo VAR os árbitros trabalham com esses custos, equilibrando-os, na expectativa de anulá-los ou minimizá-los (ausência de erros/incidentes e checagens/revisões céleres), o que é produzido na relação de interdependência não apenas com os veículos de comunicação, mas também de jogadores, membros de comissões técnicas, torcedores, etc. É nessa direção que ocorre a manifestação da árbitra Daiane Muniz, explicando que “[...] percebo melhorias no sentido de justiça para o jogo de futebol, no sentido de agilidade sobre uma decisão e acima de tudo uma maior aceitação de todo mundo, todos aqueles que ainda não compreenderam que já estamos engajados no futuro” (DAIANE MUNIZ, 2020). Também o árbitro assistente Rafael Alves assim se posicionou, ao afirmar que “[...] os jogadores vão tendo um entendimento um pouco maior a respeito da ferramenta [VAR], a torcida vai entendendo que, em algumas situações, a demora faz parte para que essa decisão ocorra [...]” (RAFAEL ALVES, 2020).

O que esses excertos sublinham é que, na configuração do jogo, a implementação do VAR, além da expectativa de não colocar os árbitros como decisivos no rumo da partida, também lhes impõem o desafio de não quebrar a sua dinâmica, isto é, de manter ‘o jogo sendo jogado’ conforme a dinâmica constituída pelas equipes, não sendo os árbitros os seus definidores. De acordo com a árbitra Neuza Back “[...] vamos ter menos reclamações, vamos ter um jogo mais jogado a partir do momento que nós tivermos interrupções mais pontuais, revisões mais rápidas, vamos ter um jogo menos parado, e sim somente, no caso, a interrupção em jogadas bem pontuais e isso vai ser muito positivo pro futebol” (NEUZA BACK, 2020). Essa não é uma tarefa fácil, uma vez que traz uma mudança significativa e que, segundo o observador Flávio Rodrigues de Souza (2020), exige paciência e adaptação.

Então assim a grande dificuldade é que os jogadores precisam, às vezes, ter paciência com isso, porque eles vão se acostumando, eles vêm de uma era que era tudo muito rápido, entre a anulação de um gol e o reinício do jogo. E, agora, com o VAR mudou, então isso demora muito mais tempo. Sai um gol, tem toda uma checagem para ver se o gol foi tudo certo para validar esse gol. E isso leva um tempo, para cartão vermelho e para outras situações que o protocolo permite que o VAR intervenha. (FLÁVIO RODRIGUES DE SOUZA, 2020)

Com as informações apresentadas até aqui, não é meu objetivo esgotar a configuração do jogo, mas destacar que o uso do protocolo VAR está dentro dessa configuração como um dos elementos da cadeia de interdependências. Na avaliação dos interlocutores há unanimidade de que essa presença veio para ficar, é tratada como uma evolução, que não tem volta, e que ela deve ser utilizada a favor da arbitragem, numa lógica de proteção e de garantia. Nenhum dos entrevistados afirmou que a ferramenta representa algo negativo, pelo contrário, ela está sempre atrelada a noções de justiça, de aceitação, de segurança, de tranquilidade, de maior legitimidade do resultado, de menos erros.

O Árbitro de Vídeo é algo que veio para ficar. A tecnologia está presente no mundo atual e não pode ser diferente no futebol. Com certeza o protocolo se ajustará a cada temporada, em busca de legitimar o resultado sem tirar do futebol sua característica dinâmica. (BRUNO RAPHAEL PIRES, 2020)

[...] o VAR é uma ferramenta que está introduzida no mundo do futebol, que já está introduzida no mundo do futebol. Não adianta negar e o que eu aprendi nos cursos é que ela joga para gente, ela joga ao nosso favor [da arbitragem]. (DAIANE MUNIZ, 2020)

O árbitro na verdade trabalha um pouco mais tranquilo, porque ele sabe que se tiver algum equívoco e que tenha dentro desse protocolo, que nós vamos avisá-lo. Ou vice versa, você está lá embaixo apitando, e você apita com mais tranquilidade, porque o árbitro na verdade tem muitas coisas a serem observadas, analisadas, pensadas durante o jogo. E sabendo que tem mais pessoas ali com mais olhos que possam ajudar, porque o futebol hoje está muito rápido, ele se sente mais seguro. Então as tomadas de decisão dele são muito mais precisas também. (RODRIGO GUARIZO, 2020)

Com relação às mudanças eu acredito que fica aquela reclamação, ela fica um pouco menos frequente, porque essa jogada foi revisada pelo VAR. Os jogadores mesmos se sentem mais seguros, porque eles entendem que se foi checado e tal. Acredito que 90% das vezes eles concordam. Claro que ainda como o VAR não veio para corrigir 100% das decisões, é mais eu falo da diminuição da reclamação. (NEUZA BACK, 2020)

Porém, tem um outro lado também. Tem situações de área também que o jogador cai dentro da área, que eles vêm pressionar para que tenha uma checagem, para que você faça uma checagem, para que use a ferramenta, mas, de modo geral, entre jogadores pedir para o árbitro e fazer a checagem, ou jogadores fazerem pressão ou ficarem mais seguros. Eu penso e observo hoje que eles estão mais seguros com a ferramenta, eles aceitam mais as decisões de campo. Quando eu tenho uma decisão de campo e você está só esperando o VAR confirmar se está certo ou não, e o VAR ‘dá ok’, pode prosseguir o jogo sem checagem, o jogador aceita, ele em uma segurança que a ferramenta foi usada. (FLÁVIO RODRIGUES DE SOUZA, 2020)

Observei na final da Copa do Brasil e nos mais de 50 jogos que realizei como Observador ou Supervisor que, com VAR, os jogadores até reclamam, mas aceitam muito mais as decisões dos árbitros. (SÉRGIO CORREIA, 2020)

A relação com os jogadores durante a partida foi impactada nos confrontos com a presença da ferramenta VAR. Muito embora se tenha como argumento importante o lugar de proteção e de segurança para legitimar o resultado do jogo, mas que para isso deve ela ser acionada sem interferir na dinâmica (seu uso implica um custo de dinâmica de jogo), o conteúdo das entrevistas aponta para outro impacto – no sentido de ganho e evolução – na configuração. Vários entrevistados mencionaram que o jogo ficou mais limpo disciplinarmente com a presença do protocolo VAR:

[...] e ainda existe alguns ganhos, por exemplo, me parece que o tema ‘agarra-agarra’ no futebol acabou. Os próprios jogadores hoje temem serem flagrados e era um grande problema para arbitragem esse tema. A questão de confrontos de jogadores parece que teve uma diminuição significativa. Não existem mais aqueles confrontos porque sabem existem câmeras que estão vigiando durante todo o jogo. Então acredito que a disciplina do jogo ajudou muito a questão da implementação do árbitro de vídeo. (LEONARDO GACIBA, 2020)

Outra coisa que eu lá de cima [da VOR] foi que eu já falei anteriormente, da questão da segurança da arbitragem. Eu acho que ficou muito mais seguro, diminuiu muito as questões de ‘agarra-agarra’, de ‘anti-jogo’ de jogadores com situações fora da disputa de bola, com agressões, com chutes, então assim diminui muito, o futebol ficou mais limpo [...] (RODRIGO GUARIZO, 2020)

Então dentro de campo eu vejo como muito benéfico a implementação nesse sentido dos jogadores e da própria arbitragem todos estarem mais seguros que ta sendo observado pra que tudo ocorra bem.

Essa não é uma questão unânime a ser generalizada, pois, se observa conteúdo apontando para resistências de mudanças nesse sentido disciplinar. Por exemplo, o árbitro Anderson Daronco, afirma que “[...] dentro do campo de jogo conseguimos perceber que certos hábitos demoraram muito a serem mudados principalmente por parte das equipes [...],

no que diz respeito às equipes se percebe que muita pouca coisa mudou. Parece que continuam atuando como se não estivessem sendo observados [...]” (ANDERSON DARONCO, 2020).

Apesar dessa avaliação que destaca a resistência em relação ao controle disciplinar, numa avaliação apresentada, na entrevista, pelo atual Presidente da Comissão de Arbitragem da CBF, Leonardo Gaciba, a lógica de aprovação, avanço, segurança, proteção, legitimação se confirma e é reforçada pela apresentação de dados de avaliações institucionais. Segundo ele:

Eu creio que o árbitro de vídeo está consolidado, prova disso é que em recente pesquisa que foi feita junto aos clubes de futebol, dos dirigentes e comissão técnica, nós tivemos 100% de aprovação; dos clubes e dos jogadores mais de 97% de aprovação, querendo o árbitro de vídeo na temporada 2020. Creio que está implementado. Acho que a partir daí a questão de aperfeiçoamento, a questão de continuar com essa massificação de como funciona os protocolos e acredito que o árbitro de vídeo veio para ficar. (LEONARDO GACIBA, 2020)

A massificação mencionada pelo dirigente da CBF sublinha que a configuração do jogo (como cadeia de interdependências) não se esgota naquilo que acontece dentro de campo e de tempo de jogo. Na argumentação dos entrevistados, para que essa perspectiva de avanço da cultura futebolística, de maior segurança, limpeza e legitimidade dentro de campo se concretize e se fortaleça, juntamente com os jogadores, as mudanças no sentido de compreensão devem ocorrer entre as pessoas que trabalham nos clubes, veículos de comunicação, entre torcedores, telespectadores, influenciadores, etc.

Leonardo Gaciba menciona que “[...] através de palestras, cursos, estamos indo muito aos clubes de futebol, para conversar a respeito do protocolo, explicar como funciona o protocolo, e como funciona uma cabine VOR [...]” (LEONARDO GACIBA, 2020). Na mesma linha, entendendo que será necessário um período para a mudança da cultura, o árbitro Rafael Alves relatou acreditar numa “[...] nova educação por parte de todos, para saberem que, para poderem ter um entendimento de que ele [o protocolo VAR] vem ajudar e que, de fato, o interesse é favorecer o futebol e tornar o futebol mais justo” (RAFAEL ALVES, 2020). Ainda, o árbitro Pericles Bassols, agora atuando como comentarista de arbitragem em programas de televisão, acentua a importância desse trabalho de explicação, ao explicar que:

[...] hoje a principal tensão que eu vivo na função nova que eu exerço [comentarista de arbitragem] é tentar, é convencer colegas da imprensa que estão insatisfeitos com o VAR e fazendo pressão contra o VAR, de que aquilo é uma ferramenta mais justa e melhor para o futebol. As pressões de quando a ferramenta não funciona por erro humano, ou erro na interpretação do protocolo por parte do VAR ou do árbitro que gera frustração na imprensa e na torcida. Essa é a minha principal tensão hoje. (PERICLES BASSOLS, 2020)

Na avaliação expressada pelo analista e observador de VAR, José Franco Filho, ele afirma que observa aceitação e que ela está ocorrendo de maneira mais tranquila do que previa inicialmente. Ele reconhece que começou com “[...] bastante questionamentos no início do campeonato e principalmente, até pela falta de treinamento e conhecimento não só do público, dos jogadores e da própria arbitragem [...]”. Mas, com os investimentos em treinamentos, principalmente na parada para a Copa América de 2019, foi possível incorporar mais entendimento. Para esse analista/observador, “[...] a aceitação tanto dos jogadores, do público, da imprensa e principalmente o desempenho da arbitragem [...] veio melhorando e, como tudo, requer treinamento e assimilação” (JOSÉ FRANCO FILHO, 2020).

Mais uma vez, colocando um questionamento acerca desse avanço na compreensão, o árbitro Anderson Daronco menciona que, num cenário de carência de conhecimentos, o uso da ferramenta VAR, sobretudo no contexto das narrativas dos veículos de comunicação, acaba sendo mais um ingrediente do entretenimento esportivo, pelas discussões que elas proporcionam e como elas alimentam a configuração. Para esse árbitro:

[...] na verdade penso eu que se ganhou mais um argumento para se alimentar tanto as discussões de uma partida de futebol, principalmente no setor midiático, tanto a alimentação de temas antes do jogo, como também pós-jogo, ganhou um elemento mais. E um elemento muito forte para discussão, principalmente acerca da falta de conhecimento das pessoas sobre os protocolos, essa ferramenta do seu funcionamento e do seu adequado uso. (ANDERSON DARONCO, 2020)

Uma das questões apontadas por interlocutores da pesquisa, para esse maior avanço compreensivo, está na massificação não apenas atrelada ao uso nas Séries A, mas também em campeonatos de Séries B, C e D, campeonatos regionais e estaduais. O desafio disso, quando a configuração do jogo, explicam Bruno Boschilia e José Franco Filho, está no custo. Isso “[...] vai cada vez mais se popularizar e avançar conforme os custos forem diminuindo” (BRUNO BOSCHILIA, 2020), sendo uma das possibilidades colocar “[...] menos câmeras, não sei, mas acho que o rumo é que a tecnologia vai entrar em todos os níveis de futebol, porque ela veio para ficar e ela veio para legitimar os resultados [...]” (JOSÉ FRANCO FILHO, 2020).

Essa é uma questão que já está na agenda do sistema FIFA-IFBA. Numa matéria publicada em novembro de 2020, a FIFA, em seu *website*, anuncia que o conceito de “VAR light” está tomando forma. Menciona a constituição de um Grupo de Trabalho para criar estratégias, sistemas e algoritmos VAR acessíveis, com menos custos e de fácil manuseio, como também a existência de experimentos de entidades com resultados acerca de modelos

mais econômicos. Essa construção, além das entidades do futebol, envolve empresas fornecedoras de tecnologias trabalhando em possíveis soluções. (FIFA, 2020)

6.2 O VAR na configuração da equipe de arbitragem

Uma vez abordado o uso do protocolo VAR e suas relações com a/na configuração do jogo, passo a desenvolver análises específicas sobre a configuração da arbitragem, ressaltando que não se trata, de modo algo, de constituir uma representação de uma dentro da outra (de que a configuração da arbitragem estaria dentro da configuração do jogo). Na perspectiva da teoria elisiana, analiso a configuração da arbitragem com protocolo VAR como uma rede de indivíduos interdependentes que se relaciona com oportunidades e constrangimentos nas ações e produções.

Essa análise que trata do amadurecimento do uso do protocolo foi desenvolvida em três seções, cada uma delas explorando questões entendidas como decisivas, mas sempre deixando o entendimento de que se trata de uma busca de equilíbrio do VAR entre: os árbitros do campo e os árbitros da VOR; estabelecimento, aceitação e manutenção de uma linha de intervenção; e trabalhar ‘pensando na cabine’ e ‘no campo’.

6.2.1 O VAR entre os árbitros do campo e os árbitros da VOR

A primeira questão que me parece importante destacar é que se observa no conteúdo das entrevistas a compreensão de que os membros relacionados ao protocolo VAR estão incorporados, isto é, que fazem parte de uma única equipe, apesar de haver a distinção entre aqueles que trabalham ‘em campo’ e os que atuam ‘na cabine’, assim como de existir uma hierarquia entre o ‘árbitro principal’ e os ‘assistentes’. Nas palavras do analista e observador de VAR e da árbitra, abaixo, é possível perceber esse modo de incorporação.

[...] o árbitro de vídeo, o VAR, o AVAR1, o AVAR2 estão incorporados como realmente fazendo parte do quarteto de campo e mais os três da sala. Então são sete unidos numa única, num único objetivo de trabalhar o jogo, e cada um sabendo das suas funções. O árbitro de vídeo fundamentalmente sabendo que ele é um árbitro assistente, como os outros árbitros assistentes, os dois assistentes e o árbitro reserva, ele está ali para assistir o árbitro principal da partida. (JOSÉ FRANCO FILHO, 2020)

Agora já que somos duas equipes ao máximo, a uniformidade para que as decisões em campo aconteçam em benefício do jogo, e existe um momento ali onde nós buscamos sinergia para que todos confiem no trabalho de todos. Isso, para mim é primordial, para nós estarmos alimentando esse novo trabalho. (DAIANE MUNIZ, 2020)

O trecho da entrevista do analista José Franco Filho coloca a centralidade do árbitro principal e a da árbitra Daiane Muniz expressa a busca de sinergia, aspecto esse que passo a explorar nesta seção. E, nesse sentido, inicialmente, recorro a explicação do árbitro assistente Bruno Boschilia, quando ele se manifesta sobre a relação entre aqueles que trabalham ‘em campo’ e os que estão ‘na cabine’, em que pese o momento exato de intervir.

[...] ele [VAR] tem que saber, aí está a outra parte do conhecimento que nós comentamos, saber o momento exato de intervir, quando intervir, porque o árbitro que está no VAR, ele não tem a temperatura do jogo, ele não está no campo, ele está numa cabine, apesar de estar no estádio, mas está escutando tudo, mas ele não está envolvido no ambiente do jogo. Então ele tem que fazer muito bem essa leitura, tem que ser um bom conhecedor do futebol [...] (BRUNO BOSCHILIA, 2020)

Isso indica que ao operarem com o protocolo na VOR, os árbitros de vídeo devem dispor de sua experiência de arbitragem – não sem motivos, os árbitros de vídeo são/foram árbitros de campo – para apreender o ambiente em campo (‘a temperatura do jogo’), o que envolve conhecer e reconhecer como o árbitro principal trabalha. O próprio Bruno Boschilia recorre à noção de camaleão e sua capacidade de adaptação para explicar que “[...] os assistentes, os árbitros assistentes no campo, eles são como camaleões que, num jogo ele tem que trabalhar com um árbitro e o árbitro é de uma forma, e no outro jogo outro árbitro trabalha de outra forma”. Para Bruno, que é árbitro assistente, “[...] o VAR também tem que ser um pouco camaleão. Apesar de ter um protocolo dele, ter regras a seguir, ele tem que ser um pouco camaleão, entender como o árbitro trabalha, como o árbitro quer que ele trabalhe, a forma de intervir, a maneira da comunicação” (BRUNO BOSCHILIA, 2020).

Mas, vale enfatizar, que essa compreensão do ambiente do jogo e da forma de trabalho do árbitro, não está atrelada a nuances sobre quando e como utilizar o protocolo VAR especificamente. Como descrevi no capítulo anterior, há uma série de determinações, orientações e limitações que devem ser seguidas, afinal o protocolo é entendido como uma ferramenta a ser utilizada em 4 situações. Pelo entendimento presente no conteúdo das entrevistas, a manifestação do Bruno Boschilia se refere à forma de se relacionar com o árbitro principal, como a constância, a cadência de informações trocadas, os momentos de conversas, o uso de expressões-chaves, etc. Os modos de trabalhos dos árbitros principais e os ambientes de jogo são relevantes para estabelecer essa forma de relação. Por exemplo, jogos considerados ‘mais tensos’ podem requerer mais informações do que outros considerados ‘menos tensos’.

Sendo o árbitro principal uma referência importante, fica compreensível o fato de que, em várias entrevistas, eles se manifestam sobre a equipe de arbitragem utilizando a expressão

‘minha equipe’, destacando o lugar de liderança. Um dos trechos de entrevista que exemplifica esse lugar do árbitro principal na equipe é o seguinte, extraído da interlocução com o árbitro Flávio Rodrigues de Souza. Segundo ele,

[...] no dia de jogo como árbitro de campo, [devo] me concentrar o máximo no jogo, nas partidas, na parte tática de equipe, quando também que eu posso utilizar também a ferramenta, o que que eu posso fazer com a minha equipe dentro de campo, para gente acertar não é, e assim, acima de tudo, ficando tranquilo para também não criar uma pressão desnecessária e entrar pressionado. Mas, é a maneira mental como você lidar para a ferramenta, tanto dentro ou fora, ela é importante e ela é fundamental para que você tenha uma boa desenvoltura. (FLÁVIO RODRIGUES DE SOUZA, 2020)

Ao explicar essa boa desenvoltura, esse árbitro se manifesta dizendo que “[...] entro no campo de jogo é não utilizar a ferramenta [VAR], ela está lá para me auxiliar, OK, não vou me acomodar e vou fazer o máximo, vou acertar tudo dentro do campo de jogo” (FLÁVIO RODRIGUES DE SOUZA, 2020). Esse entendimento é reforçado pelo analista/observador José Franco Filho, quando ele afirma que “[...] o VAR não é mais visto como bengala do árbitro, ele se refere a mais gente olhando, mais gente resolvendo, tentando legitimar a partida” (JOSÉ FRANCO FILHO, 2020), ou seja, que não se deve perder a importância do árbitro principal e sua responsabilidade, sobretudo nas situações que exigem interpretação.

O conteúdo das entrevistas realizadas destaca que os assistentes, com destaque para aqueles que trabalham na VOR (tendo em vista o objetivo da presente pesquisa), não devem se sobrepor a autoridade do árbitro central, sobretudo quando se trata de um lance interpretativo, entre eles os chamados ‘lances cinzas’, aqueles que cabem interpretação ‘para os dois lados’. Na lógica daquilo que expressa o conteúdo analisado, a configuração da equipe de arbitragem confere um monopólio em benefício do árbitro principal, o que se acentua quando há maior possibilidade de interpretação (zonas cinzas), mas também nas situações consideradas objetivas (preto ou branco), quando existe a necessidade de atuação do árbitro principal. Não sem motivos, quando o árbitro assistente assinala uma posição de impedimento, cabe ao árbitro principal considerar (ou não) esse sinal para tomar uma decisão. Da mesma forma, o protocolo VAR é descrito e entendido como um componente a mais de assistência, mais olhos para ajudar, para observar e, no máximo, sugerir no sentido de suplementar o árbitro principal nas decisões. Alguns fragmentos das entrevistas trazem esse entendimento.

Não uma interferência a todo momento naqueles lances que muitas vezes são de interpretação por parte do árbitro de campo que também tem que prevalecer a sua decisão. (RAFAEL ALVES, 2020)

A construção do protocolo [VAR], ela visa em termos de justiça, mas também sem perder a importância que tem o árbitro de campo não é, que é o principal ponto. [...] O que pode ter polemica são lances interpretativos que são lances cinzas, que cabem interpretações de dois lados, e uma decisão tem que ser tomada dentro do campo, com o auxílio do VAR também. (RAPHAEL CLAUS, 2020)

O grande problema que existe no árbitro de vídeo, as maiores tensões, no caso, conforme você está perguntando, é o fato da regra de futebol ser interpretativa. Então ainda existem lances que são polêmicos, são lances que têm interpretações, que pode ter dois vieses, dois tipos de observação. Então eu acho que esse é o maior detalhe. A questão de utilizar as imagens, mostrar as imagens que são conclusivas para o árbitro e, a partir daí, mostrar que a decisão foi correta. (LEONARDO GACIBA, 2020)

Não se trata apenas do conteúdo das entrevistas. O manual de implementação do protocolo VAR em competições oficiais (CBF, 2021A) sublinha – no sentido de estabelecer constrangimentos – esse lugar do árbitro principal e dos árbitros assistentes de vídeo em relação a ele.

A tarefa dos VARs NÃO é informar ao árbitro qual decisão ele deve tomar. A tarefa do VAR é fornecer informações claras e, na medida do possível, objetivas ao árbitro, para auxiliá-lo na decisão sobre se um incidente deve ou não ser revisado, e possivelmente mudado. É importante que o VAR não influencie (deliberada ou involuntariamente) o árbitro, lhe informando sobre qual decisão o árbitro deverá tomar, o menos que seja pedido diretamente para fazê-lo pelo árbitro. (CBF, 2021A, p. 26)

Embora esteja bastante saliente nas entrevistas e no manual do protocolo VAR que o árbitro principal deve ser a referência central e última, havendo uma hierarquia, não está presente, nos conteúdos, o entendimento de que, nessa configuração de equipe, ele deva ser tomado como uma autoridade absoluta. Faz mais sentido, tratar o árbitro principal como líder de ‘sua equipe’, como alguém a quem cabe aceitar, avaliar e trabalhar com diferentes fontes de informações para amadurecer suas decisões. Sobre isso, num dos trechos da entrevista realizada com José Franco Filho, é possível observar que tal aceitação entre os membros ‘do campo’ e da ‘cabine’ tem sido construída.

A gente realmente nos cursos, no curso do início do ano era tudo novidade para todos. Hoje em dia já não é mais. Então a evolução foi muito grande, tanto na parte da relação do campo [de jogo] para sala [VAR], quanto da relação da sala para o campo também. A aceitação principalmente da relação do campo para sala [é] muito mais fácil agora, muito mais técnica. A conversação, os diálogos muito mais técnicos e sucintos e diretos. (JOSÉ FRANCO FILHO, 2020)

Nessa linha de conferir ênfase à equipe de arbitragem para que represente uma tomada de decisão coletiva, ainda que se tenha no árbitro principal a referência, os interlocutores da pesquisa descrevem um investimento importante na construção de modos de comunicação e

de alinhamento. Faz parte do amadurecimento do (uso do) protocolo VAR o desenvolvimento encontros de planificação e alinhamento e de formas de comunicação, jogo-a-jogo, o que o árbitro Bruno Raphael Pires expressa afirmando a necessidade de “[...] conversar bastante com o árbitro da partida para que a comunicação seja objetiva e que a tomada de decisão seja algo coletivo, para que assim as chances de erros diminuam bastante” (BRUNO RAPHAEL PIRES, 2020).

A respeito da planificação e do alinhamento, os entrevistados descreveram de maneira recorrente a realização de reuniões técnicas antes de cada uma das partidas. Nesses encontros, segundo apontam os conteúdos analisados, os membros da equipe, além de se conhecerem e trocarem informações sobre seus modos de trabalhar, planificam suas ações, para que cada um saibam exatamente o que fazer. Em alguns casos essas conversas e planificações no sentido de alinhamento duram várias horas, contemplando a presença de vídeos de lances, retomada de protocolos, reforço das diretrizes e dos princípios, além, é claro, das questões específicas de cada uma das partidas. Também são mencionadas reuniões e trocas de informações pós jogos, na perspectiva de *feedbacks* para qualificação do trabalho em equipe. Alguns trechos das entrevistas ajudam a caracterizar essa questão estratégica:

Sempre antes do jogo a gente tem uma reunião com a equipe do árbitro de vídeo e a equipe do árbitro de campo, e estabelece a forma de atuação e a forma com que com que as coisas têm que ser direcionadas. Isso é debatido jogo a jogo, mesmo com uma sequência de jogos dê essa possibilidade, sempre é bom desenvolver as combinações para que as decisões se tornem mais consistentes. (RAFAEL ALVES, 2020)

Fora do campo, antes da partida, fazemos toda nossa preparação, deixando claro a linha atuação do VAR, salientando a função de cada membro cabine e do campo. Após os jogos é importante o *feedback* de todos os membros, com pontos positivos e [aqueles] a melhorar para a próxima partida que vamos atuar. (WILTON SAMPAIO, 2020)

[...] acredito também que um bom alinhamento entre o VAR e o árbitro [é] a planificação antes da partida, [ela] é fundamental para o êxito da equipe de arbitragem. (BRUNO BOSCHILIA, 2020)

[...] então houve uma mudança nessa questão fora de campo, muito mais conversa, muito mais detalhes de fala. Às vezes nós ficamos ali duas, três, chega a quatro horas de reuniões para que possamos chegar afinadíssimos nos jogos, e preparados para qualquer tipo de situação para tomada de decisão. (RODRIGO GUARIZO, 2020)

[...] há uma reunião técnica, toda uma preparação feita antes dos jogos, passando vídeos e ilustrando e com lembrança dos principais protocolos, da diretriz principal, do erro claro, óbvio, dos limites então alguma coisa mais pontual para a hora do jogo. A formação geral e a coisa pontual para a hora do jogo. (MANOEL SERAPIÃO FILHO, 2020)

E a segunda grande modificação que eu vejo no início do campeonato, ficava aquela coisa assim, meio o pessoal do campo meio desconfiado que o pessoal da cabine fosse interferir na sua arbitragem de campo. E hoje em dia não, hoje em dia está

tranquilo, a troca está bem mais fácil, principalmente a preparação de antes, as reuniões técnicas que têm no pré-jogo, onde já fica combinado tudo. Não que essas reuniões não existissem antes, existiam também, mas parece que se ficavam com um pouco de receio no primeiro momento. (JOSÉ FRANCO FILHO, 2020)

A maior presença de reuniões técnicas e de conversas de planificação e alinhamento está relacionada com o desenvolvimento (ou amadurecimento no sentido elisiano) de formas de comunicação. A comunicação entre os árbitros de campo e o árbitro assistente de vídeo é considerada como um ponto chave do sucesso do protocolo, o que foi percebido pela presença de erros de utilização/acionamento da ferramenta exatamente por problemas/desalinhamentos de comunicação. Não por acaso, portanto, nas entrevistas com os interlocutores da pesquisa, eles mencionam bastante a questão da comunicação, salientando que atualmente (em relação ao início da implementação do protocolo) é possível estabelecer mais conversas entre os árbitros de campo e o VAR, justamente porque foram desenvolvidas terminologias específicas, prezando por objetividade e clareza, considerando também que tudo está sendo gravado e permanece arquivado para revisões, o que significa que é necessário entender o que pode e o que não pode ser dito. Abaixo apresento alguns trechos de entrevistas que expressam o cuidado e delineamento desse ponto chave.

[...] muitas coisas mudaram, a maneira de se comunicar e de se reagir aos comandos, o que podia ser dito, o que não podia ser dito [...]. [...] eu acho que a principal mudança está na maneira que o VAR, na maneira do VAR se comunicar com o árbitro. Está mais aberto ele pode entrar e falar mais coisas agora, ser mais claro. [...] eu passei algumas tensões na cabine com relação à maneira como eu podia me comunicar com o VAR. Algumas coisas não podiam ser ditas e tal. E hoje elas são mais claras. (PERICLES BASSOLS, 2020)

O trabalho em equipe precisa estar mais afinado, a comunicação entre todos os envolvidos (árbitros em campo e cabine) deve ser mais clara e objetiva. Para isso o plano de trabalho prévio à partida deve ser realizado, abordando todos os temas, desde os mais simples aos mais complexos, sem vaidades da parte de todos em prol do resultado positivo. (BRUNO RAPHAEL PIRES, 2020)

[...] a comunicação é um ponto chave nessa relação do VAR, tanto a comunicação do campo para o VAR passar o que ele está vendo e descrever, quanto do VAR, da forma de se comunicar com o campo. Então nós tivemos nas primeiras partidas muitos, digamos erros de comunicação, dificuldade na comunicação a terminologia não adequada. Acho que isso aí é outro ponto que está melhorando. (BRUNO BOSCHILIA, 2020)

[...] a introdução total dos intercomunicadores da equipe de campo, de melhor tecnologia oferecida, mudança no comportamento e gestão do trabalho com jogadores já que tudo é gravado, maior profissionalismo por parte de todos os envolvidos. (FABRÍCIO VILARINHO, 2020)

A noção de profissionalismo da equipe mencionada, pelo que procurei descrever e analisar nesta seção, está marcada pelo desenvolvimento de equipe, de liderança, de

comunicação, de alinhamento e de planificações. Mesmo numa configuração marcada por diferenciações (árbitros de campo, de cabine; principal e assistentes; a referência e os camaleões), são esses elementos que chamam a atenção dos interlocutores quando se referem a qualificação da configuração da arbitragem.

6.2.2 O VAR entre estabelecimento, aceitação e manutenção de uma linha de intervenção

Além das interrelações entre campo e cabine, entre árbitro principal e assistentes, como descrito e analisado acima, outra importante questão no amadurecimento do uso do protocolo VAR está relacionada à interferência na dinâmica do jogo pelo árbitro. Se, com a implementação da ferramenta, de um lado, as discussões e questionamentos estavam diminuindo no que se refere aos erros/incidentes não percebidos, de outra se observava um correspondente aumento das reclamações pelo excesso de interrupções e pelo tempo em que a partida ficava paralisada. Sobre essa relação, destaco dois trechos das entrevistas com a árbitra Neuza Back e o árbitro assistente Rafael Alves:

Então o jogo se tornou menos reclamado, mas tem a outra parte, que é a das interrupções. Essa é a parte negativa no meu entendimento. Por quê? Muitas vezes uma equipe gostaria de reiniciar rápido o jogo, até poderia ter um benefício, se reinício rápido. E aí, por causa da checagem, o jogo acaba ficando muito parado. E a questão também é da agilidade para essas checagens. Isso está sendo trabalhado ainda, e quanto mais familiarizado com a ferramenta nós estivermos, mais rápidas vão ser as checagens. Esses são os principais pontos que eu vejo: é fazer interrupções mais pontuais e não ficar checando tudo que é tipo de jogada. Checar somente as jogadas realmente com potencial de grandes de equívoco poderiam fazer com que tivesse uma dinâmica melhor. (NEUZA BACK, 2020)

Particularmente eu acho que o VAR tem auxiliado bastante a arbitragem, [...] no sentido de que de facilitar um pouco a interpretação da cabine e o desenvolvimento da partida, não travando muito os jogos no aspecto de parar para checagem ou revisão dos árbitros. Sendo assim a dinâmica do jogo permanecerá trazendo uma boa fluidez sem que o jogo tenha muitas pausas, e que, de fato, os lances de difícil interpretação tenham a possibilidade de ser corrigidos. (RAFAEL ALVES, 2020)

O conteúdo das entrevistas aponta para um entendimento, entre os interlocutores do estudo, de que houve aprimoramento/avanço a respeito disso desde os primeiros jogos em 2017 até 2020. As informações produzidas destacam que houve um primeiro momento em que o árbitro de vídeo interferia demasiadamente e, depois, passou a fazer pouquíssimas intervenções, porém, mais recentemente isso se estabilizou numa chamada linha alta, onde a equipe da cabine não fica procurando pequenas falhas, mas atua em face de quatro situações específicas.

[...] o sarrafo era muito baixo na intervenção e ele andou alternando. Ele já foi até mais alto do que ele é hoje, mas ele chegou a ir muito alto para intervenção, pouquíssimas intervenções, e agora ele está mais ao critério do próprio VAR, porque as experiências estão aumentando e o nível do treinamento também está aumentando. (PERICLES BASSOLS, 2020)

Basicamente eu vejo que a principal mudança foi o amadurecimento dos nossos árbitros em relação ao uso da tecnologia. Quando nós começamos, entrávamos na sala da VOR e quem estava lá trabalhando como VAR, o AVAR, o AVAR1, o AVAR2, ficavam basicamente os noventa minutos procurando erros da arbitragem, para justificar, sei lá, sua presença ali, ou para legitimar a ferramenta do VAR [...] (JOSÉ FRANCO FILHO, 2020)

[...] como é um a ferramenta nova e está sendo introduzida e tudo tem que ser praticado, eu acredito que a linha de intervenção está agora começando a ficar mais coerente. É isso que está pesando mais. Teve um momento em que os árbitros do VAR, eles entravam por situações em que não tinha necessidade de intervenção. Eu creio que agora está aprimorando, com o decorrer do tempo, com a prática, vai ganhando experiência e vai se tornando mais [...], essa régua, como diz o Gaciba, essa régua ficando no limite, no tamanho, na altura ideal para intervenção. Se está muito baixa é complicado. (EMERSON DE CARVALHO, 2020)

[...] o protocolo do VAR é universal, mas comporta um campo de interpretação sob o aspecto da linha de interferência. E, na atual gestão [...], toda estrutura da CBF [está] trabalhando por uma linha de interferência alta, ou seja, respeitando a filosofia do protocolo VAR. Apenas para as quatro situações de gols, de pênaltis, de cartão vermelho e de erro de identificação [...]. Então, com a linha de interferência alta já de meados da competição da Série A para o seu final. (MANOEL SERAPIÃO FILHO, 2020)

A linha de interferência alta, no entendimento intensamente presente no conteúdo das entrevistas, denota que a atuação do VAR ocorre somente em casos de erros/incidentes considerados grosseiros, grotescos, isto é, aqueles de fácil percepção, não apenas pela arbitragem, mas por membros da imprensa, do público. O desafio da Comissão de Arbitragem da CBF foi estabelecer critérios para separar os ‘grandes elefantes’ das ‘formiguinhas’⁷, sendo os primeiros aqueles que, além de óbvios implicam em mudança no rumo da partida por uma decisão da arbitragem. Ademais, como explicou Sérgio Corrêa, ‘um erro para quem está fora [do jogo], se não for grosseiro todos aceitarão. O que não se pode é gols com a mão ou em impedimento [...]’ (SÉRGIO CORRÊA, 2020).

Essa foi a direção do ajuste da/na interferência, algo que ocorreu durante o Campeonato Brasileiro da série A de 2019. Segundo expôs o árbitro Anderson Daronco “[...] nós acabamos caminhando das primeiras rodadas do Campeonato Brasileiro [de 2019], se tinha um pensamento em que havia muitas intervenções, e se caminhou do meio do campeonato para o fim um número muito menor de intervenções” (ANDERSON DARONCO, 2020). E, no entendimento de Manoel Serapião Filho “[...] a interferência alta

⁷ Apelidos utilizados para diferenciar os erros/incidentes.

foi o grande passo, a grande construção para solidificar e dar ao público uma segurança e aos jogadores, sobretudo, mais segurança de como a CBF tem atuado e atuado com muita correção a nosso ver” (MANOEL SERAPIÃO FILHO, 2020).

A coerência e aceitação na configuração do jogo (não apenas da equipe de arbitragem, mas também de seus membros) da linha alta de intervenção aparece como uma avaliação positiva. O árbitro assistente Bruno Boschilia, por exemplo, acredita que “[...] de uma maneira geral o saldo foi muito positivo e a CBF segue esse posicionamento, essa linha de trabalho aqui no Campeonato Brasileiro e eu acho isso muito positivo”. Ele continua explicando que acredita que “[...] a CBF tenha usado um critério de intervir o menos possível, digamos assim, a régua alta, régua elevada, e penso que é o correto para que o jogo flua, tenha o menos possível de interação do VAR” (BRUNO BOSCHILIA, 2020). Nesse contexto de linha de interferência alta, Leonardo Gaciba ainda acrescenta uma avaliação segundo a qual “[...] tivemos um índice muito baixo de erros no Campeonato Brasileiro da Série A em lances capitais, e uma melhora na performance final dos árbitros de 86% [...]” (LEONARDO GACIBA, 2020).

O assessor/observador Manoel Serapião Filho, que está vinculado a o Projeto do VAR desde o início, chega a conclusão de que o estabelecimento dessa linha alta, que está apresentando coerência e aceitação foi um ponto de equilíbrio. Segundo sua manifestação, “Nós tivemos um ponto de equilíbrio muito positivo, os árbitros absorveram, os observadores trabalhando na ajuda da construção dessa linha de intervenção, absorveram e os erros apenas claros é que têm sido o objeto de atuação do VAR” (MARCELO SERAPIÃO FILHO, 2020).

Contudo o amadurecimento do uso do VAR não se esgotou no estabelecimento de uma linha de intervenção específica aceita/coerente. Foi preciso investir na sua manutenção de maneira uniforme na competição como um todo, isto é, entre as distintas configurações de jogos e de equipes de arbitragens. Os árbitros Neuza Back e Anderson Daronco, ao comentarem sobre a uniformidade do critério de intervenção, colocam a importância da uniformidade (a linha como ponto de equilíbrio), mas também apontam para conquistas/avanços nesse sentido:

[...] penso que um dos pontos de tensão é conseguirmos manter um nível uniforme de critério dentro da arbitragem. É, entre os lances que devemos fazer uso da ferramenta ou não, daqueles que estão na cabine saberem entender o processo, a filosofia de implementação por parte da Comissão de Arbitragem, e termos critérios, digamos, bem uniformizados nesse sentido, para que não haja discrepâncias de um lance hoje haver uma chamada no vídeo, por exemplo, e numa próxima partida um lance semelhante não ter essa chamada não é. Creio que esse é um, é um ponto de dificuldade em que precisamos encontrar um, um equilíbrio nesse sentido [...] (ANDERSON DARONCO, 2020)

Com relação a trabalhar como o VAR, é somando experiências a cada dia, entendendo melhor o conceito e tendo uma interpretação mais padrão com relação a todos os árbitros do Brasil, para que a gente consiga padronizar as entradas em situações semelhantes e, com relação a dentro de campo dá uma segurança maior [...] (NEUZA BACK, 2020)

Mesmo reconhecendo a existência de preocupações e de ações de aprimoramento da CBF e da CONMEBOL acerca do protocolo VAR e de sua linha de intervenção, o árbitro Fabrício Vilarinho, menciona que “[...] devemos estar atentos aos protocolos e linhas de intervenção propostas. Essa construção gera dúvidas, pois percebe se gestões diferenciadas com instruções não tão homogêneas principalmente em situações complexas do jogo.” (FABRICIO VILARINHO, 2020). Ao mesmo tempo em que esse árbitro aponta para um processo em construção e instruções não tão homogêneas, ele destaca uma questão bastante presente nos argumentos dos entrevistados quando eles mencionam a linha de intervenção: o aprimoramento.

O aprimoramento, como tratei no capítulo anterior, é entendido como um passo além da capacitação (daquela formação que habilita os árbitros a trabalharem como assistentes de vídeo), se referindo a um momento de discussões e refinamento por parte daqueles que já atuaram e estão atuando na VOR. Essa, portanto, é uma direção de amadurecimento do uso da ferramenta, que está em movimento nas Comissões de Arbitragem, na perspectiva de qualificar, o que significa menos tensões e mais tranquilidade pelo conhecimento e reconhecimento da uniformidade, como indicam os excertos de entrevistas a seguir.

Então sempre vejo isso com muito cuidado, a gente sempre debate também. A Comissão sempre debate com os árbitros qual o sentimento de campo, e também o que poderia mudar para juntos construir sempre uma melhor maneira de uso da ferramenta do VAR. Então eu vejo o VAR sendo utilizado com muita prudência, os protocolos são bem colocados não é [...]. Ainda podemos chegar, ainda vamos melhorar provavelmente agora nesse Campeonato de 2020, se tudo permitir que ocorra bem. Agora é tentar melhorar essa ferramenta, o treinamento está sendo feito então eu acho que para o ano que vem vejo a aplicação do protocolo nos jogos, ele tende ser cada vez melhor e cada vez mais rápido com todo mundo entendendo realmente como funciona a ferramenta. (FLÁVIO RODRIGUES DE SOUZA, 2020)

Então eu acho que as tensões minimizaram. Obviamente que as tensões ficam restritas, hoje em dia, à linha de intervenção a não entrar em lances que não devem, como nós entrávamos no início do Campeonato passado, não chamar por qualquer coisa [...] (JOSÉ FRANCO FILHO, 2020)

Uma das formas como se expressa o amadurecimento da linha de intervenção alta, como se pode notar, é a diminuição da tensão no próprio uso da ferramenta na configuração da arbitragem. Isso tem relação com encontrar esse ponto de equilíbrio na própria configuração do jogo e nas interações entre os árbitros de campo e da cabine, entre os

árbitros principais e os assistentes. Trata-se da construção do que se pode denominar de tranquilidade no uso do protocolo VAR.

6.2.3 O VAR entre trabalhar ‘pensando na cabine’ e ‘no campo’

Uma última questão que representa o amadurecimento do uso do protocolo VAR na arbitragem e que esteve bastante presente nas entrevistas com os interlocutores do estudo foi, por um lado (no campo), a importância de os árbitros de campo trabalharem ‘pensando na cabine’ e, da mesma forma, de os árbitros assistentes de vídeo (na VOR) atuarem ‘pensando no campo’.

É possível afirmar que uma parte considerável do uso da ferramenta nos jogos depende da mudança da técnica de arbitragem em campo num sentido: o de adiar o apito ou a bandeira. Cabe aos árbitros principais e assistentes deixar seguir uma jogada quando, por exemplo, ela envolve uma situação ajustada (alguns centímetros num impedimento), jogadas terminais (aquelas que resultam em finalizações/gols) ou uma situação de zona cinza (interpretação). Deixar seguir significa não apitar ou levantar a bandeira no momento que uma situação acontece, possibilitando que o lance seja desenvolvido até que se tenha a possibilidade de parar para, então, checar e, se for o caso, revisar. Para isso, cabe ao árbitro evitar o reinício antes da checagem/revisão, criando o tempo de trabalho do VAR. Se o árbitro/assistente não deixa a jogada seguir e, depois, é verificado que se tratou de um erro, tal situação pode ter sido uma daquelas consideradas capital na mudança do rumo da partida. Algumas explicações dos entrevistados, ajudam a compreender bem essa condição:

Tive uma situação, duas situações logo nas duas estreias, nas duas primeiras vezes que eu trabalhei como VAR, com relação a uma marcação de pênalti e com relação a uma bola que nós não sabíamos se tinha saído ou se não tinha saído, mas que o árbitro [de campo] tinha apitado antes. Aí não tinha o que fazer mais. Então, assim, algumas coisas geram muita tensão na cabine e para lidar com isso eu acho que é só o tempo e a maneira cognitiva como você aprende a ferramenta para reagir mais rápido a ela e lidar melhor com ela. (PERICLES BASSOLS, 2020)

[...] é importante para o árbitro de campo ter o trabalho de campo, mas também ter o trabalho na cabine [...]. E aí o que é importante, nós como árbitros centrais não apitarmos em lances que tenha uma eminência de gol, assim como os assistentes em lances de possível impedimento que possam resultar em gol. Para que? Para que nós não encerremos com o apito, parando o jogo e atrapalhando uma possível entrada do VAR para corrigir um erro que possa ter passado despercebido no campo. [...] Então, é essa a fundamental mudança que nós temos, além também de não reiniciar o jogo tão rápido logo após situações que possam ter entradas do VAR [...]. (RAPHAEL CLAUS, 2020)

Eu acredito que uma coisa que mudou muito é a questão de você deixar seguir uma jogada, que, para você, é ajustada e essa se tornar numa nova jogada que o VAR não pode entrar. Por exemplo: você deixa seguir uma jogada ajustada e essa bola sai pela

linha de fundo e o reinício vai ser com escanteio. Como você deixou seguir essa jogada ajustada e vai ser cobrado escanteio se dessa jogada sair um gol o VAR não vai poder interferir e dizer que na origem da jogada teve um impedimento, porque o jogo já foi reiniciado. (NEUZA BACK, 2020)

É importante tanto para o árbitro, como, para o árbitro assistente, nas jogas terminais, [é] ter a capacidade de esperar o desfecho dessa jogada para poder tomar a decisão. Somente dessa maneira o árbitro de vídeo ele poderá ser acionado. Então, é uma situação que tem que ser bem trabalhada, bem desenvolvida tanto para o árbitro, quanto para o assistente, para que não fira os protocolos da utilização desse implemento [...]. Porque o árbitro de campo, ele também toma a decisão, por mais que muitas situações ela se torne um pouco retardada em função da possibilidade de usar o árbitro de vídeo. [...] Porque já que o árbitro, o assistente toma uma decisão e antes deste desfecho não tem como voltar atrás e deixar a jogada seguir, e dar um gol, ou não dar um impedimento, porque a decisão já foi tomada no campo de jogo. [...] então, [essa] é a chave de toda essa questão [...]. (RAFAEL ALVES, 2020)

Trabalhar ‘em campo’ pensando ‘na cabine’, portanto, indica uma importante mudança na técnica de arbitragem atrelada à implementação do protocolo VAR e que, segundo expressam os entrevistados, gera uma tensão na definição sobre qual lance deixar seguir e qual deve ser imediatamente assinalado. Isso tem relação com duas questões/tensões a serem equilibradas na configuração dos jogos: o árbitro/assistente deve trabalhar para manter a dinâmica do jogo (linha alta de interferência); não lhe cabe ficar refém da checagem/revisão, mas assumir a sua responsabilidade de tomar a decisão. Sobre essas questões/tensões e como elas estão atreladas ao desenvolvimento de uma ‘frieza’ para adiar o apito ou a bandeira, aponto algumas manifestações dos árbitros entrevistados.

A mudança de algumas técnicas de arbitragem, principalmente relacionada a ver, interpretar e esperar ou não para tomada de decisão, gera uma ansiedade que pode nos afetar no campo de jogo. Além disso a busca por não perder a característica de nosso trabalho, nos tornarmos árbitros mecânicos e reféns da tecnologia é um desafio inicial desse processo do Árbitro de Vídeo. (BRUNO RAPHAEL PIRES, 2020)

Então ao mesmo tempo em que o VAR veio para te ajudar, [...], isso é um sentimento meu enquanto assistente, quando tem uma jogada justa que ela não termina em gol, mas a posse dessa bola fica para o ataque, ou, por exemplo, numa falta também, fica um pouco mais de tensão, porque você sabe que se você errou em deixar aquela jogada ajustada seguir, você não vai poder ser corrigida pelo VAR. Então essa pra mim é a principal dificuldade quando eu estou lá dentro de campo. (NEUZA BACK, 2020)

Na verdade, com o passar do tempo na arbitragem, a gente acaba desenvolvendo um pouco de frieza para as decisões mais ajustadas e as decisões terminais, tanto de uma situação de gol como uma situação de pênalti/não pênalti, uma situação de cartão vermelho, enfim. E o árbitro de vídeo a gente tem que ter a capacidade de ter a frieza para poder tomar a decisão, não sinalizar e esperar o desfecho dessa jogada para informar a decisão a todos. (RAFAEL ALVES, 2020)

Nesse sentido, o amadurecimento do uso do protocolo VAR, sem diminuir a importância e o protagonismo do trabalho em campo, envolve o equilíbrio e a frieza de

‘pensar na cabine’ e, portanto, em criar a oportunidade de trabalho para os membros da arbitragem que lá trabalham. E, se isso é apontado pelos entrevistados como algo novo ou algo que mudou de maneira significativa, mais novo/diferente ainda é o trabalho na VOR, onde a própria experiência do tempo se torna diferente, conforme os dois interlocutores abaixo:

Existe uma grande diferença entre estar no campo e na sala de operações de vídeo, pois no campo, 50 segundos parecem uma eternidade e todos acabam reclamando da ‘demora’, porém, na cabine, [esses 50 segundos] passam voando e, às vezes, precisamos de, no mínimo 3, 4 ângulos para analisar e julgar corretamente a jogada. (SÉRGIO CORRÊA, 2020)

Na VOR, sala destinada para os Árbitros e Assistentes de Vídeo, a vivência foi algo totalmente diferente do que estávamos acostumados: várias imagens, diferentes ângulos, a pressão de analisar todos os lances previstos no protocolo, a busca pela câmera certa que nos daria a melhor imagem para analisar o lance. Tudo isso ao mesmo tempo gera uma tensão grande, pois a tomada de decisão correta, no menor tempo possível, gera ansiedade o que pode interferir em nossa assertividade. (BRUNO RAPHAEL PIRES, 2020)

A tensão do tempo existe porque, de modo inverso, essa experiência na VOR demanda que os árbitros assistentes que ali trabalham ‘pensem no campo’. Eles conhecem e reconhecem a experiência do tempo no campo e trabalham com essa informação/sensação. Para apresentar um exemplo de argumentação nesse sentido, trago explicações do árbitro Rodrigo Guarizo, membro do quadro da FIFA, com 44 anos no momento da entrevista, que foi apresentado ao VAR depois de muita experiência na arbitragem em campo. Em 2019 relatou que trabalhou em 32 jogos como VAR no ‘Brasileirão’, além de partidas decisivas de outras competições. É com base nessa experiência ‘na cabine’ que traz sua argumentação a respeito de como ‘pensar no campo’.

[...] é claro que era um implemento a mais, uma ferramenta a mais, então você tem que mudar muitas coisas que você, às vezes, não está acostumado. Uma das coisas é a forma de raciocínio, eu dizendo de VAR, que eu trabalhei mais de VAR. É o equilíbrio que eu busco lá dentro, é que a cada lance que passa, e que eu tenha que tomar algum tipo de decisões, também quando o árbitro chama o árbitro para ir fazer sua revisão, antes disso pode ter certeza que em questões de segundos aquele lance eu pensei nele como jogador, eu pensei nele como árbitro de campo, eu pensei nele como se eu tivesse na arquibancada, como próprio árbitro VAR e também como telespectador [...]. [...] eu me ativo realmente colocando essas situações que possam me deixar um pouco em dúvida, e ali não tem como, eu tenho que ter a certeza, eu tenho que interpretar também como se eu estivesse sendo o árbitro do jogo. [...] Na questão do VAR, da VOR, as tomadas de decisões deles [em campo] também é o que vamos tomar lá em cima [na cabine], tem que sempre estarem batendo, tem que estarem sempre em ordem, tem que estarem sempre com as mesmas características. [...] Então, na verdade eu faço uma análise do jogo visual e auditivo que me direciona de uma forma que nós vamos fazendo as análises e vendo se nenhum daqueles quatro protocolos, quatro itens do protocolo estão sendo feridos. [...] eu não posso também analisar só a questão de uma imagem, porque às vezes um tipo de

imagem que a gente vê nos cinemas, novelas, ‘o cara’ brigando, dando socos então parece que realmente acontece aquilo. E na verdade nada daquilo é feito, são jogos de câmeras que são colocados no determinado ângulo, que a impressão é que o chute foi certo, o soco também. Então também se nós nos prendermos numa imagem só, é possível que erremos [...]. (RODRIGO GUARIZO, 2020)

Não por acaso os árbitros de campo fazem cursos de VAR e os que efetivamente trabalham como VAR saem dos quadros de árbitros de campo. A experiência de seleção e de análise das imagens na VAR, pelo entendimento presente no conteúdo das entrevistas, é/deve ser atravessada pela experiência ‘do campo’, da capacidade do VAR ‘pensar como’ estivesse na configuração do jogo, dentro do campo. Isso porque não apenas é diferente a experiência do tempo (sobre como os 50 segundos são distintos), pois também a noção de erro é diferente entre campo e cabine. Embora errar na VAR seja considerado um problema ainda mais sério (se comparado ao do árbitro em campo), na medida em que o VAR estaria baseado em imagens objetivas, essa é uma representação incompleta, posto que o trabalho na cabine também tem suas tensões e uma busca de equilíbrio entre: pensar como árbitro de campo para selecionar e analisar imagens relevantes para cada situação; saber da importância de se manter a dinâmica do jogo em campo, com interrupções mais breves possíveis; e reconhecer que seu lugar é de suplementação de informações para a construção de decisões em 4 situações específicas e não de decisão final.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa surge das minhas indagações como árbitro de futebol profissional, atividade que exerço desde 2007, a qual tem sido provocada a desenvolver modificações tendo em vista a implementação do protocolo VAR. É nesse contexto que me produziu a desenvolver a presente investigação, tendo como objetivo compreender como membros da equipe de arbitragem do futebol profissional brasileiro (Série A, Masculino) têm vivenciado o processo de introdução do VAR e qual a sua direção em termos de equilíbrio de tensões na configuração numa perspectiva de seu amadurecimento.

A partir do que pude descrever e analisar no capítulo 5, me foi possível compreender que a atuação um árbitro assistente de vídeo (VAR e AVARs) trabalhando na VAR está inserida em modificações das configurações do futebol profissional e da própria equipe de arbitragem (cadeias de interdependências), que constituem e implementam novas etiquetas, isto é, novas formas incorporadas de afirmação e legitimação de poder, aqui manifestadas na forma de um intrincado protocolo. Os árbitros entram em contato com esse protocolo VAR passando por distintas configurações de arbitragem (o amador, a federação, a CBF e a FIFA), na forma de uma trajetória que, ao mesmo tempo, apresenta hierarquias, mas também contempla interrelações. Contudo, é na configuração da CBF e FIFA, a chamada configuração ‘top’, que os árbitros passaram a ter contato com o protocolo na configuração da arbitragem do futebol profissional, inclusive assumindo (nas relações de poder) suas responsabilidades e compromissos para com ele.

Em função disso, seria muito simplista entender o VAR como o uso de tecnologia na arbitragem do futebol. Mais do que isso, trata-se de uma mudança na configuração da arbitragem, com a inserção de processos, pessoas e maior diferenciação funcional. No Brasil, essas mudanças têm sido construídas e implementadas no futebol profissional desde 2017, porém seguindo as orientações e determinações da IFBA/FIFA, inclusive por força de contrato. Na cadeia de interdependências, essas entidades têm a tutela do protocolo, o qual, ao ser internalizado como ferramenta, interioriza as relações de poder da configuração. Isso significa que, para que esse protocolo seja aplicado como ferramenta nas configurações dos jogos, é imponderável um esforço de internalização por parte daqueles que fazem parte das configurações da arbitragem profissional. Nesse sentido, conforme pude descrever e analisar, uma trajetória de treinamento tem ocorrido, com processos de capacitação e de habilitação de pessoas e, mais recentemente, de aperfeiçoamento. Esse processo envolve a interiorização de

etiquetas que traduzem as diferenças das posições e funções na configuração da arbitragem, com vistas a um equilíbrio de tensões.

Avançando nas análises, no decorrer do capítulo 5, abordei exatamente a construção desse equilíbrio de tensões. As descrições e análises desse capítulo foram importantes para que eu pudesse compreender que a busca de equilíbrio de tensões relacionadas ao uso do VAR na configuração do jogo de futebol tem relações com os limites e a falibilidade humana diante das modificações do jogo e dos jogadores profissionais, os custos econômicos dos erros e do tempo, a manutenção da dinâmica do jogo, a aprovação por parte de membros da configuração a sensação de garantia, segurança e proteção e a busca de jogos limpos disciplinarmente.

Nessa configuração, o amadurecimento do uso do VAR envolve o equilíbrio de tensões em relação a:

- uma equação de poder entre hierarquia e colaboração entre aqueles que trabalham ‘em campo’ e os que atuam ‘na cabine’, assim como entre o ‘árbitro principal’ e os ‘assistentes’. É no limiar entre autoridade principal e de liderança colaborativa que se procura estabelecer um equilíbrio de tensões, o que envolve reuniões técnicas de planificação e alinhamento, desenvolvimento de processos e formas de comunicação.
- o estabelecimento e a manutenção de uma linha de intervenção em que pese a manutenção da dinâmica da configuração do jogo. A produção desse equilíbrio, na experiência da arbitragem brasileira investigada, tem se desenvolvido em torno da chamada linha de intervenção alta, buscando o mínimo de interferência, com critérios claros/objetivos e esforços intensos na capacitação/aperfeiçoamento para que o equilíbrio seja o mesmo em distintas configurações de jogos e não apenas resultado de uma configuração específica de equipe de arbitragem.
- o trabalho do árbitro em campo que atua 'pensando na cabine' e do árbitro da VOR que atua 'pensando no campo'. Isso significa que é preciso para ambos criar condições para o trabalho um do outro, ou melhor, atuar em face do trabalho do outro. Por exemplo, é preciso, para o árbitro de campo, saber adiar uma decisão, como para o árbitro assistente de vídeo, saber selecionar imagens e ângulos coerentes com as demandas do campo.

Esses três pontos de busca e construção de equilíbrio são os que apontam para a direção específica do processo social de amadurecimento do uso da ferramenta VAR na configuração do futebol profissional investigado. Em outras palavras, é possível afirmar que é em torno dessas três questões que perpassam grande parte dos desafios de equilíbrio de

tensões na configuração da arbitragem com vistas a um equilíbrio da própria configuração dos jogos de futebol profissional. Atualmente, também atuando como árbitro assistente de vídeo da CBF, me deparo com tais pontos.

8 REFERÊNCIAS

BARROS, Mateus Kerr. **O VAR e o Tempo**: a dinâmica das transmissões esportivas com a utilização do árbitro de vídeo. 2019. 181f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

BLOG DO PVC. **Conmebol diz que gol do River foi checado pelo VAR**. Blog do PVC, 31/10/2018. Disponível em: <https://pvc.blogosfera.uol.com.br/2018/10/31/conmebol-diz-que-gol-do-river-foichecado-pelo-var> Acesso em: 08 abr. 2019.

CBF. Confederação Brasileira de Futebol. **Arbitragem: balanço da temporada 2018**. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/arbitragem/arbitragem-veja-o-balanco-da-temporada-2018> Acessado em jul. de 2019a.

CBF. Confederação Brasileira de Futebol. **Árbitro de vídeo**: recurso ajuda a definir pênalti. Informes. Assessoria CBF em 08/05/2017. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/arbitragem/arbitro-de-video-recurso-ajuda-a-definir-penalti#.WVEtoBPyui4> Acessado em 15 abr. 2021a.

CBF. Confederação Brasileira de Futebol. **Árbitro de Vídeo confirmado em Salgueiro x Sport**. Informes. Assessoria CBF em 26/06/2017. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/arbitragem/arbitro-de-video-confirmado-em-salgueiro-x-sport> Acessado em 15 abr. 2021b

CBF. Confederação Brasileira de Futebol. **Árbitros Assistentes de Vídeo - VAR**. Manual de implementação em competições oficiais. Versão 8. Rio de Janeiro, 10 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/arbitragem/aplicacao-regra-diretrizes-fifa/manual-para-arbitro-assistente-de-video> Acessado em: 20 fev. 2021.

CBF. Confederação Brasileira de Futebol. **CBF anuncia criação do Centro de Excelência da Arbitragem Brasileira (CEAB)**. Seção de informes. Assessoria CBF. Publicado em: 24 mar. 2021b. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/index/cbf-anuncia-criacao-do-centro-de-excelencia-da-arbitragem-brasileira> Acessado em: 01 abr. 2021.

CBF. Confederação Brasileira de Futebol. **Com apoio da CBF, IFAB realiza visita técnica do VAR para Federações**. Seção Informes do Website Institucional. Publicado pela Assessoria em 19 nov. 2018a. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/arbitragem/com-apoio-da-cbf-ifab-realiza-visita-tecnica-do-var-para-federacoes>. Acesso em jul. 2019 Acessado em: 10 jul. 2019.

CBF. Confederação Brasileira de Futebol. **Mesa de debate encerra visita técnica da IFAB sobre o Árbitro de Vídeo**. Seção Informes do Website Institucional. Publicado pela Assessoria em 22 nov. 2018c. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/arbitragem/ Mesa-de-debate-encerra-visita-tecnica-da-ifab-sobre-o-arbitro-de-video> Acessado em: 10 jul. 2019.

CBF. Confederação Brasileira de Futebol. **Protocolo, tecnologia e números são foco de visita técnica sobre o VAR**. Seção Informes do Website Institucional. Publicado pela Assessoria em 20 nov. 2018b. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a->

[cbf/informes/arbitragem/protocolo-tecnologia-e-numericos-sao-foco-de-visita-tecnica-sobre-o-var](#) Acessado em: 10 jul. 2019.

CBF. Confederação Brasileira de Futebol. **Regras de Futebol 2019/20**. Disponível em: https://conteudo.cbf.com.br/cdn/201909/20190902145532_358.pdf Acessado em: 15 jul. 2019.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade de Corte**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001b.

ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2008.

ELIAS, Norbert. **Norbert Elias por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001a.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador: uma história dos costumes**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FIFA. Fédération Internationale de Football Association. **VAR "light" concept taking shape**. Media Release. Publicado em: 17 nov. 2020. Disponível em: <https://www.fifa.com/who-we-are/news/var-light-concept-taking-shape> Acessado em: 10 abr. 2021.

FIFA. Fédération Internationale de Football Association. Football technology. **VAR at the 2018 FIFA World Cup**. Disponível em: <https://football-technology.fifa.com/en/innovations/VAR-at-the-World-Cup/> Acessado em: 15 jul. 2019.

FIFA. Fédération Internationale de Football Association. Football technology. **VAR at the 2018 FIFA World Cup**. Disponível em: <https://football-technology.fifa.com/en/innovations/VAR-at-the-World-Cup/> Acessado em: 15 jul. de 2019.

GOMES, Ricardo Duarte; SILVA, Edilma Pereira da. O olho da Câmera como o Quinto Árbitro: o juiz de futebol e os olhos eletrônicos da cobertura do fato esportivo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28. INTERCOM, 2005. **Anais...** Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/99797572823511733243868755551316173801.pdf> Acessado em: 08 abr. 2019

ROBSTEIN, Gustavo; RODRIGUES, Jorge Luiz; ZARKO, Raphael. Clubes aprovam por unanimidade, e Campeonato Brasileiro terá VAR em todos os jogos. Matéria do Globo Esporte.com. Seção Brasileirão Série A. Publicada em 22/02/2019. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/brasileirao-serie-a/noticia/clubes-aprovam-e-campeonato-brasileiro-tera-var-em-todos-os-jogos.ghtml> Acessado em: 15 abr. 2021.

TRIVELLA. Collina: O VAR não é a perfeição. Não é possível acertar tudo. Mas estamos próximos". Disponível em: <https://trivella.com.br/collina-var-nao-e-perfeicao-nao-e-possivel-acertar-tudo-masestamos-proximos/> Acessado em: 08 abr. 2019.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

APÊNDICES

Apêndice 1 – Roteiro das entrevistas com árbitros e dirigentes

ROTEIRO DA ENTREVISTA

1. Você pode relatar um pouco da sua trajetória de início até os dias de hoje, na arbitragem?
2. Para você com tem sido a construção dos protocolos do VAR na Série A do Campeonato Brasileiro de Futebol (Masculino)?
3. Como tem sido para você a introdução dos protocolos do VAR na Série A do Campeonato Brasileiro de Futebol (Masculino)?
4. Como foram as vivências na formação do curso do VAR, no campo de jogo e a sala do VAR?
5. Quais as principais mudanças que você observou a partir da implementação do VAR, nas práticas, dentro e fora do campo, antes e depois das partidas?
6. Quais as principais tensões que você tem enfrentado, em decorrência da implementação do VAR e como você busca desenvolver um equilíbrio delas?
7. Como você percebe o rumo ou o futuro, da implementação do VAR, no futebol profissional brasileiro, Série A, Masculino?

Apêndice 2 - Carta de apresentação e solicitação de autorização

Porto Alegre, 10 de fevereiro de 2020.

Prezado(a) [nome completo do árbitro/membro de equipe de arbitragem]

Sou aluno do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e estou desenvolvendo, sob orientação do Prof. Dr. Mauro Myskiw, a Dissertação de Mestrado intitulada PROCESSO DE AMADURECIMENTO DE USO DO VAR NO FUTEBOL BRASILEIRO: PERSPECTIVA DA EQUIPE DE ARBITRAGEM. Trata-se de uma pesquisa que tem como objetivo a compreensão das mudanças nas formas de trabalho de equipes de arbitragem que atuam na Série A do Campeonato Brasileiro de Futebol (Masculino), a partir da implementação do Árbitro Assistente de Vídeo (VAR).

Para desenvolver este trabalho necessito da Vossa colaboração no sentido de participar de uma entrevista baseada no roteiro de questões em anexo.

Atenciosamente,



ANDERSON DA SILVEIRA FARIAS
Aluno do Curso de Mestrado no Programa de
Pós-Graduação em Ciências do Movimento
Humano da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul.



MAURO MYSKIW
Professor do Programa de Pós-Graduação
em Ciências do Movimento Humano da
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul.

Apêndice 3 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Dissertação: Processo de amadurecimento de uso do var no futebol brasileiro:
perspectiva da equipe de arbitragem

Pesquisadores responsáveis: Anderson da Silveira Farias, Mauro Myskiw

Instituição/Departamento: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande /UFRGS)

Telefone para contato do pesquisador: [número do telefone]

Objetivo do estudo: O projeto de estudo tem como objetivo compreender como membros da equipe de arbitragem do futebol profissional brasileiro (Série A, Masculino) têm vivenciado o processo de introdução do VAR e qual a sua direção em termos de equilíbrio de tensões na configuração numa perspectiva de seu amadurecimento.

Prezado(a):

SOBRE A ADESÃO:

Você está sendo convidado(a) a responder essa entrevista de forma totalmente voluntária. Antes de concordar em participar desta pesquisa é muito importante que compreenda as informações e instruções contidas neste documento, considerando que:

- Os pesquisadores deverão responder todas as suas dúvidas antes que você se decida a participar.
- Você tem o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade e sem perder os benefícios aos quais tenha direito.

SOBRE A PARTICIPAÇÃO:

Sua participação nesta pesquisa consistirá em:

- Disponibilizar um tempo aproximado de 60 minutos para responder às perguntas (esse é o tempo médio necessário para a realização da entrevista);
- Responder as questões constantes da entrevista (roteiro em anexo).

SOBRE OS BENEFÍCIOS:

A finalidade desta pesquisa é ampliar os conhecimentos sobre a implementação da tecnologia do VAR no do futebol profissional brasileiro (Série A, Masculino).

SOBRE OS RISCOS:

Toda a pesquisa envolve algum tipo de risco e, neste caso, algumas questões poderão gerar constrangimentos ou conflitos de interesses. Assim, caso, durante as entrevistas, observe qualquer constrangimento ou conflito de interesses, basta manifestar para que o processo seja encerrado e a situação de normalidade seja restaurada.

SOBRE O SIGILO:

As informações fornecidas por você farão parte de uma dissertação de mestrado que ficará disponível em repositório da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como também poderão compor artigos publicados em periódicos, livro ou capítulos de livros. **Dessa forma, é relevante salientar que não haverá sigilo da fonte.**

DECLARAÇÃO DE ESCLARECIMENTO E DE CONSENTIMENTO

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____
_____, estou de acordo em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Local e data: _____

Assinatura do entrevistado

Assinatura do pesquisador